OTELO: REGRESSO DO CARISMA • PSD: UM ANIVERSÁRIO TRISTE

Págs. 4 e 6

Diário de Lisboa

ANO 69 N.º 22 971 Segunda-feira, 22 de Maio de 1989 Preço 50$00

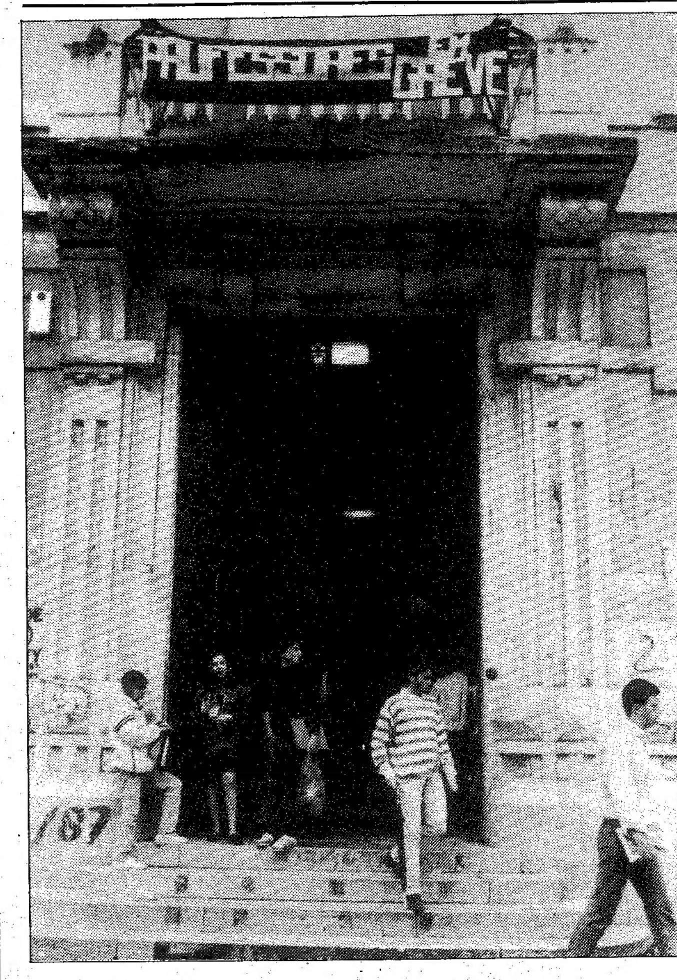
Maio veste de amarelo

CHINA: O PODER DESCEU À RUA

O poder desceu à rua na China. Evitar que ele se instale por lá definitivamente, constitui a preocupação principal dos dirigentes chineses. No entanto, o próprio poder está dividido entre conservadores, partidários da repressão sobre os dois milhões de manifestantes da Praça Tiananmen, e os que consideram que o exército não deve intervir

Pág. 26

PROFESSORES EM GREVE



QUADRO NEGRO

É considerada uma greve histórica, de três dias, a que os professores hoje desencadearam,e que conta adesões muito próximas dos cem por cento. Respondem, assim, à «afronta» que lhes foi feita pelo Governo com uma proposta de «grelha salarial» geralmente considerada como inaceitável.

Pág. 15

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

23 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º – LISBOA

PRD abre na quarta-feira um encadeado de interpelações aoGoverno

Discutidos que foram, na sexta-feira passada, os poderes, a organização e as competências próprias assim como as do Presidente da República, a Assembleia debate hoje e amanhã o que falta rever da organização política do Estado, com particular incidência sobre o Governo e os Tribunais. Trata-se de matéria da maior relevância dentro das tarefas da revisão constitucional em curso e culmina um mês de acesos debates que deixarão para a sua ponta final, apenas, as autarquias e Regiões Autónomas e as disposições transitórias do texto constitucional.

Se amanhã houver votações--só a conferência de líderes o poderá dizer, quebrada que foi a sagrada regra inicial das votações à quinta-feira--e o programa de discussão por blocos for produtiva hoje (de tarde e à noite) e amanhã (três sessões, desde as 10 às 0.30 horas), pode dizer-se que o principal do que havia a rever estará revisto.

Abre-se, depois, um encadeamento de interpelações ao Governo politicamente preparatórias e enquadráveis na onda das eleições para o Parlamento Europeu. A partir daí, o trabalho parlamentar fica dependente, até à interrupção de quinze dias prévia às eleições, apenas dos retoques finais à Constituição.

Há, ainda, a considerar a eventual moção de censura do PCP, mas essa, como tudo o indica, está no «banho Maria» das reflexões do aparelho central comunista que não revela grande vontade de a sujeitar à fornalha do debate público.

Na quarta-feira, dia 24, a interpelação ao Governo é subscrita pelo PRD e incide sobre política geral «orientada para questões sociais, designadamente nos domínios da saúde e da segurança social». São quase quatro horas de debate previsto com o tempo distribuido a privilegiar o partido interpelante e o Governo, 70 minutos cada.

De hoje a uma semana, portanto na segunda-feira 29, é a vez do PCP interpelar o Governo, numa operação que, para os efeitos práticos da propaganda pré-eleitoral, poderá suprir a moção de censura se ela, entretanto, morrer na casca.

No dia seguinte, o Partido Socialista faz subir a Regionalização ao plenário da Assembleia da República, numa tentativa de travar o adiamento desta questão que o PSD só quer discutir lá para o fim do ano. Vão ser votados os projectos de Regionalização de todos os Grupos Parlamentares...excepto o do PSD. Sabido isso, pode prefigurar-se o cenário: a Maioria rejeita, um a um, esses projectos e deixa o seu congelado para o chamar a votos quando o entender politicamente conveniente.

Na quarta-feira dia 31, é a vez do CDS fazer ouvir o seu rol de queixas ao Governo chamando a audição parlamentar (uma nova figura criada pelo Regimento em vigor e que será utilizada pela primeira vez) alguns dos figurões do elenco de Cavaco Silva. A pecularíedade desta iniciativa parlamentar é que decorre não em plenário, mas em Comissão aberta à opinião pública.

Restam assim, até a Assembleia encerrar por quinze dias, em virtude das eleições europeias (a última sessão, marcada para 2 de Junho, é a da interpelação do Partido Socialista), duas datas livres para concluir a revisão constitucional: sexta-feira próxima e 1 de Junho.

Correm rumores entre os deputados da Maioria segundo os quais, se a Oposição se comportar bem hoje e amanhã (ou seja: se deixar fluir, dentro do programado, o debate da revisão constitucional), na próxima sexta-feira todos os parlamentares terão direito a uma folga. Se não, lá terão de interromper o fim de semana prolongado, desde o feriado de quinta-feira próxima, umas mini-férias que quem está a dar à língua todos os dias úteis da semana, quase sempre de manhã, de tarde e à noite, bem mereceria.

***António Vitorino** garantiu que o PS conseguiu minorar os danos da redução do número de deputados. O PSD ainda queria ir mais fundo no corte.*

Órgãos do poder político em sede de revisão

ASSEMBLEIA ENCOLHE

A Assembleia da República vai reduzir os seus efectivos de deputados em cerca de vinte unidades e o Presidente da República passa a ter competência para convocar referendos nacionais, num quadro de referência que lhe aumenta, apenas, este específico poder e o deixa, no resto, sensivelmente, com as capacidades actuais. Isto depois de se ter gorado uma tentativa para lhe atribuir competência orçamental própria.

Daniel Reis

Tais ilações, no fundo, decorrentes das propostas saidas da Comissão Eventual para a Revisão Constitucional, foram confirmadas durante os últimos debates, faltando apenas ratificá-las a votos o que acontecerá, provavelmente, amanhã.

Também está assente, por acordo entre o PS e o PSD, que as eleições para a Assembleia da República possam efectuar-se em círculo nacional e não através dos círculos actuais de representatividade distrital. Essa possibilidade vai ser remetida para uma lei ordinária que, para ser aprovada, carece dos votos de dois terços dos deputados, à semelhança do que acontece actualmente para a revisão constitucional.

Foi este, aliás, o ponto do acordo PS/PSD mais contestado nas últimas sessões de revisão em sede do plenário parlamentar.

O PSD queria mais

O Partido Comunista, pela voz do seu líder Carlos Brito, considerou a abertura à formação do círculo eleitoral nacional como «uma distorção do sistema de representação proporcional». Brito criticou também a redução do número de deputados, de 250 para 230 a 235, dizendo que ela «serve o Partido do Governo».

Aplicada a redução à proporcionalidade actual da representação eleitoral, o PCP seria o Partido que sofreria maior perda de deputados.

António Vitorino, constitucionalista socialista de serviço à defesa destas duas posições do acordo com o PSD, garantiu que o PS conseguira minorar os danos pois a proposta do Partido Social Democrata era para uma redução ainda mais profunda dos efectivos parlamentares. E quanto ao círculo eleitoral nacional, o deputado do PS sublinhou a garantia exigida pelo seu partido de que «as leis eleitorais só mudem mediante consensos de dois terços».

Vitorino admitiu que a questão de representatividade eleitoral constituiu, desde sempre, um «marco de discordância entre a esquerda e a direita» e que o círculo nacional «não põe em causa o princípio da representação proporcional». Já é, sim, passível de acentuar o carácter bipolarizador do sistema político nacional, com um acréscimo da tendência para favorecer os dois maiores partidos.

«Reconheço algumas virtudes positivas a esta dinâmica polarizadora», disse Vitorino no plenário parlamentar:

«A bipolarização, muito mais marcante em sistemas como o inglês e o francês, permite evitar soluções pantanosas do tipo Bloco Central--acrescentou. Mas exige também, a partidos como o PCP, uma capacidade de transformação mais dinâmica se pretende ser eficaz no seio da esquerda».

Rui Machete: a defesa assumida do semi-presidencialismo, tese oficial do partido do Governo.

A pretexto de garantir o semi-presidencialismo

Os socialistas já não conseguiram convencer os seus parceiros na revisão constitucional para atribuir ao Presidente da República competência orçamental própria. Actualmente, as verbas de funcionamento da Presidência são atribuidas por iniciativa do Governo e votadas na Assembleia da República, no quadro do Orçamento do Estado.

Igualmente não foi aceite pelo PSD, a pretexto da vantagem de preservar o presente equilíbrio de poderes entre os diversos orgãos de soberania, a proposta conjunta de PS, PCP, PRD e CDS para afirmar constitucionalmente que «o Presidente da República representa externamente o País».

«É muito importante manter o regime semi-presidencialista», respondeu Rui Machete, como base para a justificação da recusa social-democrata.

O PRD apresentara uma proposta mais radical para fazer regressar os poderes do Presidente da República ao «status» anterior à mais recente revisão constitucional.

Mas fê-lo totalmente em vão já que mais ninguém apoiou os renovadores no sentido de fazer reverter a Constituição, neste ponto, ao tempo da presidência do general Eanes.

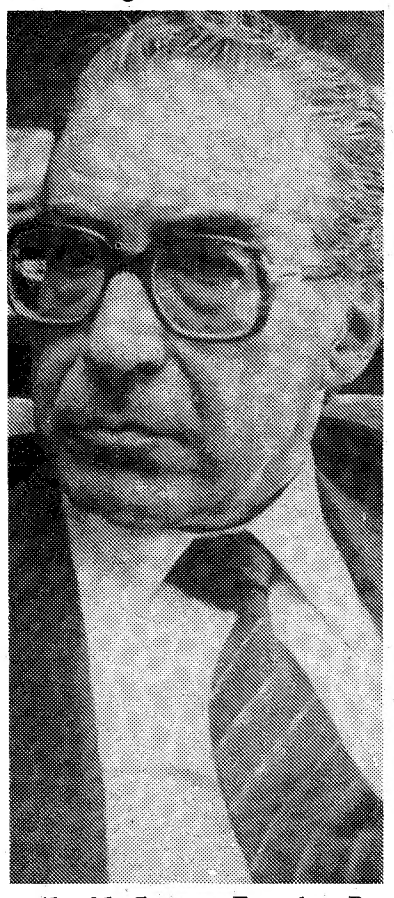
O pró-presidencial Mário Raposo

O deputado Mário Raposo, do partido que sustenta o Governo, manifestou uma certa autonomia de pensamento face à posição do PSD, quanto aos poderes do Presidente da República, embora tenha afirmado estar disposto a respeitar a disciplina de voto.

Ele sublinhou que «tudo o que reforce a magistratura de prestígio do Presidente da República deve ser feito».

«Se a Assembleia da República tem um orçamento próprio porque é que o Presidente não a há-de ter?», perguntou o deputado do PSD e antigo ministro da Justiça.

Mário Raposo: *a voz presidencialista autónoma na bancada do PSD.*



Almeida Santos: *«Essa de o Presidente prestar contas dos lápis que a Presidência compra...».*

Um Presidente autorizado a comprar lápis

Pelo diapasão de Mário Raposo mas com outra consistência e um leque mais vasto de argumentos, porque outra era também a sua base de apoio partidário quanto aos poderes presidenciais, argumentou Almeida Santos, porta-voz oficial do Partido Socialista nesta matéria.

Almeida Santos manifestou a sua estranheza pelo facto de, sendo o Presidente soberano, ter que «dar contas dos lápis que a Presidência compra».

«E também é contraditório que o Presidente, representando a República Portuguesa, não veja consagrada entre as suas competências a de representar externamente o País», disse o constitucionalista do PS.

O presidencialismo do Primeiro-Ministro

Em comentário mais geral à oposição do PSD a tais tentativas de reforço dos poderes do Presidente da República, e baseando os seus comentários na prática seguida nos anos recentes pelo Governo, Adriano Moreira garantiu que isso nada tinha a ver com a manutenção do semi-presidencialismo:

«O que se passa--disse o deputado do CDS--é que caminhamos cada vez mais para um presidencialismo do Primeiro-Ministro».

«O estatuto do Presidente devia ter saido reforçado desta revisão e, quando se nega a autonomia financeira à Presidência, não se lhe reconhece a dignidade de mais alto orgão de soberania do País», concluiu Adriano Moreira.

Adriano Moreira: *«Caminhamos cada vez mais para um presidencialismo do Primeiro-Ministro».*

«História da descolonização abortada»

TIMOR, TERRA SANGRENTA

A jornalista australiana Jill Jolliffe, há muitos anos correspondente de publicações em língua inglesa em Portugal, considera que «Timor-Leste é hoje um país ocupado no mesmo sentido em que alguns países europeus foram ocupados pela Alemanha nazi».

O comentário inclui-se no seu livro «Timor Terra Sangrenta», a lançar hoje em Lisboa, em que relata «a descolonização abortada de Timor-Leste, a sua invasão pela Indonésia e os seus resultados trágicos», com base no seu trabalho no local na década de 70 e depoimentos de timorenses.

Na opinião de Jolliffe, as propostas de falsas soluções» dos últimos anos só «serviram para arrastar o problema», cuja solução dependerá «grandemente das acções dos que estão fora de Timor».

«Se o Governo indonésio não o conseguir resolver de outra meneira, exterminará a população», diz.

A pressão diplomática resultou nalguns casos em Timor, comenta, «mas desde 1975 que ela tem sido pouco consistente e intermitente». Não obstante, a Indonésia é influênciada por ela e a perda do seu prestígio internacional, decorrente das denuncias sobre as atrocidades cometidas pelas suas forças de ocupação da colónia portuguesa no sudeste asiático, levou a que por exemplo tenha desistido de candidatar-se à presidência do Movimento não alinhado no ano passado.

Admitindo uma pausa de futura acalmia aparente na colónia portuguesa, que estaria ocupada por 25 batalhões indonésios no fim do ano passado, Jill Jolliffe diz que ninguém poderá esquecer-se de que «no cerne do caso de Timor-Leste está um crime».

«Quando se examinam as provas - diz - a acção dos indonésios em Timor-Leste pode ser considerada um dos maiores genocídios do século XX, em termos da percentagem de população chacinada».

Na sua opinião, o único processo comparável poderá ser o do genocídio de milhões de arménios pelos turcos em 1915. Ignorar o crime cometido em Timor, acrescenta, «é zombar da sociedade humana, é privar as nossas acções de sentido».

Em 1973, segundo dados da delegação de Timor do Instituto Nacional de Estatisticas, havia mais de 646 mil habitantes na colónia de Timor. Segundo a amnistia Internacional e fontes eclesiásticas, foram mortos cerca de 200 mil timorenses pelos indonésios.

«Timor Terra Sangrenta» faz uma resenha e compilação dos acontecimentos em Timor e processo falhado de descolonização por Portugal, sublinhando o papel do país natal da autora, a Austrália, e outros parceiros da política mundial.

Em levantamento sumário, refere a história da colónia portuguesa e casos e personalidades envolvidas no drama recente daquela que durante a II Guerra Mundial os britânicos chamavam de «gata borralheira das colónias portuguesas».

Segundo o número de Maio deste ano do Boletim «Timor Link» da editora britânica Russell, o líder da principal organização de resistência timorense (FRETILIN) José Alexandre Xanana Gusmão, escapou por pouco à morte em Agosto passado, durante um cerco pelas forças indonésias nas margens do rio Galata. Nessa ocasião, morreram o seu principal chefe de guarda costas, Oan Timor, e o terceiro homem da hierarquia do comando da frente, Bere Malay Laka (Frederico Raimundo).

Na opinião de Jolliffe, Xanana Gusmão - dirigente da FRETILIN desde 1982, na sequência da morte do seu líder e símbolo do nacionalismo timorense Nicolau Lobato, em 1978 - aplicou uma política de unidade nacional bem sucedida e de não alinhamento. Na sua opinião, «seria dificil encontrar hoje em dia um timorense que não seja leal à resistência da FRETILIN (congregando outras forças que não as desta frente) seja qual for o seu ponto de vista político».

Açores poderá deixar de ser a «sentinela do Atlântico»

– considerou, em Ponta Delgada, Álvaro Monjardino

Os Açores, «a sentinela do Atântico» como lhe chamou Álvaro Monjardino, corre o risco de ver o seu desenvolvimento comprometido caso se confirme o desanuviamento internacional. Na opinião do antigo presidente do parlamento açoriano, uma paz menos armada poderá afectar o papel insubstituível das ilhas como vigilantes.

Aquelas considerações foram proferidas no colóquio internacional subordinado ao tema «Relações transatlânticas no limiar do século XXI», cujas as sessões de trabalho tiveram ontem início em Ponta Delgada.

Na prespectiva do político açoriano, o desanuviamento mundial é anunciado, «ainda que não a curto prazo», pelos «desenvolvimentos a acontecerem diariamente na União Soviética». No quadro de tensões entre os dois blocos, líderados pelos Estados Unidos e União Soviética, as ilhas acorians «são mantidas como reserva equipada e pronta a responder rapidamente com serviços próprios em qualquer crise», declarou Álvaro Monjardino.

Para o antigo ministro Adjunto do Governo de Mota Pinto, «enquanto a crise não surge no arquipélago efectua-se dia a dia, hora a hora, a vigilância do mar e a informação e tratamento de dados». Acrescentou ainda que «a situação dos Açores neste quadro de conflito potencial explica a existência e a inevitabilidade dos acordos bilaterais entre Portugal e os Estados Unidos e, a par disso, muitas das razões para a entrada do nosso país na Aliança Atlântica.

«É necessária a reflexão colectiva»

No mesmo colóquio, o ministro da República para os Açores afirmou que a simultaniedade do «processo de mdernização da sociedade portuguesa com mudanças de fundo nas relações internacionais» faz com que «esta excepcional oportunidade dos tempos modernos apareça marcada pela ambiguidade e incerteza».

Por isso, declarou Rocha Vieira, torna-se necessária uma «reflexão colectiva» a qual, na sua opinião, «tem que ser ao mesmo tempo rápida, para que não se perca a oportunidade, e para que não se crie um ambiente social e político de excessiva incerteza».

O general Rocha Vieira afirmou que «actualmente, a penetração física das fronteiras e a ocupação do território deixa de ser uma ameaça mais preemente quando passa a existir a possibilidade de penetração económica e cultural de acções eficázes no âmbito da estratégia psicológica e condicionamento das decisões políticas nacionais».

Frisaria ainda que «as novas oportunidades contidas no ambiente de optimismo realista que marca a actual cena internacional estão, por isso, muito dependentes da capacidade para formular novas concepções ajustadas a um quadro de relações que se alterou».

ESPECIAL FÉRIAS/89
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel d Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo p grama especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

MAIO, JUNHO E OUT.

Programa 1: **13 950$00** — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

Programa 2: **16 975$00** — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

16 500$00— Programa 1 **19 950$00** — Programa 2

• Peq. Suplemento p/ocupação single
• 1 a 31 de Agosto supl: **1100$00**/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$00	51$00
ALEMANHA FED. (marco)	81$65	82$85
ÁUSTRIA (xelim)	11$60	11$80
BÉLGICA (franco)	3$706	3$956
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	136$05	138$55
(notas de 5 a 1000)	136$55	139$05
DINAMARCA (coroa)	29$05	21$35
ESPANHA (peseta)	1$273	1$393
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	162$95	166$45
(notas de 5 a 1000)	163$45	166$95
FINLÂNDIA (marka)	36$70	37$30
FRANÇA (franco)	24$10	24$80
HOLANDA (florim)	72$45	73$55
IRLANDA (libra)	219$30	223$30
ITÁLIA (lira)	$102	$117
JAPÃO (iene)	1$120	1$175
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	261$45	265$95
SUÉCIA (coroa)	24$20	24$70
SUÍÇA (franco)	91$50	93$00
VENEZUELA (bolívar)	3$763	4$563

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

LIGA PORTUGUESA DE HIGIENE MENTAL

Largo Andaluz, n.° 15-7.° Esq.
1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convoco todos os sócios da Liga Portuguesa de Higiene Mental para uma reunião ordinária da Assembleia Geral, a realizar na sua sede, no próximo dia 30 de Maio de 1989.

A Assembleia Geral funcionará, em primeira convocação, com a maioria dos associados, às 20 horas, e, em segunda, uma hora depois, com qualquer número.

A ordem de trabalhos é a seguinte:
I — Informações:
II — Apreciação e votação do relatório e contas referentes ao ano de 1988.
Lisboa, 22 de Maio de 1989.

Pel'A Mesa da Assembleia Geral
João Raul Farinha da Silva
(vice-presidente)

uma cidade limpa

Jantar de homenagem ao estratego da revolução de Abril

OTELO: A FIGURA CARISMÁTICA VOLTOU

Paula Sa

Fotos de Rui Vasco

Os mitos ampliam-se quando são portadores de histórias sofridas. Isso ficou ontem provado no jantar de homenagem a Otelo Saraiva de Carvalho. Muitas centenas de amigos, mesmo alguns que antes nunca tinham falado com ele, solidarizaram-se com o estratego da revolução de Abril. Demonstraram que Otelo é um ponto de referência no presente, uma figura carismática que o próprio sistema político português, indirectamente, ajudou a criar.

Esperavam-no na escadaria da «cantina velha» da Cidade Universitária, onde o jantar se realizou, de cravo vermelho ao peito. «Não via a hora de este momento chegar», dizia um dos presentes. Comentário sintomático do estado de espírito daquele grupo de pessoas, que repetidas vezes se congratularam com a libertação do «capitão de Abril».

Cinco anos preso... No entanto, chegou como se o afastamento dos amigos e da liberdade não tivesse durado mais do que algumas semanas.

«Como estás? Há bastante tempo que não te via», repetiu incessantemente Otelo, por entre abraços e mais abraços. Conteve sempre a emoção, aquela que seria normal após apenas quatro dias de liberdade.

Mais emocionada, pelo menos visivelmente, estava a família que o acompanhou. Paula Carvalho, a filha, trocou breves palavras com o «DL», denotando um misto de felicidade e amargura. «A alegria que hoje temos foi adiada arbitrariamente vezes sem conta», afirmou, acrescentando:«Estou feliz, mas também consciente de que há muitas coisas que não estão certas neste processo».

Um tanto caro o jantar (1.250$00) não impediu que mais de 600 pessoas se juntassem na «cantina velha», comemorando a libertação de Otelo, decidida na passada quarta-feira pelo Supremo Tribunal de Justiça. No hall, uma mesa ao canto cheia de cravos vermelhos, para aos desprevenidos «abstecerem» a lapela com símbolo do 25 de Abril e, como tal, da própria homenagem agora prestada ao estratego da revolução.

Otelo Saraiva de Carvalho não conseguiu comer. Foram tantos os abraços, que o tenente-coronel permaneceu no mesmo local. As mãos, essas, sempre ocupadas a cumprimentar uma massa de gente. Destacavam-se amigos como César Lopes, Zélia Afonso, José Mário Branco, Mário Dionísio, Pezarat Correia, Conceição Lobo Antunes, João Mesquita, Francisco Louçã e Mário Tomé, entre tantos outros.

O «DL» quis saber como se sentia Otelo e o que pensava da homenagem. «Estou óptimo. Feliz como qualquer pessoa que é homenageada», sublinhou. As palavras duras deixou-as para o discurso, que proferiu no final do jantar.

«Única solução: a amnistia»

O discurso improvisado que Otelo viria a proferir era o mais esperado de todo o jantar. Deixou claro que, e apesar de estar em liberdade condicional, não se vai reduzir ao silêncio. «Recuso-me a ser preso por delito de opinião», sublinhou a dada altura. Defendeu com veemência, como única solução possivel para o «fim do pesadelo» dos presos do «caso FP/25», a amnistia. Frisou, contudo, que só a aceitaria como «uma solução política» e nunca como um acto de «clemência».

Otelo Saraiva de Carvalho afirmou que tenciona participar numa investigação sobre o caso «FUP/FP-25», cuja história, em seu entender, «ainda está por fazer». Segundo o estratego da revolução, «é preciso fazer um trabalho de investigação profundo para apurar até que ponto as forças internas e externas interferiram neste processo, que nos levou, a mim e aos meus companheiros, a ser condenados a penas pesadíssimas».

Considerando que a democracia portuguesa não é um modelo perfeito, «como se tem apregoado», Otelo defendeu a tese de que os partidos não são algo essencial. «Vou mesmo à heresia de dizer que eles são um mal para a democracia», afirmou. Justificou, no entanto, que também não era adepto de um partido único, ainda que se pronuncia-se contra a «democracia representativa».

Alertando para o desencadear a 19 de Julho dos «perigosos mecanismos ditatoriais existentes antes do 25 de Abril» o tenente-coronel deixou uma mensagem aos presentes: «É preciso lutar sem medo, porque ele instalou-se na sociedade portuguesa, pela defesa dos direitos dos cidadãos. Não devemos deixar que nos pisem uma vez mais, sobretudo por aqueles que ganharam um lugar ao sol nos partidos».

Otelo Saraiva de Carvalho relembrou, com palavras duras, os primeiros dias de prisão e considerou o Supremo Tribunal de Justiça «um campeão de irregularidades», já que permitiu que ele e os seus companheiros continuassem presos depois de terem cumprido os três anos de prisão preventiva, previstos na lei.

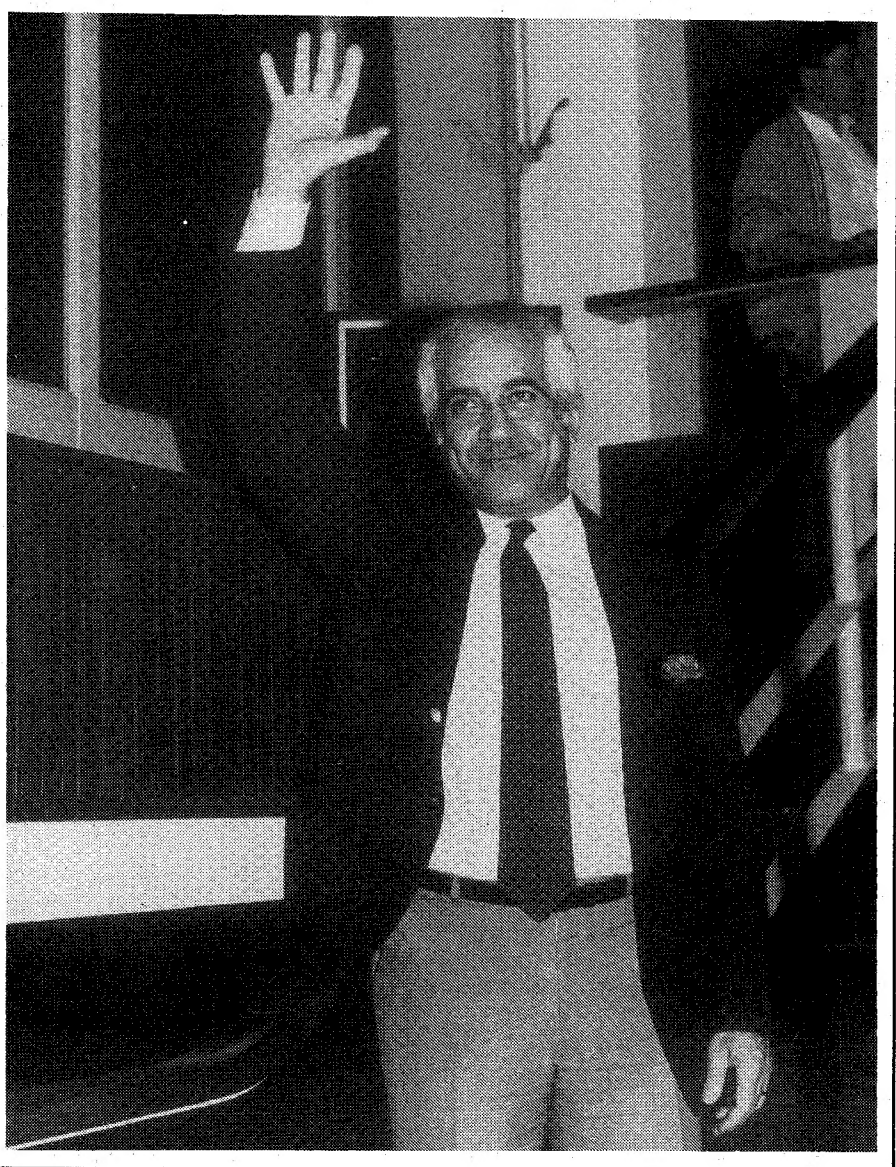
A homenagem terminou em festa. José Mário Branco e Francisco Fanhais entoaram algumas das canções-chave para os homens que fizeram e viveram o 25 de Abril. O que seria melhor para voltar alguns anos atrás, precisamente 15 anos, que a «Grandôla Vila Morena» cantada de cravo vermelho no ar?

Mais um detido em greve da fome

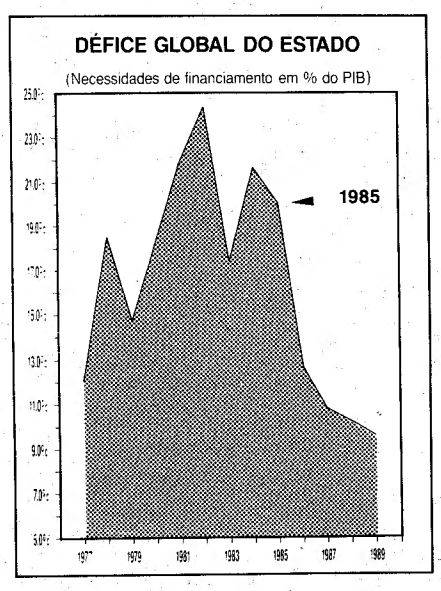
Entretanto, mais um dos detidos do caso «FUP/FP-25», José Manuel dos Santos Silva, membro da Comissão Política da FUP, entrou em greve da fome. Condenado a 15 anos de prisão sob a acusação de ser dirigente de uma organização terrorista, é um décimo preso a encetar esta forma de luta.

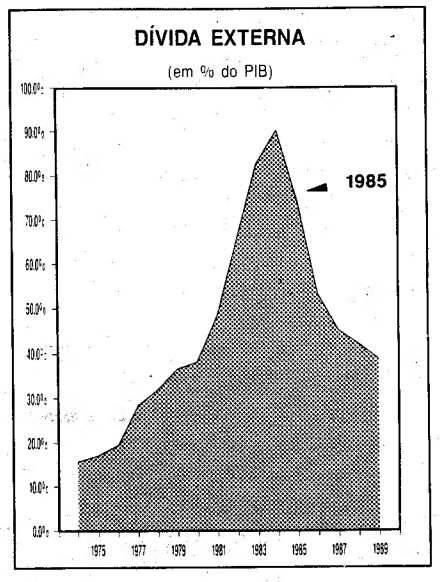
Neste sentido, a Comissão Pró-Aministia Otelo e Companheiros dá hoje uma conferência de imprensa, em Lisboa, com a presença dos presos libertados, à excepção do «capitão de Abril». Otelo Saraiva de Carvalho declarou que «não pode estar presente», embora não seja uma questão de fundo que o impede de se deslocar à sede da comissão, na Rua S. Pedro de Alcântara.

Na conferência, segundo um comunicado da comissão, vão ser tratados quatro pontos, nomeadamente a apresentação dos presos libertados, explicação da situação jurídica e grevistas da fome, com os dados médicos e, por último, o problema da amnistia.



Poupança para prosseguir o progresso de Portugal





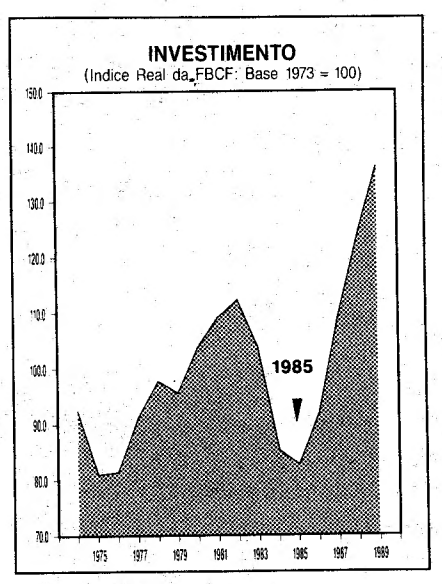
AS SUAS POUPANÇAS
VÃO RENDER MAIS
COM A MÁXIMA SEGURANÇA
E VÃO APOIAR
O PROGRESSO DE PORTUGAL

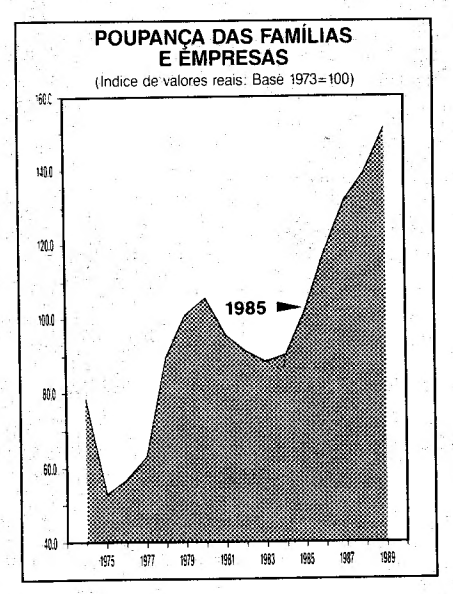
COMPARE OS NOVOS VALORES DO TESOURO

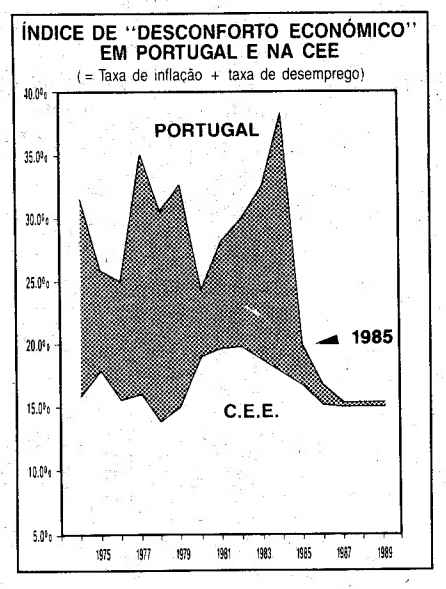
EMISSÕES LIMITADAS
A PARTIR DE 15 DE MAIO DE 1989

DISCIPLINA ORÇAMENTAL DO ESTADO

Anos	Défice final executado em % do Défice inicial orcamentado	Disciplina Orçamental	
		Não	Sim
1974	120%	X	
1975	200%	X	
1976	135%	X	
1977	85%		X
1978	140%	X	
1979	117%	X	
1980	97%		X
1981	105%	X	
1982	110%	X	
1983	111%	X	
1984	150%	X	
1985	130%	X	
1986	97%		X
1987	99%		X
1988	90%		X







	CERTIFICADOS DE AFORRO	TESOURO FAMILIAR BICENTENÁRIO	OCA (Obrigações de capitalização automática)	FIP 89
Taxa de juro • inicial	**17,5%**	**17,5%**	**17,5%**	**17%**
• os juros seguintes acompanham o mercado	Acresce 3,5%	Acresce 3,5%	Acresce 3,5%	Acresce 3%
	ao juro médio do depósito a 6 meses praticado pelos três maiores bancos			
• prémio de permanência	sobe 0,25% em cada semestre até atingir 5,5%		—	—
Regime fiscal 1. Particulares • Regime da taxa liberatória	IRS à taxa de 25%, sobre 80% dos juros			
• Regime vantajoso para pequenas poupanças	A opção de englobar 80% dos juros no rendimento total, pode permitir um IRS mais baixo			
2. Pessoas Colectivas	—	—	IRC sobre 80% dos juros	
Vida máxima	5 anos	5 anos	5 anos	7 anos
Liquidez	A partir do fim do 1.º trimestre	A partir de Março de 1990	Bolsa de Valores	Bolsa de Valores
Tipo de rendimento	Juros capitalizam ao trimestre	Juros pagos semestralmente	Juros capitalizam ao semestre	Juros pagos semestralmente
Investidores a que se destina	Particulares		Todos	
Locais de subscrição	Correios*	Tesourarias da Fazenda Pública*	Bancos	Bancos*

* E também na Junta do Crédito Público, Lisboa e Porto.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

PSD fez comício de aniversário

UMA FESTA POUCO FELIZ

Dina Soares

Não se pode dizer que o PSD tenha tido, no passado sábado, a mais feliz festa de anos da sua vida. Isto, por uma razão muito simples: os seus amigos não compareceram. Na realidade, «o maior partido português» não conseguiu encher sequer metade do Campo Pequeno, o recinto escolhido para a realização do comício comemorativo do seu 15º aniversário, «abrilhantado» pelas presenças musicais dos Heróis do Mar e do fadista António Pinto Basto, e pelas presenças ministeriáveis de Leonor Beleza, Silveira Godinho e Fernando Nogueira, entre outros.

Além disso, não se pode dizer que os militantes que aceitaram o convite fossem «poucos mas bons», pois nem mesmo o «líder incontestado» dos social-democratas conseguiu animar verdadeiramente as hostes, que poucas vezes se manifestaram voluntariamente. A ausência da JSD, que habitualmente dá cor às manifestações partidárias, contribuiu certamente para o clima «morno» do comício.

Mas vamos aos discursos. A intervenção do presidente do PSD, Cavaco Silva, foi a última a ser proferida, mas também a que arrancou mais aplausos. Tal não é, contudo, de estranhar face ao tom do discurso, no qual a componente de ataque à Oposição teve grande peso.

O número um da lista do PS para o Parlamento Europeu foi o primeiro visado na ronda que Cavaco fez pelos três mais importantes partidos da minoria. João Cravinho - cujo nome não foi, porém, referido - foi, assim, designado como «o ministro das nacionalizações» e como o homem que «despreza os portugueses que trabalham no estrangeiros».

Aos socialistas seguiram-se os comunistas, atacados no capítulo da «reforma das reformas», isto é, a revisão constitucional. «Todos os dias nos chegam do estrangeiro notícias do falhanço do socialismo, que só traz miséria e sofrimento», considerou o primeiro-ministro, acrescentando: «O PCP aposta no sub-desenvolvimento de Portugal e ataca a nova Constituição pois não quer que o país tenha uma Lei Fundamental democrática».

O CDS foi, talvez, o alvo de maiores críticas. «Os centristas atacam agora o Governo do PSD e andam de mãos dadas com aqueles que insultavam o seu líder quando nós dávamos a cara por ele», lamentou o presidente dos social-democratas.

Em termos gerais, a Oposição foi acusada de não ser alternativa, estar ultrapassada, agarrada a preconceitos e de desconhecer as grandes questões europeias. Na opinião de Cavaco Silva, «se eles tiveseem oportunidade de conduzir o país seria uma desgraça, pois especializaram-se de tal forma em dizer mal que hoje não sabem fazer mais nada».

Tanta coisa feita em tão pouco tempo

Mas nem só de ataques à Oposição viveu o discurso de Cavaco Silva. Os louvores ao PSD - «o defensor da liberdade, da democracia, da livre iniciativa, e também da justiça social» - e ao Governo ocuparam igualmente o seu espaço. «Nunca em Portugal se lançou, em tão pouco tempo, um programa tão vasto de reformas», afirmou o chefe do Executivo.

Passando a exemplificar, Cavaco enumerou as privatizações, a alteração da legislação agrária e do sistema fiscal, a abertura de novos sectores à iniciativa privada e a reforma educativa e a da administração pública.

Para o primeiro-ministro, «a casa está a ser arrumada e continuará a sê-lo, mesmo que seja preciso cortar a direito». Tal atitude está a ter, em seu entender, «resultados anteriormente impensáveis». O rol de êxitos enumerado pelo presidente do PSD foi numeroso: «250 mil novos empregos», «o mais forte crescimento económico da Europa e sem paralelo nos últimos anos», «um investimento imprevisível» e «a transformação do escudo numa moeda forte», terão sido alguns deles.

A crescente onda de reivindicações que tem vindo a surgir está, para o chefe do Executivo, ligada precisamente a estas conquistas. «As exigências de todos os grupos profissionais resultam do facto de, pela primeira vez, haver um clima de segurança e optimismo, onde antes só havia austeridade», explicou.

O desafio europeu foi, obviamente, o outro tema forte da intervenção de Cavaco. Classificado como «a oportunidade histórica de Portugal se tornar um país moderno», o Mercado Único de 1992 foi utilizado como a grande causa mobilizadora dos portugueses. «Temos que mobilizar todos os nossos recursos, mas temos bons indicadores que apontam no sentido da vitória: uma economia saudável, a ausência de austeridade e o facto de, pela primeira vez desde o 25 de Abril, não serem os estrangeiros a ditar a política portuguesa», disse o primeiro-ministro.

Para terminar, Cavaco Silva apelou à votação no PSD no próximo dia 18 de Junho, como forma de «garantir a coordenação» entre o Parlamento Europeu e o Governo. «Podemos não ser bons em politiquice, mas temos uma obra concreta para apresentar aos portugueses», concluiu o dirigente social-democrata.

Lista orgulhosa do seu partido

António Capucho, o cabeça de lista do PSD para as eleições europeias, interveio antes do primeiro-ministro e centrou o seu discurso, como seria de esperar, no escrutínio para o Parlamento Europeu. Tal como o seu líder, também Capucho optou pelo ataque aos seus rivais. «A lista que lidero orgulha-se do partido a que pertence e não se limita a invocar a família europeia a que pertence, pois é contra partidos transnacionais e quer ser a maior formação portuguesa na Europa», disse Capucho, numa clara alusão a Lucas Pires, a que se referia igualmente quando apelou ao «cerrar de fileiras».

O PS também não foi poupado, tendo sido acusado de «fazer queixinhas do Governo aos agentes estrangeiros». Referindo-se aos «avisos» lançados pela Oposição, o candidato social-democrata considerou que «a rábula do cartão amarelo não pega».

A necessidade de votar no seu partido foi salientada por António Capucho, que apontoun como justificações «uma lista de conjunto, formada por pessoas capazes», « a necessidade de o Governo ter na Europa uma equipa forte que assegure a coordenação entre as duas instâncias» e ainda o facto de - segundo Capucho - o PSD ser «o maior partido dentro da família a que pertence».

PSD encerrará campanha na Luz

A parte política do comício de sábado foi iniciada por António Pinto Leite, presidente da Distrital de Lisboa do PSD, e que se limitou a fazer um curto discurso de apresentação e circunstância. Começando por anunciar que o comício de encerramento da campanha eleitoral para o Parlamento Europeu terá lugar no Estádio da Luz, Pinto Leite passou seguidamente às saudações da praxe.

Sá Carneiro, os «milhares» de militantes que acorreram ao Campo Pequeno, o PPD/PSD - «alma de todas as batalhas políticas dos últimos 15 anos» - e o Governo, foram os grandes homenageados. Os partidos da minoria foram, por seu turno, o alvo de todos as críticas. «A Oposição apanha as bolas quando nós falhamos um passo, corre atrás da bola, mas não entra no jogo», sublinhou o dirigente social-democrata.

No que se refere às eleições europeias, Pinto Leite frisou que o PSD «não tem candidatos com emblemas de partidos internacionalistas na lapela nem que foram responsáveis pelo desaire económico do país». Finalmente, o líder da Distrital de Lisboa reafirmou a coesão do partido e do Executivo, prometendo: «Os meus filhos vão viver melhor que eu, e os meus netos melhor ainda».

Foto de Rui Vasco

Remodulação do Governo

A remodulação do Governo de Cavaco Silva chegou finalmente. Ontem uma fonte do gabinete do primeiro-ministro confirmou a nomeação de cinco novos secretários de Estado, três dos quais criados nesta «mexida», que tomarão posse amanhã.

De acordo com a mesma fonte os novos secretários de Estado são: Faria de Oliveira, Adjunto das Finanças; Carlos Tavares, do Tesouro; Isabel Corte Real, da Reforma Administrativa; Dias Alves, da Administração da Saúde; e Albino Aroso, Adjunto do ministro da Saúde.

Faria de Oliveira, que era secretário de Estado das Finanças e do Tesouro foi nomeado para fazer «um acompanhamento da reestruturação das empresas públicas e reforçar o processo de privatizações», enquanto Carlos Tavares terá a seu cargo a banca e a dívida externa.

Isabel Corte Real viu a sua sub-Secretaria de Estado da Modernização Administrativa promovida a Secretaria de Estado para um «reforço da capacidade da sua acção». Por outro lado, no Ministério da Saúde, Dias Alves substitui o polémico Costa Freire, ao mesmo tempo que Albino Aroso vai ocupar o lugar de Faria de Almeida.

«Fim do eurocentrismo»

O secretário de Estado da Cooperação disse ontem, no Porto, que «é necessário habituar os intlectuais europeus a não verem a África como um simples objecto estatístico de investigação».

Durão Barroso falava na sessão solene de encerramento do I Simpósio Internacional sobre a cultura africana, que decorreu na capital nortenha durante quatro dias. Aquele membro do Governo salientou a necessidade da existência de um diálogo entre as elaborações africanas e a leitura que elas próprias fazem do modo europeu de intervir na sua própria realidade.

«O fim do eurocentrismo não deve ser apenas uma atitude decidida pela Europa, é importante que os países extra-europeus colaborem no desmontar dos mecanismos que conduziram às prespectivas eurocêntricas, frisou Durão Barroso.

A sessão de encerramento do simpósio, que teve como tema central a obra de Agostinho Neto, contou com a presença do secretário de Estado da Cultura angolano, Boaventura Cardoso, e do secretário do MPLA para a Esfera Ideológica, Roberto de Almeida.

Segundo informações de Ângelo Correia

PC CHINÊS NÃO TERÁ PAPEL DECISIVO NO FUTURO DE MACAU E HONG-KONG

Carlos Simoes
Serviço Lusa/«DL«

O papel do Partido Comunista Chinês em Macau e Hong-Kong, depois de 1999 e 1997, respectivamente, será apenas o de uma entre outras organizações políticas locais no concurso pelo exerício do poder.

Esta posição, assumida pelo presidente da Comissão Permanente da Assembleia Popular da República Popular da China perante 45 elementos da Comissão de Defesa e Armamentos da União da Europa Ocidental (UEO) foi transmitida à agência Lusa pelo deputado português Ângelo Correia (PSD).

Ângelo Correia e Mário Lopes Tavares, do PSD, e o socialista Miranda Calha, constituem a representação parlamentar portuguesa na Comissão da UEO que mantém hoje em Hong-Kong contactos com as autoridades da colónia britânica, após uma visita oficial à República Popular da China.

Segundo Ângelo Correia, traduzindo a posição veiculada pelas autoridades chinesas sobre Macau e Hong-Kong, o futuro do território, actualmente sob administração portuguesa e da colónia britânica, não configura qualquer situação de privilégio para o Partido Comunista da República Popular da China.

O deputado português referiu que as autoridades de Pequim afirmam que estão «interessadas em permitir, justificar e projectar a pluralidade de interesses económicos em Macau e Hong-Kong».

A Comissão de Defesa e armamentos da UEO, que visitou pela primeira vez a República Popular da CHina, manteve, em Pequim, reuniões com o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, com os responsáveis por diversos departamentos militares, com o presidente da Comissão Permanente do Parlamento chinês e com o ministro da Coordenação Económica.

A Comissão esteve, além de Pequim, em Xian, Cantão e Xangai onde visitou a base naval local, a maior da República Popular da China, recebendo das autoridades uma apresentação geral das componentes mais importantes das Forças Armadas chinesas e os principais objectivos de natureza militar da defesa da República Popular da China.

Os deputados visitaram também uam divisão do exército chinês e mantiveram reuniões com o Instituto de Política Externa da China.

Segundo Ângelo Correia, a Comissão da UEO não se deslocará a Macau, uma vez que Portugal não é ainda membro de pleno direito da organização (assinou já o acordo de adesão, aguardando a ratificação do documento pelos parlamentos dos países membros, dentro de semanas).

O deputado português referiu que a Comissão da UEO, que integra elementos que já conheciam anteriormente a China, recolheu uma impressão positiva da evolução económica do país, das infra-estruturas e da modernização do aparelho produtivo chinês.

«É visível que o aparelho produtivo chinês se desenvolveu e modernizou nos últimos anos e está em franco progresso, e que o plano de desenvolvimento da agricultura, um dos quatro principais objectivos das autoridades chinesas, lançado há anos atrás, está a ser bem sucedido», disse o deputado, acrescentando que é também sensível a evolução do nível industrial.

No seu entender, no entanto, o desenvolvimento económico chinês ainda não teve repercussões suficientes no sistema político, situação que afirmou informar o movimento o movimento de protesto estudantil.

A delegação da UEO foi, aliás, depois do presidente soviético Mikhail Gorbachev e da sua comitiva, o último grupo de visitantes oficiais estrangeiros a deixar Pequim antes da imposição da lei marcial.

Questionado acerca do movimento reivindicativo estudantil pelos membros da delegação da UEO, o presidente da Comissão Permanente do Parlamento chinês afirmou que as autoridades não o consideram antipatriótico, nem antiregime.

Ângelo Correia referiu que foi com surpresa que a delegação da UEO tomou conhecimento, no sábado, da imposição da lei marcial em Pequim, situação que considerou contraditória com as posições anteriormente enunciadas pelas autoridades chinesas.

A missão da UEO contactou vezes com os manifestantes em Pequim e ouviu das autoridades que a situação não configurava uma crise e que havia meios de resolver o problema através do diálogo. «A reacção posterior não foi tão optimista», referiu Ângelo Correia.

40 Anos Conselho da Europa

A Terra é o meu planeta, a Europa o meu país.

E como é sabido, nós somos 400 milhões, falamos mais de 16 línguas diferentes, temos 23 chefes de governo ... Para conseguir pôr todo este mundo de acordo, é preciso ter realmente vontade de Europa.

O Conselho da Europa existe para nos ajudar e ... há mil e uma maneiras de ajudar a construir a Europa.

Para saber mais:

Conseil de l'Europe, B.P. 431 R6, F-67006 Strasbourg

40 Anos Conselho da Europa

Talar Ni svenska?

Nào há nada de mais fácil!

Hoje em dia, aprender uma língua já nào é o cabo das tormentas.

O método de aprendizagem concebido no Conselho da Europa teve tanto sucesso que é agora usado nas escolas e nas TV de 50 países.

Entào, europeus: que esperam para se lançarem nisso?

Há mil e uma maneiras de ajudar a constuir a Europa ...

Para saber mais:

Conseil de l'Europe, B.P. 431 R6, F-67006 Strasbourg

40 Anos Conselho da Europa

E onde estão as borboletas?

As borboletas sào giras, delicadas, frágeis e efémeras.

Como a vida.

E sào cheias de côres. Como as flores.

Umas e outras podem, no entanto, desaparecer para sempre dos nossos jardins.

Concebida e gerida pelo Conselho da Europa, a Convençào de Berna está aí para proteger borboletas, flores, mas tambem centenas de outras espécies de animais e de plantas em risco de desaparecimento.

Se gostas da natureza, defende-a! Aprende a conhecer as espécies ameaçadas e ajuda a protegê-las.

Há mil e uma maneiras de ajudar a construir a Europa ...

Para saber mais:

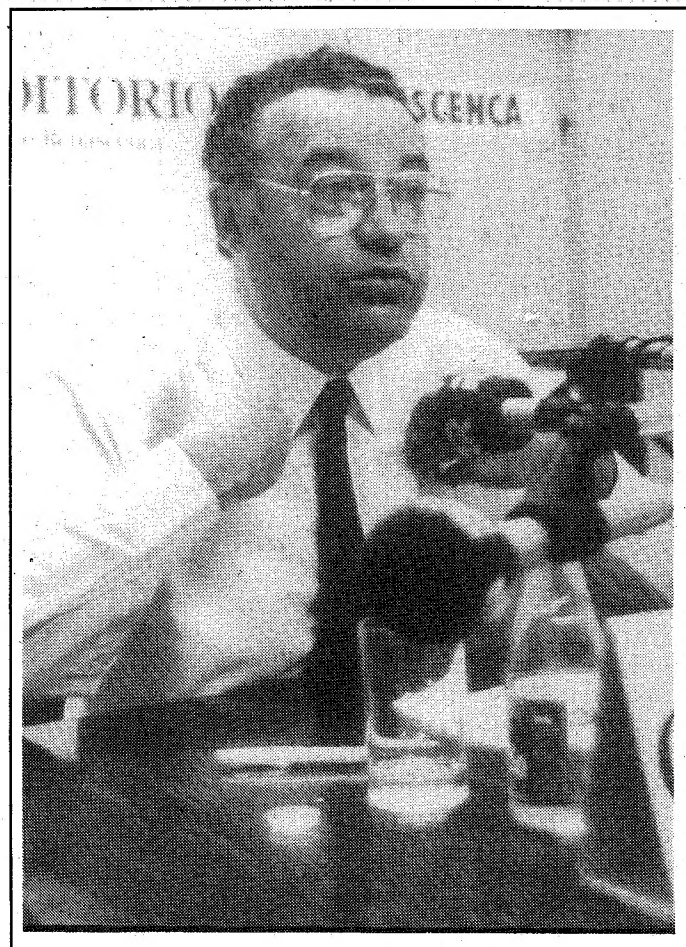
Conseil de l'Europe, B.P. 431 R6, F-67006 Strasbourg

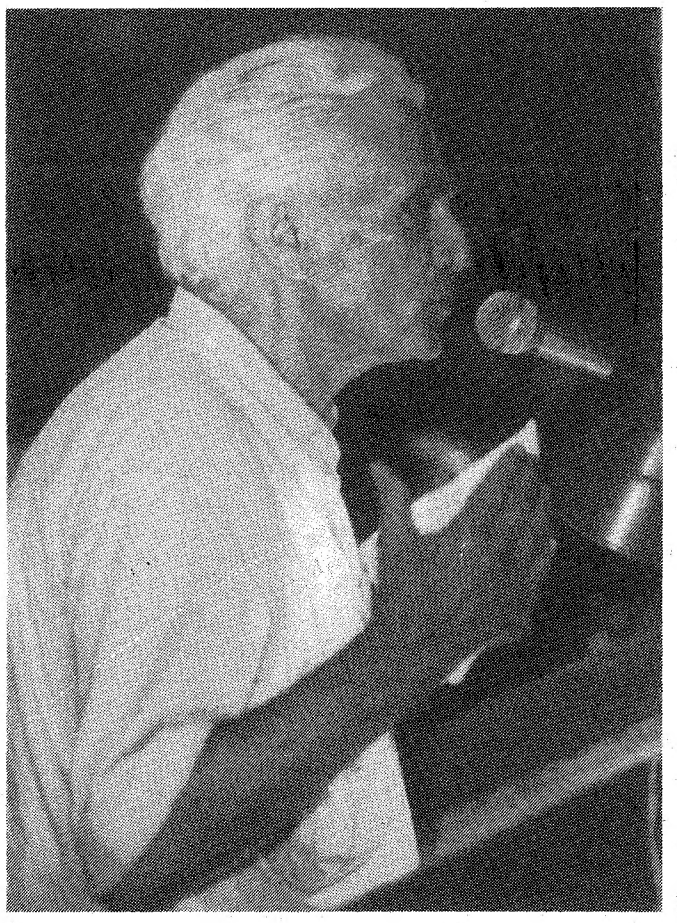
P

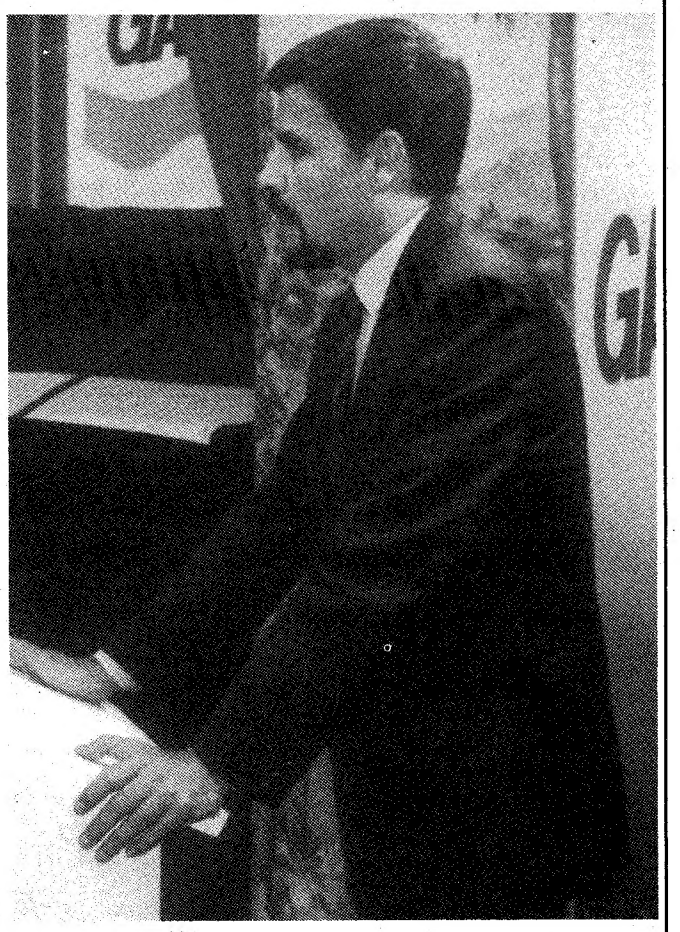
Lotaria Comemorativa da 1ª Travessia Aérea do Atlântico Sul

80 MIL CONTOS

dia 26 anda a Roda







Partidos em pré-campanha no fim-de-semana

«GRANDES» APOSTARAM NO ALENTEJO

O Sul, com o Alentejo à cabeça, entrou no fim-de-semana pela porta grande das agendas partidárias em crescendo de campanha para as «Europeias». O PS propalou o discurso da modernização. O PSD teimou na tese de que o parlamento de Estrasburgo não vale «nada», o Governo «tudo». O PCP, finalmente, fustigou um e outro, uma vez mais, pelo acordo de revisão constitucional.

A visita de Jorge Sampaio ao distrito de Évora, iniciada na sexta-feira, não teve como objectivo primacial o discurso «às massas». O líder socialista optou pela visita a três unidades económicas de natureza distinta, mas com um denominador comum: fenómenos de modernização, em terra agreste e adversa.

Na FIAT, em Vendas Novas, assistiu, na manhã de sexta-feira, a um arrojado processo de reconversão industrial, a que o capital estrangeiro não é alheio. Em Ciborro, Montemor-o-Novo, cuja cooperativa agro-pecuária foi criada em 1975 por trabalhadores agrícolas da aldeia, reviu «velhas amizades em momentos difíceis». Esta unidade é hoje o exemplo vivo das potencialidades de uma cooperativa, apesar de entretanto ter perdido grande parte da sua área. Na FINAGRA, empresa produtora dos vinhos da Quinta do Esporão, foi o recurso a novas tecnologias que o impressionou.

Mais tarde, em Évora, «ligou» estes três exemplos ao PDR, no final de um colóquio em que participaram João Cravinho e Helena Torres Marques. Neles, Sampaio descobriu resposta à «secura tecnocrática do PDR», enaltecendo a libertação de energias regionais que representam, para no sábado retomar um contacto que lhe é caro, com as «forças vivas» locais, empresários, sindicalistas, membros de associações culturais.

Cravinho e os riscos do «Estado-Região»

A problemática da Regionalização continua a preencher o discurso político do PS. Durante uma conversa com os jornalistas que acompanharam a viagem de Sampaio ao Alentejo, Cravinho sublinhou que, se não fôr rapidamente concretizada, Portugal corre o risco de ver instalar-se no seio da Comunidade a imagem de que é apenas uma das várias regiões da Península. Na sua óptica, transformar-se-ia em Estado-Região, «forma degradada de Estado-Nação». «Cavaco ainda não percebeu isto», concluiu o cabeça-de-lista socialista.

Instado pelos jornalistas a pronunciar-se sobre uma questão quente que nada tem a ver com o Parlamento Europeu - o estatuto do Tribunal de Contas, em discussão esta semana em comissão na Assembleia - Cravinho manifestou esperanças de que o Governo venha a recuar na sua proposta, uma vez que está a «tentar o Diabo»

Em causa, na sua óptica, está o desejo do «fiscalizado fixar as regras do fiscalizador», o que põe em causa, no sentido constitucional, o regular funcionamento das instituições democráticas. O dirigente socialista recordou que a legislação do Tribunal de Contas - do tempo de Salazar - é obsoleta e aludiu ao facto de o orgão congénere da Comunidade dispôr em certos casos de poderes no nosso país de que nenhum outro tribunal dispõe, situação de que o Governo é responsável.

Capucho: PE «nada» Governo «tudo»

Precisamente na mesma cidade, no mesmo hotel, estiveram ontem os principais candidatos do PSD, mas desta feita com a Televisão presente - facto de que os socialistas diziam, no dia anterior, já «suspeitar». António Capucho insistiu uma vez mais na lógica de que os poderes do Parlamento Europeu «não são aqueles que João Cravinho ou Pires estão a indiciar». Algo que o primeiro dos visados já comentara, anteriormente, considerando estranho que o cabeça-de-lista social-democrata afirme publicamente estar a candidatar-se a um cargo que, afinal, não tem importância «nenhuma».

É quase assim, de facto, no quadro da estratégia do partido no poder. «O que é essencial para Portugal é que o Governo tenha capacidade negocial junto das instâncias comunitárias», porque é ao Conselho de Ministros da Comunidade que cabem as decisões fundamentais. Poderes? O PE «nada»; o Governo «tudo».

Carlos Pimenta, pelo seu lado, abordou a questão dos fundos estruturais, afirmando ser desejável que «Portugal deite fora essa bengala, para poder caminhar sózinho». Aliás, o PSD já «agradeceu e retribuiu» certas «bocas» da oposição. Agora, é ele quem afirma ser ela - a oposição - quem vai levar um «cartão amarelo» em Junho.

Cunhal critica PS e PSD

Enquanto o PSD rumava ainda mais a Sul, passando por Beja e pelo Algarve - onde o «elegível» Mendes Bota foi a «figura» - Álvaro Cunhal continuava na capital alentejana, onde no sábado vituperou o acordo PS/PSD de incidência constitucional.

O líder comunista interpreta esta acto político dos socialistas como mais uma aliança à direita, desta feita numa lógica de «subversão da Constituição». Ao longo de mais de meia hora, abordou a situação da Reforma Agrária, observando que o Governo «usa processos mafiosos e de banditismo para destruir aquela conquista de Abril». Cunhal apelou ao voto na CDU «contra o Governo», seguindo na tarde de ontem para um comício em Baleizão, de homenagem a Catarina Eufémia.

Entretanto, a «verde» Maria Santos lamentou em Montemor-o-Novo que os portugueses se assumam como «cidadãos de um País em inferioridade». Tal perspectiva leva-os a «aceitar sem reservas o modo de vida dos restantes países comunitários», o que em seu entender resulta contraditório com a nossa identidade e um «rico passado colectivo, com um presente que precisa de ser redimensionado à medida dos cidadãos».

A CDU, nesta fase de pré-campanha, desmultiplica-se em iniciativas. No sábado, em Queluz, Octávio Pato acusou o PSD e o Governo de «política de capitulação face à CEE» postura semelhante à que assume em Portugal. «Em dois anos de Governo Cavaco Silva, em vez da ilusão da honestidade, predomina a imagem da corrupção; em vez da eficiência, a incapacidade; em vez da infalibilidade, a mentira, como demonstra a garantia de que a inflação ficaria a seis por cento», denunciou o dirigente comunista.

Na região do Porto, Carlos Carvalhas cumpriu um diversificado programa, durante o fim-de-semana. Percorreu o concelho de Gondomar e visitou, em Matosinhos, a feira da Senhora da Hora e o Hipermercado Continente. Mais tarde, esteve no mercado da Ribeira, no Porto, e no da Beira Rio, em Vila Nova de Gaia.

Costa Gomes apoia MDP

O MDP/CDE acusou entretanto a RTP de privilegiar nos seus noticiários apenas quatro das candidaturas ao sufrágio europeu, em detrimento das restantes. No entender do partido, com esta atitude, a Televisão «não respeita elementares regras da democracia».

O protesto foi formulado após uma reunião da Comissão Política do partido, tendo sido na ocasião divulgados os nomes das personalidades que apoiam a candidatura, cujo cabeça-de-lista é Vitorino de Almeida.

O antigo Presidente da República marechal Costa Gomes, o poeta Ramos Rosa, a escritora Ilse Losa, o psiquiatra Eduardo Cortesão e o cantor Paulo de Carvalho são algumas das figuras que declararam o seu apoio.

TUFÃO BRENDA POUPOU ZONA DE MACAU

Duas povoações evacuadas e uma outra privada de energia eléctrica, uma dezena de árvores derrubadas e igual número de postes de electricidade danificados constitui o balanço da passagem pelo território de Macau do tufão Brenda.

Os especialistas meteorológicos do território hastearam às 8h00 do dia 19 o sinal número um de tufão, até às zero horas de sábado, os sinais números três, oito e nove, quando o centro da tempestade se situou a menos de 100 milhas náuticas de Macau.

Devido à proximidade do Brenda, as comunicações marítimas entre Macau e a vizinha colónia de Hong-Kong estiveram praticamente interrompidas durante todo o dia de sábado e as próprias ligações entre o território e a sua ilha da Taipa estiveram suspensas, devido à interdição ao tráfego da ponte Nobre de Carvalho.

Com a cidade praticamente paralisada - os funcionários públicos foram dispensados e os serviços e o comércio encerrados - apenas a actividade do jogo escapou a regra determinada pelo Brenda.

Contrastando com o aspecto das ruas, os casinos de Macau estiveram repletos de jogadores, que, aproveitando o conforto do ar condicionado, juntaram o útil ao agradável numa sucessão de apostas nos vários jogos e modalidades a disposição.

Num verdadeiro desafio, mais de cinco milhares de pesoas desfilaram pelas ruas de Macau em apoio dos estudantes em luta por mais democracia na China, sijeitando-se a enfrentar fortes bátegas de chuva e rajadas de ventos superiorse a 100 quilómetros durante um cortejo determinado que terminou junto das instalações da agência Nova China, onde permanecem cerca de 40 estudantes da universidade do território solidários com os seus colegas de Pequim.

O tufão Brenda, que, embora estivesse em fase de enfraquecimento, determinou que esteja ainda içado o sinal número três no farol do Monte da Guia, e cujas rajadas chegaram a atingir os 108 quilómetros horários e chuvas fortes e persistentes durante todo o dia de sábado.

O Brenda entretanto passou a cerca de 110 quilómetros a oeste de Macau, continuando a mover-se para noroeste em direcção ao interior do continente chinês e diminuindo rapidamente de intensidade.

Restabelecida circulação de comboios em Santarém

A circulação ferroviária na Linha do Norte (Lisboa-Porto) ficou restabelecida por via única às 16h24, de sábado entre Vale de Santarém e Vale de Figueira, depois do choque entre dois comboios registado às 06h30 na estação de Santarém.

O acidente verificou-se quando uma composição eléctrica de passageiros, que seguia vazia, se avariou por motivos ainda desconhecidos e foi embater num comboio de mercadorias que estava em manobras na estação de Santarém.

Do choque resultaram ferimentos sem gravidade em dois funcionários da CP.

As ligações Lisboa-Porto estiveram interrompidas durante cerca de três horas, tendo as ligações sido restabelecidas às 09h40 através da utilização alternativa da Linha do Oeste e de transportes rodoviários.

Entretanto a circulação ferroviária na Linha do Norte ficou «totalmente restabelecida às 20h35», disse a fonte das relações públicas da CP.

Ambas as composições seguiam sem passageiros. As ligações Lisboa-Porto estiveram interrompidas durante cerca de três horas.

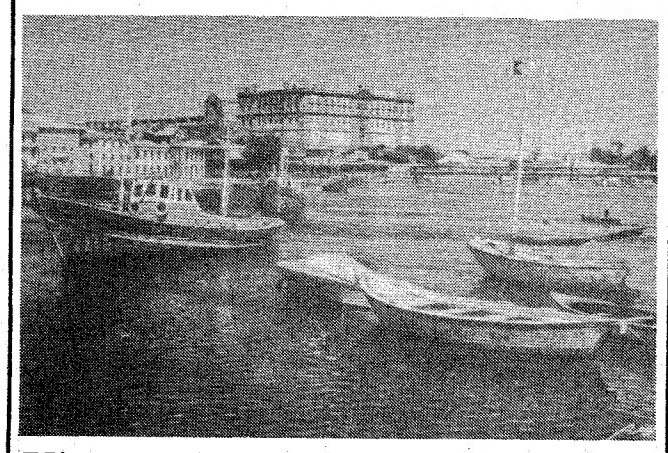
Caboverdeano morreu num incêndio

Um cidadão caboverdeano morreu hoje carbonizado devido a um incêndio na casa onde vivia - disse uma fonte dos Sapadores de Setúbal.

Segundo as mesmas fontes, «o incêndio deflagrou no começo da madrugada no Convento de São Francisco. Quando os bombeiros chegaram já nada puderam fazer par evitar a morte».

O cidadão que morreu carbonizado é Arnaldo Vasques, de 48 anos, tendo ficado ferida Maria de Fátima Pereira, de 33 anos.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Vila do Conde: ameaça de autarca resultou

O primeiro acesso da variante da Estrada Nacional 13 à Vila do Conde abriu sexta-feira, disse o presidente da autarquia vila-condense.

Mário Almeida acrescentou que o acesso a Vila do Conde abriu cerca das 19 horas e 30 minutos, expirado que foi o prazo dado pelo autarca à Junta Autónoma de Estradas.

«O trânsito vindo do sul com destino a Vila do Conde tinha que se deslocar à Póvoa de Varzim, ao Mindelo e só depois é que descia a Vila do Conde percorrendo um total de 18 quilómetros em estradas municipais», afirmou o presidente da autarquia.

Segundo o autarca, esta era a principal causa dos seus protestos à variante da EN 13, já que «trazia graves consequências para o comércio e indústria hoteleira local».

Mário Almeida continua a contestar o corte do caminho municipal de Beche, que liga a freguesia de Sajoves a uma das zonas industriais de Vila do Conde.

«Milhares de trabalhadores dessa zona têm agora que se deslocar 400 metros a norte do início da EN 13 para utilizarem a passagem inferior colocada pela JAE», continuou.

A inexistência de sinalização e de semáforos na estrada, continua a ser contestada pelo autarca que afirma: «desde que abriu a variante já ocorreram muitos acidentes».

O presidente do município vilacondense sustentou que a abertura do primeiro acesso a Vila do Conde «vem reparar um grave erro».

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, disse ontem em Lousada que o Governo «já decidiu» que o IP4, que liga o Porto a Amarante, vai ser uma auto-estrada.

Cavaco Silva falava em Lousada, distrito do Porto, no decorrer da sua visita ao Vale de Sousa.

De acordo com o chefe do Governo, a decisão deve-se a insuficiências daquele itinerário principal.

Um morto e três feridos graves é o balanço de dois acidentes verificados sábado à tarde, em Porto Alto e Braga.

Luís Filipe Ferreira Mesquita, de 4 anos, perdeu a vida ao ser atropelado por um autocarro na Estrada Nacional 309, em Braga.

Num outro acidente, ocorrido em Porto Alto devido a um «desrespeito de prioridades», três cidadãos espanhóis ficaram gravemente feridos, encontrando-se internados no Hospital de Vila Franca de Xira.

Michel Comnor, que conduzia um veículo de matrícula espanhola CA 8326 E, é um dos feridos.

A mesma fonte adiantou desconhecer-se a identidade dos restantes feridos, mas «sabe-se que viajavam com Comnor a noiva e os pais desta».

Dois mortos e dois feridos em dois acidentes de viação ocorridos na madrugada de ontem em Carcavelos e em Faro.

O primeiro acidente ocorreu à 1h50 na estrada marginal quando um automóvel se despistou e embateu em três veículos que circulavam em sentido contrário.

Luís Filipe Rosa Rodrigues, que seguia na viatura que esteve na origem do acidente, morreu e o seu corpo encontra-se na morgue do Hospital de Cascais.

Cerca de duas horas depois, em Estoi, perto de Faro, despistou-se outro automóvel, devido a excesso de velocidade, provocando um morto e dois feridos ligeiros.

A vítima mortal foi identificada como Leopoldino Pina Mendes.

Os feridos são José Ribeiro Pina e Miguel Teixeira que deram entrada no Hospital de Faro.

Propostas têm de ser «francamente melhorados»

MAGISTRADOS JUDICIAIS MANTÊM NEGOCIAÇÕES COM O GOVERNO

Os magistrados judiciais decidiram sábado mandatar a direcção da sua associação sindical para negociar «algumas melhorias» a introduzir na proposta de estatuto sócio-profissional que estão a negociar com o Governo.

Em assembleia geral extraordinária realizada em Coimbra os magistrados judiciais aprovaram uma moção, que recebeu apenas sete abstenções, em que manifestam a necessidade de modificar alguns aspectos da última proposta do Governo.O texto da moção não foi divulgado mas fonte sindical adiantou que ela «reconhece que algumas das pretensões dos magistrados estão a ser atendidas pelo Governo mas a sua proposta tem de ser substancialmente melhorada».

A mesma fonte adiantou que a última versão apresentada pelo Governo reconhece o princípio da equiparação dos magistrados aos titulares dos órgãos políticos.

«As negociações vão continuar mas têm de centrar-se essencialmente a partir da nossa proposta», frisou a referida fonte.

Entretanto o ministro da Justiça afirmou em Vila Nova de Foz Coa, distrito da Guarda, que se prevê para este ano a cobertura de carências de delegados do Ministério Público, juízes e oficiais de justiça em todo o País.

Fernando Nogueira, que presidiu ontem naquela vila ao lançamento da primeira pedra do palácio da justiça local, observou, porém, que subsistem lacunas na área dos funcionários adiministrativos dos tribunais.

«A justiça está a melhorar em termos organizativos, financeiros e humanos» - expressou na ocasião aquele governanente.

Uma sessão efectuada nos Paços do Concelho fozcoenses, o ministro disse que o seu gabinete está a desenvolver um esforço correspondente ao lançamento de um novo tribunal por mês, apesar do crescimento médio de lançamento destes edifícios seja superior aquele índice.

Revelou na altura que vão ser lançados os palácios da justiça em Fornos de Algodres e Seia, no distrito da Guarda, para o que estão a ser desenvolvidos contactos com projectistas para a sua concretização.

Além de Vila Nova de Fez Coa, cujo tribunal está orçado em 100 mil contos com prazo de construção de 18 meses, encontra-se em execução a obra do Tribunal de Almeida, para que está a ser recuperado o edifício da antiga vedoria daquela vila amuralhada.

Fernando Nogueira disse que este ano vão ser investidos 3,5 milhões de contos na construção de novos palácios da justiça.

Em Vila Nova de Foz Coa o ministro teve conhecimento da atribuição ao município local do diploma de honra do Conselho da Europa, sendo este o primeiro e único concelho português a ser galardoado com aquela distinção.

Fernando Nogueira disse que a atribuição daquele diploma significa «o reconhecimento da Europa face às qualidades de trabalho, afabilidade da população fozcoense».

O presidente da Câmara, António Gouvei, disse por seu turno que a construção do novo palácio da justiça é uma aspiração de mais de 30 anos e que a sua concretização se deve à colaboração entre o poder local, Gov erno Civil da Guarda e poder central.

Actualmente funciona num edifício provisório, inicialmente destinado a garagem e que para o efeito foi adaptado.

Nesta deslocação do ministro da Justiça a Vila Nova de Foz Coa não estiveram presentes, entretanto, quaisquer magistrados.

Meningite em Santa Maria da Feira

O delegado de saúde de Santa Maria da Feira afirmou que «os dois casos de meningite detectados há dois dias num infantário não constituem motivo para alarme».

As crianças afectadas pela doença frequentam o infantário de Fiães, Santa Maria da Feira, e foram transferidas para o Porto, onde estão internadas num hospital de doenças infecto-contagiosas.

O delegado de saúde considera que se trata de «dois casos isolados e seria excessivo falar-se em surto de meningite».

Os pais de algumas crianças que frequentam o infantário retiraram os filhos como medida de precaução e pediram o encerramento da escola «a fim de ser convenientemente desinfectada e controlada a situação».

Jaime Nunes de Amorim, pai de uma das crianças, disse que «nos últimos anos vêm ocorrendo na vila de Fiães casos alarmantes, designadamente viroses não identificadas, hepatite e meningite» e que «o tipo de meningite agora detectado é considerado altamente contagioso».

«O delegado de saúde - acrescentou - confrontado com o possível encerramento do infantário, considera que dois casos não justificam tal procedimento».

Bombeiros especialistas em espéleo-socorro

Bombeiros das corporações de Porto de Mós, Mira de Aire e Batalha terminaram um curso de espéleo-socorro que os habilita a melhor socorrer pessoas dentro de grutas.

O curso, promovido pela Federação Portuguesa de Espeleologia (FPE), decorreu ao longo de cinco fins-de-semana dos meses de Fevereiro e Março, endo sido ontem entregues os diplomas.

A sua realização correspondeu à «necessidade crescente se prepararem os bombeiros para socorrerem pessoas vítimas de acidentes diversos dentro de grutas».

Um dos monitores da comissão de ensino da FPS, Manuel Soares, disse que a prática da espeleologia tem vindo a aumentar muito nos últimos anos, arrastando consigo «o aumento drástico da possibilidade de acidentes».

«Muitos dos novos praticantes de espeleologia não estão preparados minimamente para superar os riscos desta actividade», defende Manuel Soares.

A ocorrência de acidentes mortais obrigou a Federação Portuguesa de Espeleologia e o Serviço Nacional de Bombeiros a acordarem na criação de um serviço de espéleo-socorro que ainda não passa de projecto.

O curso proporcionou formação a 18 bombeiros das três corporações que ficam aptos a ser integrados no futuro serviço de espéleo-socorro. Este serviço vai ser dimensionado essencialmente para as associações de bombeiros dos maciços calcários, onde se encontra o maior número de grutas e cavidades exploradas pelos espeleologistas.

Durante este curso foram exploradas sete cavidades que serviram para exercitar as técnicas de rastejamento a subir e a descer, em areia, lama ou rocha, progressão e transposição e vias horizontais artificiais.

A profundidade das grutas exploradas oscilava entre os 22 e os 110 metros.

Comandante e secretário de bombeiros morrem em acidente

O comandante dos Bombeiros Voluntários de Alcochete, Casimo Abreu Galo e o primeiro secretário da corporação, morreram sábado de madrugada devido a explosão na viatura em que seguiam.

Segundo os voluntários de Alcochete, «o acidente deu-se a caminho de Rio Maior quando uma viatura ligeira chocou com o carro da corporação conduzido pelo comandante. O responsável do parque de viaturas, José Gamito, sofreu traumatismo e está internado no HOspital de S. José mas livre de perigo».

Os voluntários de Alcochete disseram «o comandante Casimiro Galo e o secretário João Matias tiveram morte imediata pois a explosão, que se seguiu ao embate, não deu tempo a que saíssem da viatura. O José Gamito, que foi cuspido, salvou-se».

O funeral realizou-se ontem pelas 16 horas, para os cemitérios de Alcochete e Pinhal Novo.

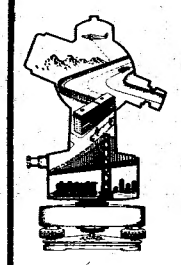
Entretanto a Câmara Municipal de Alcochete e a Federação dos Bombeiros do Distrito de Setúbal apresentaram condolências à corporação de Alchocete.

Pastor assassinado a tiro

Um jovem pastor foi encontrado morto com um tiro na cabeça, no lugar de Limãos, freguesia de Salselas, em Macedo de Cavaleiros, disse uma fonte da Polícia Judiciária.

Albino Augusto Lopes, 22 anos, solteiro, natural e residente em Limãos, foi encontrado, já sem vida, pela sua mãe, que deu conhecimento da ocorrência a GNR de Morais.

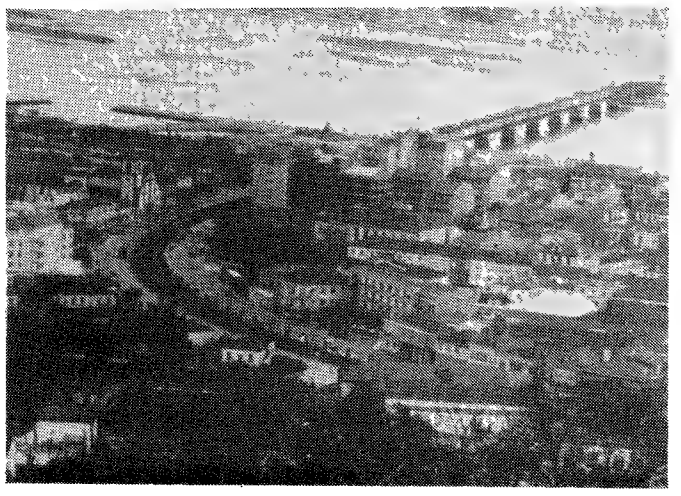
GALP Lubrificantes



ESTEREOFOTO
LEVANTAMENTOS AEROCARTOGRÁFICOS, LDA.
AV. CONSELHEIRO BARJONA DE FREITAS, N.º 20 A
CARTOGRAFIA • TOPOGRAFIA
FOTOGRAMETRIA MÉTRICA E APLICADA
TELS. 78 87 14/78 05 33 • TELEFAX 78 25 64 • LISBOA

Finlandeses fazem estudos sísmicos na área «off-shore»

ESPERANÇA NO PETRÓLEO RESSURGE EM VIANA



Os estudos sísmicos de prospecção petrolífera na área «off-shore», ao largo de Viana do Castelo, concessionada à empresa finlandesa Neste Oy iniciar-se-ão em Julho, disse à Lusa, em Helsínquia, fonte da administração desta empresa.

A cargo de uma empresa norte-americana os estudos visam – segundo a mesma fonte – analisar as estruturas da bacia sedimentar na área compreendida entre Caminha e Esposende, com cerca de 20 quilómetros quadrados e um comprimento máximo de cerca de 35 quilómetros.

Durante o Outono e Inverno os resultados serão analisados em computador estando previstas para início de 1990 as primeiras perfurações na zona, caso os resultados obtidos com o estudo «sejam concludentes», acrescentou a fonte da Neste Oy.

Esta empresa finlandesa, que lidera o consórcio com a norte-americana Hunt, assinou no passado mês de Janeiro com o Estado português um contato de três anos para a pesquisa de petróleo ao largo de Viana do Castelo.

O contrato incluía a realização e conclusão de estudos sísmicos e de sondagens num investimento inicial calculado em cerca de 12 milhões de dólares.

Abrange 16 blocos do «off-shore» português repartidos em duas áreas – Bicuda e Mero com uma extensão total de 1092km2.

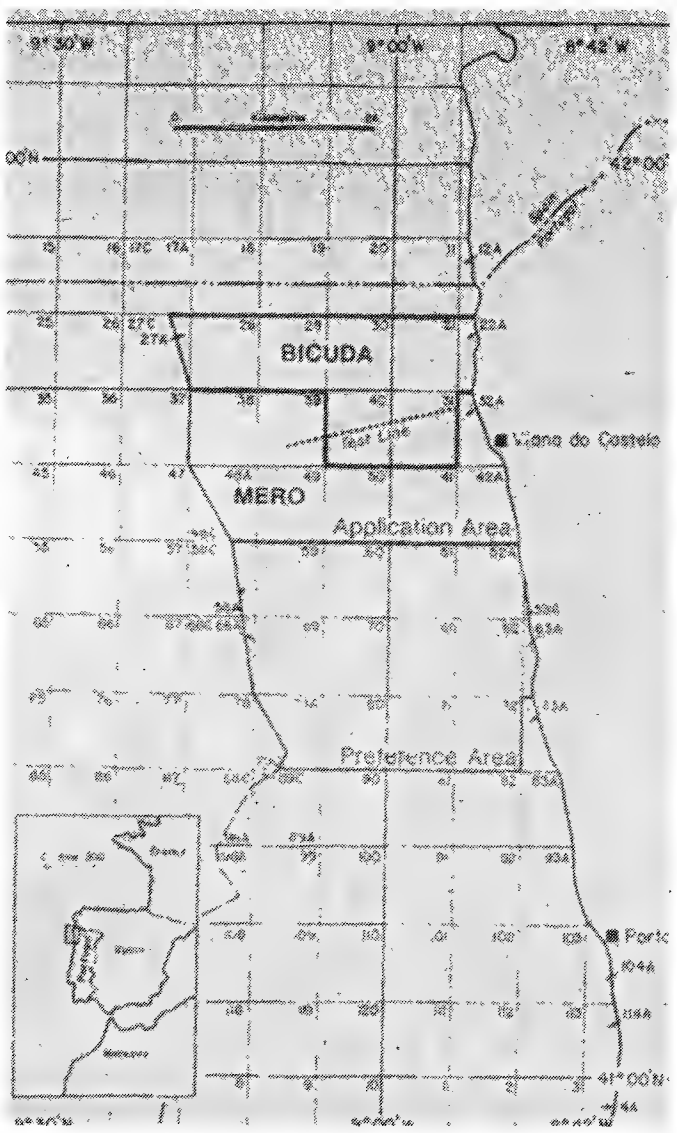
Fonte da Neste Oy revelou que a zona em prospecção «possui indicadores promissores dado tratar-se de uma extensão da plataforma continental em tempos ligada a uma outra, que entretanto se separou e deslizou para o Labrador, junto ao Canadá, aonde foram efectivamente detectadas importantes jazidas».

Os riscos financeiros da pesquisa pertencem à Neste Oy e à Hunt que, caso encontrem reservas rendíveis, dispõem de um período de 30 anos para procederem à produção de petróleo.

A Neste possui já um conhecimento geológico da costa portuguesa, nomeadamente junto a Viana do Castelo aonde efectuou pesquisas entre 1982 e 1985, chegando, inclusive, a efectuar uma sondagem que todavia não deu resultados conclusivos.

As principais zonas de exploração e produção de petróleo da Neste Oy situam-se na Europa Ocidental, no Médio Oriente e na América do Norte.

Em Portugal, onde, para além da existência de alguns indícios nunca foram até agora encontradas quaisquer reservas de petróleo ou gás natural, não há mais nenhuma prospecção «off-shore» realizando-se algumas pesquisas em terra, na zona de Alcobaça e Nazaré.

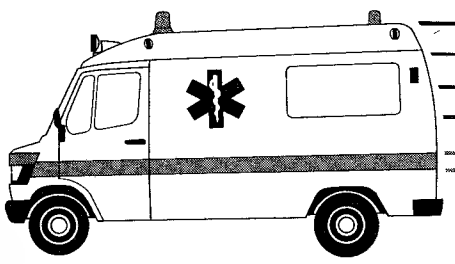


EMERGÊNCIA

UM FIO DE VIDA

Uma doença súbita ou um acidente
podem pôr a vida por um fio.
Um fio que está nas suas mãos. Não o corte.
Ligue sempre 115. Em todo o país, sem indicativo.
De dia e de noite. E grátis.
Porque a vida não tem preço.

O primeiro gesto é seu



ARESTA 64.06

SOCIALISTAS DEITAM MÃO À OBRA PARA CONVENCEREM INDECISOS

«Tirar o casaco e deitar mãos ao trabalho» para «convencer os abstencionistas e os indecisos de que o PS é uma alternativa necessária e fundamental para Portugal ganhar» foi a palavra de ordem lançada por Jorge Sampaio no encerramento da I Convenção Concelhia dos Socialistas de Lisboa. Segundo o líder do PS, «as próximas três semanas são decisivas para os objectivos que o partido pretende atingir».

Durante o fim-de-semana que passou, a capital do país foi analisada a partir de diferentes ângulos. Os problemas que Lisboa tem enfrentado ao longo dos dez anos da gestão Abecasis, foram dissecados em quatro painéis que abrangeram temas tão diferentes como a qualidade de vida, os acessos, a economia e a cultura. E a apresentação dos possíveis candidatos do partido constituiu outro dos temoas, inevitavelmente abordado.

Contudo, a este respeito Sampaio afirmou ser «necessário combater a especulação em torno do candidato do PS à Câmara de Lisboa. Preferimos estratégias e equipas», acrescentou.

O secretário-geral do PS sublinhou que o partido terá de escolher políticas, encontrar alguns compromissos mas sem cedências. «São as pessoas que devem estar ao serviço das políticas e não o contrário», afirmou.

A propósito de estratégias, Sampaio sustentou que 1989, além de ser o ano da reflexão para o PS é também o ano da afirmação do partido no terreno, e deu o exemplo das próximas eleições para o Parlamento Europeu, bem como as Autárquicas de Dezembro.

O «vazio estratégico do Governo e da gestão municipal», necessitam , para Sampaio, da afirmação e da resposta socialista. Tal resposta centra-se no «fortalecimento do Poder Local, o que permitirá às cidades assumirem protagonismos diferentes para que definam estratégias próprias»

Lisboa produtora de riqueza

No que respeita a Lisboa e às ideias que tem de uma estratégia para a capital, Sampaio frisou que a cidade«tem de produzir riqueza e redistribui-la, já que nela se concentram os maiores lucros, mas também sobre ela recaem as maiores dificuldades para quem aí vive».

Além disso, segundo Sampaio, «a direita, dividida ou amalgamada terá de compreender que chegou agora a hora de mudança do leme».

Justificando tal posição, o líder socialista lembrou que os cidadãos lisboetas «precisam de ganhar confiança num governo democrático da cidade, derrotando promessas não cumpridas, as constantes alterações de projectos e os truques do prestidigitador mediático, que não podem esconder mais a inoperância, a falta de estratégia, em suma, a impossibilidade de um quotidiano digno desse nome».

Reflectindo sobre os resultados da gestão Abecasis durante os 10 anos em que o polémico autarca esteve à frente do executivo camarário da capital, Sampaio alertou para o facto de Lisboa « não estar a ganhar a guerra do progresso mas a deixar-se vencer pela injustiça social e pela degradação ambiental».

Num tom mais irónico acrescentou: «Não podemos permitir que só haja algumas flores depois dos incêndios».

«O PS na Câmara de Lisboa evitou o pior, não fez obstrução pela obstrução tentou criar espaços», afirmou o secretário-geral do PS, referindo-se à actuação dos vereadores socialistas.

PDR foi uma frustração

O PDR, foi para Jorge Sampaio, «uma frustração, não correspondeu às expectativas e não teve a participação dos agentes», contudo, o líder socialista acrescentou que ainda se está a tempo de se «fazer reviver uma maior participação naa fase da sua implementação».

Por outro lado, a descentralização constitui para Sampaio, o instrumento essencial para chegar a 93, ela «terá um efeito multiplicador de iniciativas contribuirá para as lutas contra as assimetrias e é um desafio à criatividade».

A 'movida' europeia

Para João Cravinho, cabeça de lista do PS às eleições para o Parlamento Europeu, a vocação europeia da capital está seriamente ameaçada. Aquele deputado defendeu a necessidade de Portugal avançar com a Regionalização, alertando para o facto de que o contrário poderá significar a perda da carruagem.

Segundo Cravinho, com «o Governo de Cavaco e o desgoverno de Abecasis, Lisboa já perdeu 1992». João Cravinho alertou para o facto da capital se estar a anular entre «torres e buracos».

«Queremos uma Lisboa da 'movida' europeia, que potencie todas as outras cidades do País».

O candidato ao P.E. acusou o Primeiro-Ministro de ser o responsável por «estarmos a perder o desafio da soberania nacional».

«Visto a partir de Bruxelas, Portugal é uma única região e ao seu lado existe um Estado com várias regiões que potencializam as suas capacidades. A continuar-se assim, a médio prazo, esta sensação produzirá a ideia de que na Península Ibérica haverá um Estado e várias regiões , entre as quais Portugal».

Das comunicações apresentadas pelos participantes ressaltou a ideia de que Lisboa tem de assumir o seu papel de «capital de Portugal, no espaço ibérico, no espaço europeu e no espaço transatlântico». Jaime Gama, durante a sua intervenção de sábado já tinha defendido esta posição. Aquele dirigente socialista considerou a capital portuguesa como cidade charneira, quando a dado momento do seu discurso afirmou:«Lisboa pode aspirar a ser, no contexto peninsular, a capital atlântica mais ocidental. Pode ser um pólo atlântico fundamental das relações exteriores com os outros continentes que circundam o Atlântico».

Para Jaime Gama, o «projecto de Lisboa, que tem fracassado por ausência de visão política local e nacional pode e deve ser assumido pelo PS», contudo, aquele político lançou um aviso à navegação: «Para o PS não há integração europeia sem a recuperação das funções de Lisboa no contexto nacional». Gama foi mais longe quando disse que «não há relações externas sem um renascimento de Lisboa, da sua área metropolitana e das suas funções administrativas, sociais e culturais».

Vasco Franco, vereador na Câmara Municipal de Lisboa, referindo-se ao processo de regionalização, afirmou que «os autarcas socialistas irão empenhar-se na constituição de uma associação de municípios da região de Lisboa que seja o interlocutor face às comunidades relativamente à aplicação dos fundos comunitários que o PDR envolve, como forma de contrariar no curto prazo as atitudes centralistas e obscuras que o Governo tem adoptado nesta matéria».

À gestão de Abecasis em Lisboa, que classificaram de «política de slogans sem qualquer conteúdo», os socialistas defenderam «a reinvenção da cidade como espaço de solidariedade, liberdade e festa com vista à melhoria das condições de vida dos cidadãos e sua participação efectiva na definição dos destinos da cidade».

Infraestruturas, a preocupação

A construção do novo aeroporto, da auto-estrada de Cascais, o reordenamento do porto de Lisboa e os nós rodoviários de acesso à capital, foram algumas das «infraestruturas estratégicas» que os socialistas analisaram e sobre as quais pretendem tomar uma posição, em próximos encontros, nomeadamente, na próxima Convenção Autárquica da FAUL que se realizará nos dias 14 e 15 de Outubro.

PDR: maior parte no Centro

A região Centro, com perto de dois milhões de habitantes, é a que dispõe a maior fatia das verbas no âmbito do Plano de Desenvolvimento Regional para investimentos locais.

Vinte milhões de contos é o valor da «subvenção global» fundamentalmente destinada a investimentos locais cuja gestão caberá às autarquias.

O presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro afirmou que não se verificará uma dispersão de meios só porque serão estas a gerir os dinheiros.

Para aquele responsável, àquela opção corresponde «o reconhecimento de que uma região com tendência para o equilíbrio, como a região centro, deverá basear-se, em grande medida, na promoção de todos os seus recursos».

Na opinião de Manuel Porto, as características da região não justificam o favorecimento de determinadas zonas em relação às outras. Contudo as excepções a esta regra são constituídas pelo programa transfronteiriço na raia central e pela Operação Integrada de Desenvolvimento da zona do pinhal interior.

«Sendo uma região com magníficas potencialidades no Litoral, seria mau para a região e para o País que tais potencialidades não fossem ainda melhor exploradas», justificou Manuel Porto.

Para aquele responsável, o desenvolvimento do interior justifica-se pela situação em que vive- os seus indicadores de desenvolvimento são os piores- mas, por outro lado, as suas potencialidades podem ser alargadas com a integração europeia e com as ligações terrestres que esta trará.

Programa transfronteira para a raia central

O programa transfronteiriço na raia central que visa o desenvolvimento das zonas desfavorecidas, tanto do lado espanhol como do português, poderá contar com o apoio de verbas suplementares da Comunidade.

Quanto à àrea do pinhal interior, prevê-se que a OID se transforme em programa operacional, já que se trata de uma zona com «indicadores especialmente desfavoráveis, no contexto da região». Na verdade, aquela zona abrange 18 concelhos de três distritos (Coimbra, Leiria e Castelo-Branco), cujas dificuldades de hoje poderão mais tarde ser alteradas.

Além dos programas com cunho mais específico para cada região, estão previstos outros de âmbito nacional. É o caso do programa de acessibilidades, do de infraestruturas de educação e ainda do programa ciência.

Recorde-se que as linhas prioritárias do PDR compreendem a promoção do aumento da eficiência do sistema produtivo, a preparação dos recursos humanos e a correcção progressiva dos desequilíbrios internos.

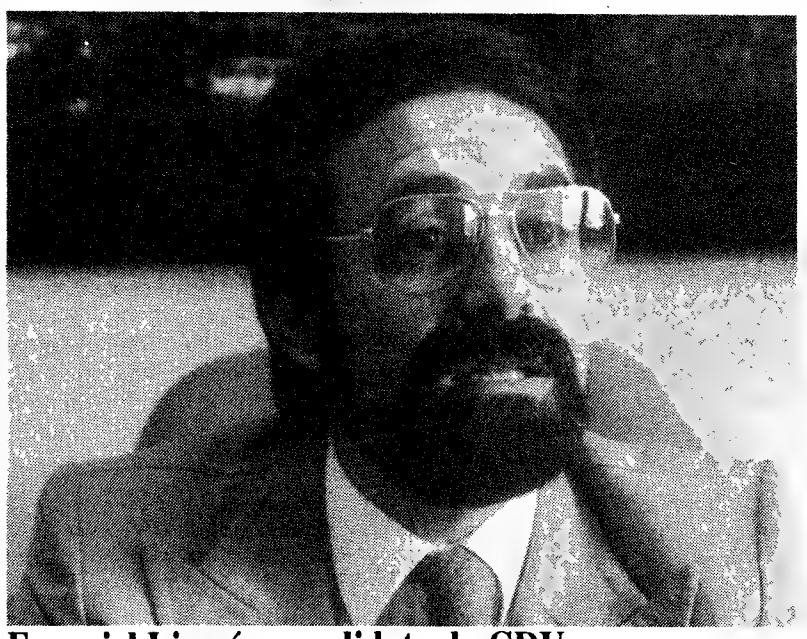
Balanço optimista

A terminar o período de 12 anos em que presidiu à CCRC, Manuel Porto fez um balanço optimista:«Não podemos ter a ilusão de que tudo vai mudar em cinco anos, mas não tenho dúvidas de que as verbas que virão da Comunidade provocarão alterações sensíveis».

Manuel Porto considera-se satisfeito com a fatia de verbas destinadas à região que coordena. «Embora fosse sempre desejável um maior contributo deve reconhecer-se que se conseguem capitações de investimentos mais elevadas do que nas regiões mais favorecidas de Lisboa, Vale do Tejo e Norte», acrescentando que «a importância da Comunidade para Portugal, resulta mais da abertura dos mercados, do que dos fundos a transferir».

Assim, de acordo com Manuel Porto, a região centro de Portugal disfruta de uma situação privilegiada, já que dispõe de factores que lhe dão vantagem relativa nos sectores em que o País pode competir na economia internacional.

Neste contexto a rede urbana da região centro tem condições especialmente favoráveis no conjunto do país, podendo fixar quadros qualificados e proporcionar os serviços indispensáveis ao desenvolvimento económico e social.



Ezequiel Lino é o candidato da CDU à presidência da Câmara de Sesimbra

O presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, Ezequiel Lino, é novamente candidato da CDU a presidente da autarquia nas próximas eleições - anunciou a estrutura distrital do PCP.

Ezequiel Lino tem presidido aos destinos do município sesimbrense desde a extinção da comissão administrativa da Câmara.

Entretanto a Lusa apurou que o PSD pretende fazer coligação com o PS para as autárquicas em Sesimbra, o que não tem merecido a concordância dos socialistas, devendo a questão ser resolvida após as eleições para o Parlamento Europeu.

MAI quer expulsar activistas sindicais da PSP

«AMEAÇAS DO GOVERNO NÃO NOS INTIMIDAM»

– disse José Carreira ao «DL»

A Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP aguarda uma audiência com o Presidente da República ao mesmo tempo que considera «inaceitável» o projecto do Governo sobre o associativismo. Em declarações esta manhã feitas ao «Diário de Lisboa», que no essencial reafirmam e reproduzem as que proferiu em Coimbra no final de um reunião com a Comissão Coordenadora da Região Centro, o coordenador nacional da ASP/PSP, sublinhou que os «activistas sindicais» da Polícia de Segurança Pública «não receiam as ameaças do Governo», reportando-se ao segundo processo que sobre eles impende. Adiantou ainda ao «DL» que a adesão dos profissionais da PSP à comissão «tem crescido em grande ritmo, pode dizer-se que aceleradamente».

Admitiu ainda José Carreira que o movimento sindical da PSP deverá atingir as oito mil e quinhentas inscrições (metade do corpo policial público) até ao fim do mês que vem.

O coordenador nacional da ASP/PSP afirmou que os sindicalistas continuam a manter contactos de «nível institucional» com os partidos e com outras forças. O PSD, adiantou Carreira, remeteu para outra altura - depois da discussão dos projectos na Assembleia da República- o encontro que a ASP/PSP oportunamente lhe solicitou.

Os processos «disciplinares que impendem sobre ele e os seus cinco «companheiros de luta», membros da Coordenadora Nacional, não preocupam aparentemente os visados. «Inserem-se numa campanha intimidatória» que pretende «lançar o medo sobre os agentes e outros camaradas nossos».

A propósito dos que sobre ele e os colegas impendem, frisou que «a nota de culpa do segundo processo assenta no artigo 29º do Regulamento Disciplinar da PSP prevê a expulsão, mas nada indica que isso venha a acontecer», sublinhou.

Polícias convocam nova «concentração»

Foi entretanto criada uma «comissão de dinamização do movimento de solidariedade» para com os elementos que foram alvo de processos disciplinares, que promoverá várias acções a curto prazo.

Uma delas terá lugar já no próximo dia 9, em Lisboa, num jantar que decorrerá no restaurante do Jardim Zoológico de Lisboa, durante o qual será anunciada a abertura de uma conta bancária na Caixa Geral de Depósitos, dependência do Calhariz (Lisboa), destinada a arrecadar fundos de apoio aos sindicalistas que eventualmente venham a ser suspensos.

As inscrições estão já abertas pare este jantar de âmbito nacional e que constituirá nivo e (prevê-se também) significativo ajuntamento de polícias vindos de toda a parte do País.

O principal animador do movimento disse esta manhã confiar plenamente no Supremo Tribunal Adminsitrativo, a exemplo do que aconteceu com processos do mesmo tipo contra psp's activos em prol da sindicalização na polícia.

Criada «comissão de solidariedade»

Com os fundos a arrecadar quer através do referido jantar quer da conta pública a abrir na CGD, visa a «comissão de solidariedade», formada por elementos que não pertencem à direcção da ASP/PSP, assegurar o apoio possível, inclusivamente os vencimentos, aos polícias que eventualmente vierem a ser punidos durante o intervalo de tempo (ainda por calcular) entre a reafirmação de suspensão - por parte do MAI - e o recurso para o Supremo Tribunal Administrativo.

A comissão integra elementos do Corpo de Intervenção, do Comando de Lisboa e também das Zonas Norte e Centro.

No próximo dia 3 de Junho a Comissão Pró-Sindical promove também um encontro de juristas em Lisboa, subordinado ao tema «direitos fundamentais dos cidadãos, sindicalismo das polícias», que é apoiado pelo Sindicato dos Magistrados do Ministério Público e pelo Conselho Distrital da Ordem dos Advogados.

Proposta do Governo é «inaceitável»

A Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP considera «inaceitável» o projecto do Governo sobre o associativismo na corporação, e «globalmente aceitável» o do PS. Segundo a ASP/PSP, o projecto governamental «transforma as restrições ao exercício do direito sindical na negação pura e simples deste mesmo direito».

Fotos de Rui Vasco

A Comissão Pró-Sindical da PSP argumenta com o artº 270 da Constituição, que «destrinça nitidamente restrições legítimas ao exercícioi dos direitos de reunião pacífica e de associaçºao (onde se inclui o direito sindical) da proibição desses mesmos direitos».

«Ao recusar o direito de associativismo sindical aos profissionais da PSP o Governo tenta transformar em definitivas auelas restrições sobre direitos, liberdades e garantias que a própria Lei de Defesa Nacional impõe serem apenas transitórias» - afirma a Pró-Associação Sindical no referido documento.

Os sindicalistas criticam ainda uma alegada «persistência na conceituação militarizada» da PSP, citando o artº 1º, parágrafos 1 e 2, do projecto do Governo, considerando que isso assume «foros obsessivos, parecendo reflectir o propósito de nada se pretender resolver, deixando tudo na mesma».

Desmilitarização das polícias

Acrescentam ainda que tal «acontece numa altura em que a comunidade europeia avança no processo de desmilitarização das instituições policiais e se reconhece em Portugal a própria evolução civilista da PSP após a revisão constitucional de 1982».

Citando um parecer da Comissão Parlamentar de Defesa de há três anos, a Pró-Sindical lembra a recomendação enviada pelo Provedor de Justiça em 1988 ao ministro do Emprego e da Segurança Social, bem como um outro do Procurador-Geral adjunto do Tribunal Constitucional, que considerou inconstitucional a norma do artigo 69/2 da Lei de Defesa Nacional na parte que restringe direitos sindicais e de reunião e asociação dos agentes da PSP.

A Pró-Sindical entende ainda queas tolerâncias» reconhecidas aos agentes da PSP, constantes no artº 5º do projecto, são «praticamente inexpressivas», resumindo-se à simples possibilidade de pedir ou sugerir sem que «estejam assegurados os mecanismos mínimos de viabilização desses mesmos pedidos ou sugestões».

«Fonte de atritos e de tensões»

O artº 5º é, para a ASP/PSP, «uma expresão insípida, gratuita e sem conteúdo palpável de qualquer representatividade do destinatário», realça a Pó-Sindical da PSP, a qual acrescenta que o projecto do Governo é «irrealista e, a ser aprovado, poderá vir a constituir uma fonte de atritos e tensões por deixar intocado o problema sindical».

Quanto ao projecto do PS, a Pró-Sindical dos Profissionais da PSP classifica-o de «globalmente aceitável», propondo, contudo, algumas alterações. «Espera-se e anseia-se que a aprovação do projecto definitivo ocorra com a urgência possível como única via institucional para para se sanar a tensão existente na instituição policial».

A Coordenadora Nacional da ASP/PSP sustenta que o projecto do PS deverá ser alterado no artº 1º, por forma a caracterizar a PSP como «uma polícia de «vocação civilista».

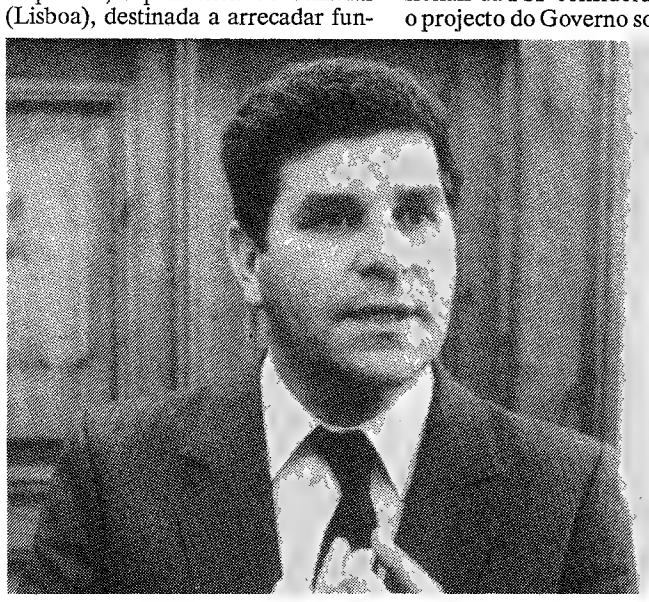
Diz a SP/PSP que «assim teria consagração legal o que tradicionalemnte se entende por polícia cívica e dar-se-ia expressão à já reconhecida evolução civilista da PSP».

Preconiza também a substituição da palavra «corporação» por «instituição», para além de considerar «supérflua» ou «redundante» a referência a «requisição civil», no artº 3º. Dois artigos depois -no 5º- recomenda a substituição da expressão asociações profissionais de natureza sindical ou associações profissionais pela de associações sindicais.

Há que chamar as coisas pelos seus nomes», considera a pró-sindical, alegando que «a expressão natureza sindical se afigura tão cautelos como inexpressiva».

Acerca do direito de manifestação dos agentes da PSP, a ASP/PSP entende que o projecto do PS deveria «consagrar inequivocamente o direito de manifestação em paridade com o direito de reunião».

Relativamente à restrição do direito de greve, aquela organização refere que a sua «proibição absoluta nãopode ser colocada como garantia ou salvaguarda para o cumprimrnto das funções fundamentais da polícia». É a propósito que a posição da ASP/PSP salienta que hã sectores da polícia que podem fazer greve sem que isso acarrete qualquer risco, como os serviços administrativos».



Fotos de Rui Vasco

Silveira Godinho reafirma intenção de «despedimento» para polícias

O ministro da Administração reafirmou em Vieira de Leiria que «não haverá recuos nos processos disciplinares dos sindicalistas da PSP». Silveira Godinho sublinhou também que o 1º subchefe José carreira e demais companheiros incorreram em «infracção disciplinar nítida e reiterada».

O ministro da Administração Interna, que disse ignorar se já foi enviada àquele e aos outros sindicalistas a nota de culpa relativa ao «caso» do Terreiro do Paço, excluiu peremptoriamente a hipótese de qualquer recuo em matéria de sanções disciplinares.

O «DL» apurou entretanto que José carreira e demais companheiros deverão responder até amamhã à segunda nota de culpa elaborada pelo MAI, essa relativa à tentativa de entregar no MAI uma moção aprovada pela PSP na «Voz do Operário» do dia 21 de Abril de «triste memória»

Usando da palavra na sessão de abertura do 23º Congresso da Associação Internacional de Polícia (IPA), a decorrer naquela vila leiriense até ao dia 26, o ministro português da Administração Interna salientou que a política de segurança interna não deve ser equacionada e posta em prática «de forma isolada» nos diversos países.

«A cooperação na luta contra a criminalidade no plano internacional é imperativa para que possam ser obtidos rapidamente resultados mais eficazes», considerou.

Realizado pela primeira vez em Portugal, o Congresso da IPA tem como objectivo a troca de conhecimentos e experiências profissionais, bem como o estudo das formas adequadas ao desenvolvimento da actividades culturais e sociais - frisou Alcino Costa, presidente de secção portuguesa da Associação Internacional da Polícia (IPA).

Carvalho da Silva em balanço do 6.º Congresso

CGTP MANTEVE AS CRÍTICAS AO «PROJECTO CEE»

A integração de Portugal na CEE e a unidade com outras organizações sindicais marcaram o discurso de encerramento do VI Congresso da CGTP, que Carvalho da Silva proferiu no sábado. Foi, no entanto, uma intervenção mais «convencional», comparada com a «inovação» assumida na alocução do primeiro dia.

«A ninguém deve restar dúvidas a respeito das críticas e das reservas que mantemos face à CEE e ao projecto do grande capital de construção da Europa dos monopólios», afirmou o coordenador da Intersindical alertando, contudo, que a CGTP não se pode «ficar pela luta contra esta situação», porque «se não actuar corre o risco de contribuir indirectamente para que sejam o patronato e o Governo em exclusivo a determinar a actuação da CEE e a composição dos seus órgãos».

O líder da CGTP advertiu que «esse risco pode já verificar-se nas próximas eleições para o Parlamento Europeu», pelo que apelou para que o movimento sindical «se empenhe no esclarecimento e na mobilização dos trabalhadores» e contribua «para a eleição de mais deputados europeus capazes de defenderem os interesses de classe dos trabalhadores».

Reforço da unidade

Carvalho da Silva reafirmou que a unidade deve ser reforçada a partir dos locais de trabalho e deve ser «preocupação constante de todos os dirigentes do movimento sindical, da base ao topo».

«A abordagem objectiva da questão do relacionamento no seio do movimento sindical português a todos os níveis impõe-se e deve ser efectuada de forma a possibilitar evoluções tão rápidas quanto necessário», assinalou.

As consequências das convergências «não se limitam à simples soma aritmética dos filiados na CGTP e nas outras organizações, designadamente na UGT», mas são «muito maiores», considerou Carvalho da Silva, explicando:

«São os trabalhadores não sindicalizados, os com trabalho precário, os jovens que vêem nessas convergências um estímulo poderoso para a sua participação na luta».

Virando-se para o funcionamento interno da central que coordena, declarou que há um «envolvimento crescente de jovens activistas nos sindicatos como reflexão da criação da Interjovem, um projecto dinâmico que não pode ser travado por questões burocráticas, por vícios no método de trabalho, nem por rotinas de procedimentos».

Mensagem de Abril mantém-se

A revisão da Constituição foi também focada por Carvalho da Silva, que a considerou «um valioso património, quer na perspectiva dos direitos individuais quer nos colectivos, no plano económico, social e cultural».

«A mensagem de Abril está viva no coração do povo português e mantém-se no seu horizonte de luta», pelo que «não será eliminada pelo texto constitucional resultante da revisão».

O coordenador da Intersindical salientou que «é reconhecido que a evolução das sociedades face aos progressos da ciência e da técnica provocará mutações económicas e sociais importantes», considerando que «é necessário aprofundar o conteúdo da democracia e da participação dos trabalhadores na vida económica» e não seria «correcto utilizar o argumento da modernização para restringir esses direitos».

Objectivos imediatos

Corrigir «a gravíssima situação de injustiça social de desiquilíbrio e de desigualdade na repartição dos frutos dos crescimento económico e das disponibilidades do país» é o que visam os «11 objectivos de luta imediatos», afirmou aindaCarvalho da Silva.

Dos «11 objectivos de luta imediata» aprovados no Congresso, consta um aumento intercalar de cinco mil escudos nos salários mínimos e de 3.500 escudos nas pensões de reforma a partir de 1 de Junho, sem prejuízo das revisões nas datas normais.

A CGTP reivindica o horário máximo de 40 horas semanais e a redução da idade de reforma para 60 anos para aqueles que há 25 anos tenham trabalhos insalubres ou penosos, do ponto de vista físico ou psiquico.

A passagem a efectivos dos contratados a prazo que ocupam postos de trabalho permanentes, o combate ao desemprego e ao trabalho infantil e o respeito pelos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores, bem como o desbloquamento da contratação colectiva são outras exigências constantes no documento aprovado.

A Intersindical pretende também novos diplomas no domínio da higiene e segurança no trabalho, a melhoria da qualidade da assistência médica e dos cuidados de saúde, com alargamento da rede de centros de saúde, a actualização das comparticipações e a adopção de uma política nacional de medicamentos.

Por fim, a central sindical reclama a diminuição dos encargos das famílias com os empréstimos à habitação e o «desagravamento da carga fiscal».

Depois do Primeiro-Ministro reconhecer derrapagem da inflação

«E agora, professor Cavaco Silva?»

– Interroga Torres Couto

«E agora, professor Cavaco Silva?» A interrogação é do secretário-geral da UGT, que sábado, na reunião do Conselho Geral da central sindical, queria saber «o que é que o Governo tem para oferecer aos trabalhadores pelo erro da sua política macro-económica», uma vez que o Primeiro-Ministro «acabou por ter que reconhecer que a inflação não são 6 por cento, mas o dobro». E a central garante que exigirá as devidas compensações.

O Conselho Geral da UGT reuniu-se sábado passado para aprovar os relatórios de contas de 1987 e 1988, o orçamento para 1989 e analisar a situação político-sindical.

Torres Couto, falando no início dos trabalhos, centrou a sua comunicação em dois vectores: o congresso da CGTP, «onde a UGT foi muito falada», e a análise política-social «à luz dos últimos resultados económicos e da intervenção do Primeiro-Ministro».

Cavaco Silva, na entrevista que deu à televisão, teve que reconhecer que a meta de 6 por cento para a inflação não foi cumprida, disse o líder da UGT, recordando o comportamento «arrogante e teimoso do Governo» sobre aquela matéria.

«Errar é próprio do homem. Não temos medo de um Primeiro-Ministro e de um Governo que reconhecem que erram, mas dos que têm a mania que não erram, que se apresentam como pessoas e instituições infalíveis», acrescentou.

Torres Couto lembrou que o acordo sobre política de rendimentos refere que em caso de derrapagem da inflação se encontrariam mecanismos compensatórios. «Até aqui temos assistido a um braço-de-ferro, com o Governo a dizer que as suas metas seriam atingidas, e nós a provarmos o contrário. Agora o Primeiro-Ministro reconhece que falhou, e sentimo-nos na obrigação de obrigar o Governo a negociar connosco as compensações».

UGT volta a exigir

«Vamos exigir imediatamente que se reabram negociações sérias sobre esta matéria. Não queremos criar um conflito institucional. Queremos que os compromissos connosco assumidos sejam respeitados, que o poder de compra do salário real não continue a cair», frisou o líder da central da Buenos Aires.

«Não nos vamos deixar intimidar por discursos anti-democráticos. Não priviliagiamos a rua, mas não a enjeitamos», disse Torres Couto, acrescentando, a propósito das afirmações de Cavaco Silva na televisão, que «os tempos em que os trabalhadores não se podiam manifestar na rua são tempos que a UGT repudia e não vai permitir que se voltem a instalar na sociedade portuguesa».

No mesmo sentido se pronunciou o Conselho Geral da central, que aprovou uma moção proposta pelo Secretariado, na qual exige a reposição do poder de compra dos salários e das pensões e a definição de um novo quadro para a negociação colectiva, a partir de novos referenciais de inflação para 1989/90, que deverão ser acordadas em sede de concertação social.

Que a negociação colectiva tenha em conta o agravamento da inflação - que a central considera que no final do ano não será inferior a 13 por cento - e que o Governo «redifina a sua política salarial com incidência imediata em todos os processos pendentes de negociação colectiva, nomeadamente na banca, no sector público empresarial e na administração pública, relativos a 1988 e 1989», são outras exigências constantes na moção aprovada.

Atendendo à degradação do baixo poder de compra dos salários mínimos, a UGT reivindica uma revisão intercalar dos seus valores em 1 de Julho deste ano, «sem prejuízo da nova actualização em 1 de Janeiro de 1990».

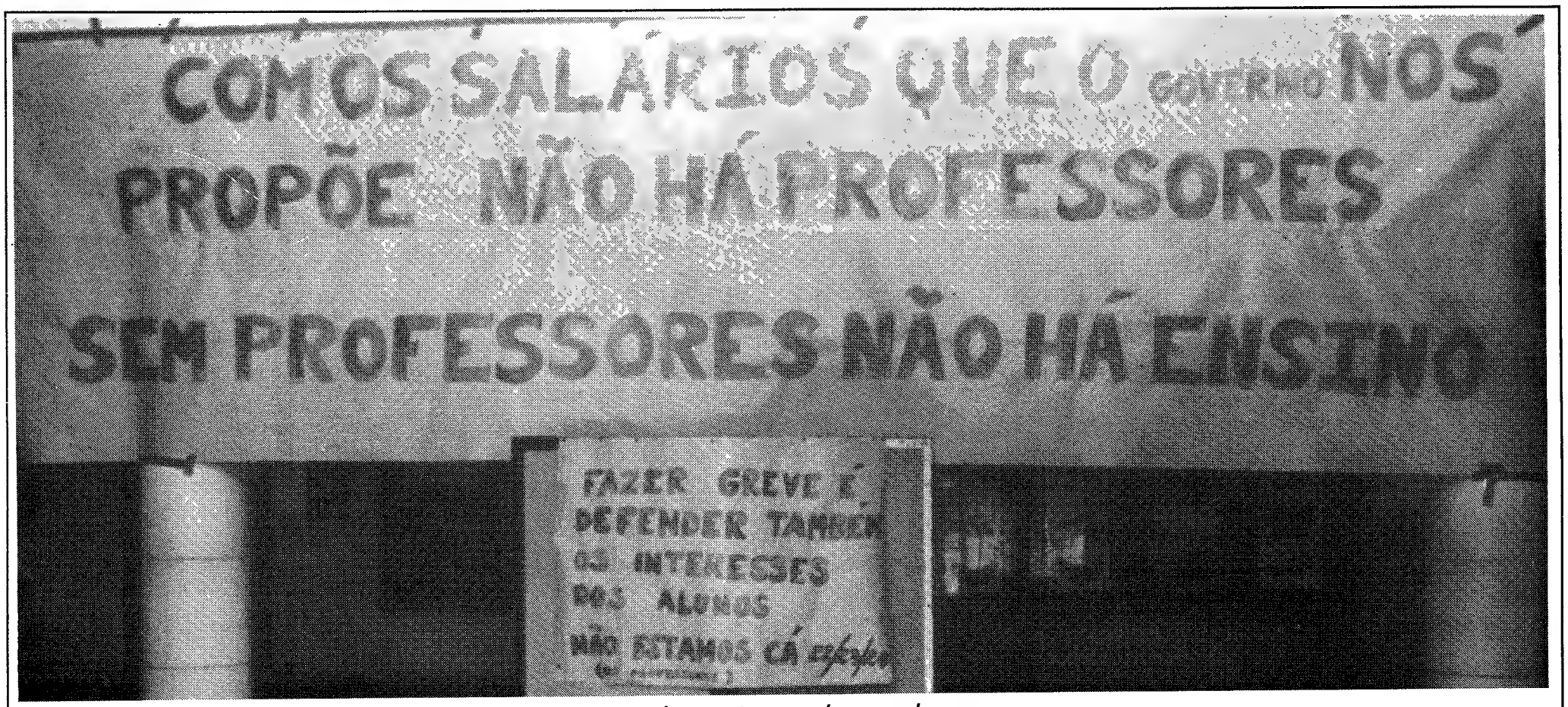
CGTP: política de avestruz

A moção tem ainda um ponto no qual se «exorta os trabalhadores portugueses à unidade» e no qual o Conselho Geral «se congratula pelos passos dados pela CGTP e pela UGT» nesse sentido.

Referindo-se também à Intersindical, Torres Couto considerou, na sua intervenção, que o «reconhecimento da UGT como central sindical» uma década depois da sua formação mostra que «a CGTP continua a decidir com 10 anos de atraso», mantendo a sua «política de avestruz».

Referindo-se à «viragem» de que se falou no congresso, disse: «Esperamos que esta viragem seja no sentido de ter uma direcção política menos subjugada pela linguagem ortodoxa do Partido Comunista Português».

«Não temos complexos, não estamos à espera das posições da CGTP. Continuamos abertos como sempre ao diálogo com todo o movimento sindical, incluindo a CGTP, quando estão em causa direitos dos trabalhadores», concluiu.



Adesão na ordem dos 90% leva ao encerramento de centenas de escolas

PROFESSORES: GREVE CONTRA AFRONTAS

Milhares de professores iniciaram hoje uma paralisação de três dias consecutivos, naquela que é já considerada uma greve «histórica» da classe e que levou ao encerramento da maioria dos estabelecimentos de ensinode todo o país. Registando índices de adesão - na maioria das escolas dos ensinos básico e secundário em relação às quais, até à hora do fecho desta edição, foi possível obter dados - da ordem dos noventa a cem por cento, este primeiro dia de greve da classe dos docentes é, na opinião dos dirigentes das estruturas sindicais que a convocaram, a FENPROF, o SINDEP, o SINAP e o SIPPEB, a «maior greve de sempre que os professores realizaram, mobilizando cerca de 130 mil docentes».

Em causa está o «repúdio total e absoluto» pela proposta de grelha salarial para a classe, integrada nos quadros da Função Pública, que foi apresentada pelo governo - através da Subsecretaria de Estado da Modernização Administrativa - e que os professores consideram «desrespeitar a dignidade que se impõe à profissão» e as «expectativas» geradas pelo Ministério da Educação ao longo de vários meses de negociação, quer nesta matéria, quer no que respeita à revisão do estatuto da carreira.

Após a paralisação do passado dia 11 de Maio, que atingiu igualmente elevados índices de adesão, a greve que se prolonga até depois de amanhã, dia 24, conseguiu ainda aumentar a percentagem de paralisações, o que tem sido interpretado, pelos responsáveis do movimento sindical docente, como «um claro indicador da indignação dos professores» face a uma situação que «nunca foi vivida após o 25 de Abril».

António Teodoro, secretário-geral da FENPROF (Federação Nacional dos Professores) confirmou esta manhã ao «DL» a sua perspectiva quanto ao carácter «histórico» desta greve, sublinhando que um dos factores que contribuiram para o aumento das adesões, desde 11 de Maio até hoje, prende-se com o trabalho de base de esclarecimento desenvolvido junto das escolas nos últimos dias.

Pesa igualmente aqui, na opinião deste dirigente sindical, a força da «unidade de acção das estruturas que aderiram à greve de 22, 23 e 24 de Maio», que levou a que, inclusivamente, «não tanto pelo seu número de filiados mas pelo significado da consonância de perspectivas» muitos professores não sindicalizados aderissem também à greve.

«Muitos professores aguardavam que, através do processo de negociação, o governo alterasse a sua proposta», sustentou António Teodoro ao «DL».

Com efeito, os números que reflectem a adesão dos professores a esta greve, apontam para a paralisação de um importante sector da classe que tradicionalmente não adere a greves e que, significativamente, dá conta da inaceitação geral e da «afronta» que a proposta governamental conseguiu gerar.

De acordo com indicações fornecidas por António Teodoro ao «DL», esta manhã, verificavam-se adesões da ordem dos cem por cento em muitas das escolas do concelho de Lisboa, índices que se registavam igualmente nos estabelecimentos de ensino de Cascais, Portela, Tercena e Carcavelos.

Na Escola Secundária da Cova da Piedade a adesão à greve foi de 91%, na Emídio Navarro (Almada), 97%, na Secundária nº1 da Portela de Sacavém 100%, na C+S do Lourel 93%, na Secundária do Entroncamento 99%, na Secundária nº1 de Torres Novas 90% e no Algarve, ao nível do ensino secundário, a adesão rondava os 93%.

Em relação ao ensino primário, o primeiro de que, pela sua natureza, é possível obter dados gerais, o encerramento das escolas é quase total, tendo o «DL» conseguido apurar que em Lisboa a adesão à greve se situava entre os 90 e os 100 por cento, na Amadora a percentagem apontava para os mesmos índices, no concelho de Loures oscilava entre os 75 e os 100 por cento, em Óbidos igualmente 100%, na zona de Sintra situava-se entre os 80 e os cem por cento e na Madeira rondava, em média, os noventa por cento, sendo que no ensino especial desta região a greve registava 95% de adesão.

Protesto de professores «maltratados» por proposta «humilhante»

Para Carlos Chagas, secretário-geral do SINDEP (Sindicato Democrático dos Professores, afecto à UGT e de tendência social-democrata), a grande importância e êxito desta paralisação reside no facto de «milhares de professores que nunca fizeram greve, terem-na feito agora».

De acordo com este dirigente sindical, «mais do que nunca, os professores sentem-se pura e simplesmente maltratados» e esta greve assume a «expressão do protesto dos docentes ao Ministério da Educação e ao governo pela sua falha nos objectivos do seu programa em termos da prioridade de actuação que era afirmavam ser dada à Educação».

Carlos Chagas sublinhou ao «DL» que este momento «histórico da vida sindical dos professores», para o qual contribuiu, «de forma decisiva», a adesão do SINDEP «que nunca banalizou a greve em termos de ter esgotado a negociação», levou muitos professores a tomar consciência de que «o problema é mais profundo» e que o que também está em causa, para além da não paridade dos professores aos quadros técnicos superiores da Função Pública com iguais habilitações, é a «afirmação da profissão» e a «qualidade do ensino».

«Ou o governo entende que sem professores não há reforma do ensino - e o recado dado hoje ao executivo mostra, pela primeira vez, o índice de consciencialização da classe - ou este ano não há encerramento do ano lectivo», afirmou Carlos Chagas ao «DL», sublinhando que o SINDEP «está aberto a discutir novas formas de luta» com outras estruturas sindicais, no sentido de «paralisar o sistema de ensino na totalidade das suas actividades».

Greves às avaliações: uma possibilidade cada vez mais verosímil

Para o secretário-geral da FENPROF, António Teodoro, a «última esperança» de alteração da proposta salarial apresentada vai para a reunião do Conselho de Ministros na próxima quinta-feira, dado que as reuniões tidas com a subsecretária de Estado da Modernização Administrativa após a apresentação das grelhas salariais para a Função Pública «não modificaram em nada a situação».

Para a FENPROF, «mantem-se a recusa do governo em respeitar a paridade entre os professores e os quadros técnicos superiores da Função Pública com prejuízo óbvio dos docentes», salientando esta organização sindical, a mais representativa da classe, «a inconsequente desarticulação existente entre a perspectivação dos estatutos de carreiras no Ministério da Educação e as correspondentes propostas apresentadas pela Secretaria de Estado da Modernização Administrativa» o que, assumindo-se como «um facto lamentável», «justifica firme repúdio por parte dos professores».

«Na última reunião tida, afirmou António Teodoro ao «DL», e que decorreu na sexta-feira, houve uma tentativa de mostrar que os professores deviam ganhar menos que outras classes, coisa que já não pensávamos ouvir e que não nos permite vislumbrar qualquer alteração significativa da posição do governo».

«A FENPROF tem hoje plena autoridade para acusar o governo de má-fé e afirmar claramente que, na unidade de todos os professores, conduzirá este processo até onde for necessário, sem nunca exitar na firme defesa dos docentes e nas necessidades da Educação».

Prefilando assim novas formas de luta para os tempos mais próximos, o secretário-geral da FENPROF afirmou ao «DL» estar já em preparação pela organização um novo período de paralisações para antes do dia 19 de Junho - data das eleições para o Parlamento Europeu - e um outro de greves aos exames, cujo calendário será decidido na reunião desta tarde do Secretariado Nacional da FENPROF.

Em relação ao comunicado emitido pela FNSP/FNE, de Manuela Teixeira, segundo o qual era avançado um calendário de cinco dias de greve para Junho, António Teodoro sustentou que o documento «só veícula aquela estrutura sindical» e que a proposta da FENPROF «não passa pelo mesmo calendário» da outra federação.

Para já, o secretário-geral da FENPROF admitiu ao «DL» que, «estando já decidido, trata-se agora apenas de organizar» a recusa pura e simples dos professores a todas as práticas não docentes, e que, em relação ao calendário de novas greves para o início de Junho, a sair da reunião desta tarde do secretariado nacional da Federação, esta proposta «será apresentada a todas as outras organizações sindicais».

UGT expressa «total» apoio aos docentes

A UGT (União Geral dos Trabalhadores) expressou já o seu apoio à luta que os professores de todo o país desenvolvem neste momento e que «não corresponde a um processo justo» de revisão do sistema retributivo e de reestruturação de carreiras da Função Pública .Em comunicado emitido, o presidente da central sindical, José Pereira Lopes, manifestou a sua «solidariedade para com todos os professores» e suas «legítimas aspirações», lamentando que o governo não tenha em conta as «razões justas» que lhes assistem e «pretenda retomar ao velho conceito de que a classe docente tem de forçosamente integrar um campo de recrutamento de mão de obra barata».

Pereira Lopes sublinhou ainda que, «a uma classe a quem o país muito deve e da qual muito depende o futuro do povo português», «é devida justiça», criticando o executivo de Cavaco Silva por «num país onde a Educação não constitua uma das prioridades do governo, jamais se poder adivinhar horizontes de progresso, de desenvolvimento e de justiça social».

Primeiro Congresso de Grupanálise
foi homenagem ao professor Eduardo Luís Cortesão

GRUPANÁLISE, APRENDER A ESTAR NA VIDA

Isabel Braga

No começo dos anos 40, ocorreu a um psicanalista e major médico do exército britânico, S.H.Foulkes, que tinha que tratar combatentes vindos das frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial, reuni-los em grupos de sete ou oito e pô-los a discutir uns com os outros os seus conflitos, as suas dúvidas, e a formular as suas próprias perguntas.Foulkes encarregava-se de interpretar as suas motivações inconscientes e de propôr novas formulações para os conflitos que experimentavam.

Era a descoberta revolucionária das potencialidades de comunicação e das capacidades terapêuticas das próprias pessoas que sofriam de doença mental quando integradas num grupo. Verificou-se que este gerava forças dormentes que faziam com que cada um saísse de uma situação tradicional passiva e se tornasse capaz de cometimentos mais inovadores, passando a interveniente no próprio processo terapêutico.

«Uma das essências de grupanálise é investigar a comunicação dentro de uma matriz de pessoas, imprimindo, ou melhor, induzindo um conjunto de atitudes e princípios a que chamamos padrão grupanalítico».

A definição é do psicanalista, psiquiatra e professor universitário Eduardo Luís Cortesão, que estudou com Foulkes em Inglaterra e introduziu a grupanálise em Portugal na década de 50, dando-lhe uma dimensão nova e original.

«A partir de 1971, comecei a sistematizar ideias que vinha acumulando e que se traduziram na definição e explanação de um processo grupanalítico. Este incluía toda a teoria psicanalítica e pressupunha, deste modo, o manejo técnico e clínico - desde as formulações metapsicológicas, até às minúcias das relações de objecto - numa situação específica de grupo» afirmou.

Grupanálise não é «panaceia»

Para ele, a grupanálise «é uma oportunidade única para a pessoa reflectir sobre si própria e sobre as pessoas com quem se relaciona durante toda a vida», que lhe permitirá «fazer um escrutínio interior sobre os seus próprios conflitos desde a infância à actualidade».

No entanto, não se trata de «uma panaceia» pois, antes do mais, nem todas as personalidades - o professor recusa a palavra doentes - têm indicações para fazer grupanálise.

«A grupanálise só tem indicações para determinadas personalidades que possuam inteligência, não tenham rigidez de pensamento, mas flexibilidade de carácter», sublinha.

Cortesão recusa o conceito secular da medicina que usa palavras como «curar», «resultados», «conclusões», o qual, que, na sua opinião, deve ser desmistificado.

E citou trabalhos como o de J.M.Machado Nunes, sob orientação dele próprio e dos professores de cardiologia Sales Luís e Carlos Ribeiro, que põe em evidência que muitas doenças coronárias têm relação com as matrizes familar, laborar e socio-cultural em que o indivíduo se movimenta.

«Anteriormente, foram investigados projectos idênticos-feitos com os princípios da grupanálise - em doentes renais crónicos, sujeitos a hemodiálise», afirmou.

«A grupanálise não tem como objectivo curar, mas fazer as pessoas encarar os problemas de outra maneira. É que a vida é um diálogo constante dentro do binómio saúde/ doença. Nunca teremos saúde mas nunca estaremos definitivamente doentes» afirma.

As «circuntâncias» das pessoas são, para ele, o essencial a estudar no binómio saúde/doença.

Circunstâncias como o matrimónio, a educação escolar, o tipo de trabalho que se faz, o envolvimento sócio-comunitá-rio, se vive em rancor ou gosta de amar, se é pragmático ou idealista.

«Quem ignora isto na medicina é um bate-chapas» afirma Eduardo Cortesão.

Evolução da grupanálise a nível institucional

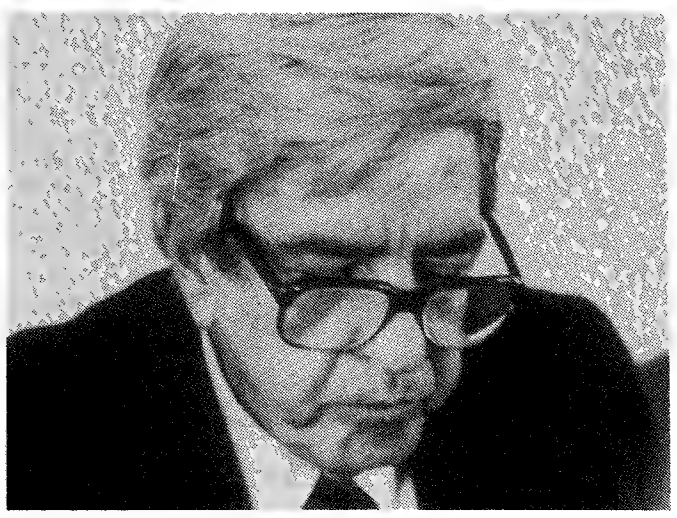
Depois de, no final da década de 50, introduzir a grupanálise na prática hospitalar, primeiro na consulta externa do Hospital de Santa Maria e depois no tratamento de pacientes psicóticos no Hospital Miguel Bombarda, o professor Cortesão começou a formar técnicos na prática daquele método.

As reacções, nos círculos psiquiátricos e académicos, foram «ambivalentes», afirmou Eduardo Cortesão que considerou que tais reacções se deveram à «novidade» que a grupanálise constituía enquanto terapia e método de investigação.

Logo em 1959, nasceu a Sociedade Portuguesa de Grupanálise, primeiro como secção da antiga Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, e, a partir de 1980, como sociedade independente.

Trata-se de uma agremiação profissional e científica que, afirma o professor Cortesão, «tem colocado a maior devoção e cuidado na qualidade do treino e formação pessoal para a obtenção do estatuto de psicanalista», uma carreira que considera «árdua e complexa»:

«A partir de 1956, a grupanálise e a psicoterapia grupanalítica foram utilizadas no tratamento de pacientes com neuroses, doenças psicossomáticas e outras na consulta de psicoterapia do Hospital de Santa Maria. Os médicos ali treinados expandiram depois a técnica e as aplicações da grupanálise para muitas outras instituições de psiquiatria e saúde mental do país» recorda.



A aprendizagem da grupanálise faz hoje parte do ensino médico pré-graduado, do ensino de clínicos gerais e os seus princípios são aplicados na investigação científica.

Mais recentemente, há cerca de dois anos, os Serviços Prisionais, alertados pelo grande número de suicidios nas cadeias, recorreram a Eduardo Cortesão para que orientasse uma equipa que procede a uma investigação sobre perícias de comunicação nos estabelecimentos prisionais.

É um discípulo de Eduardo Cortesão, Alves Gomes, o director da primeira clínica psiquiátrica do ministério do Justiça, que funciona no âmbito do hospital prisional de Caxias.

«Como resultado deste trabalho, o número de reclusos que se suicidam tem diminuído drasticamente», afirmou o professor.

Passaram 35 anos sobre o aparecimento do método em Portugal e tornava-se neces-sário avaliar a evolução sofrida nestes anos de actividade e confrontar os diferentes desenvolvimentos dos conceitos e prática grupanalítica nos diferentes países.

Surgiu assim a ideia de fazer um congresso sobre grupanálise, para o qual foram convidados vários nomes importantes da grupanálise na Europa e do Brasil, entre eles Malcolm Pines, de Londres, Karl Konig, de Gottingen, Juan Campos, de Barcelona, e Miller de Paiva, de S.Paulo, Brasil.

Os organizadores do congresso, que se realizou na reitoria da Univerisdade de Lisboa entre 18 e 31 de Maio, aproveitaram a oportunidade para homenagear o professor Eduardo Cortesão, prestes a atingir a idade da reforma, no final de 35 anos de actividade profissional.

A homenagem impunha-se, afirmou um dos organizadores do congresso, Álvaro de Carvalho, porque o professor Eduardo Cortesão não se limitou a introduzir a grupanálise em Portugal.

«É graças a ele que hoje se pode falar de uma escola portuguesa de grupanálise, conhecida internacionalmente», sublinhou aquele que é um dos 20 grupanalistas existentes em Portugal.

Patriarca quer Cristo-Rei prolongamento de Fátima

O monumento a Cristo-Rei, em Almada, deverá ser «um prolongamento do Santuário de Fátima», segundo a opinião manifestada na quarta-feira pelo patriarca de Lisboa, durante a missa que assinalou o 30º aniversário do monumento.

D. António Ribeiro afirmou que «a generosidade dos portugueses há-de fazer do monumento a Cristo-Rei, em Almada, um prolongamento do Santuário de Fátima». Recorde-se que o monumento, que pretendeu imitar o do Rio de Janeiro, no Brasil, foi erigido em 1959, para cumprimento de um voto dos bispos portugueses, como agradecimento pela «graça concedida a Portugal, por ter sido poupado à segunda Grande Guerra».

O cardeal-patriarca referiu também que o projecto inicial ainda não está completo, pelo facto de não estar terminado o centro de acolhimento a peregrinos e visitantes, cuja fase inicial de construção custou 100 mil contos.

O monumento e terrenos envolventes - onde irão ser construídos centros para diversas actividades - são propriedade do patriarcado de Lisboa, estando a sua responsabilidade atribuída ao pároco de Alcântara. Quando a diocese de Lisboa foi desmembrada, em 1975, dando lugar à nova diocese de Setúbal, o patriarca quis «guardar» a propriedade do Cristo-Rei, ficando o monumento como um «enclave» de Lisboa na área da diocese de Setúbal.

Ministro na tomada de posse:

Instituto da Juventude tem de ser «irreverente»

A direcção do Instituto da Juventude «tem de ser um serviço crítico, irreverente e incómodo», disse ontem o ministro Couto dos Santos na tomada de posse oficial da direcção daquele Instituto.

Na ocasião, o ministro salientou que o Instituto tem de lutar no terreno contra a burocracia, contra os constragimentos e bloqueios culturais e políticos, contra o compadrio ou outras formas de compadrio ou outras formas de favoritismo que beneficiem sempre os mesmos.

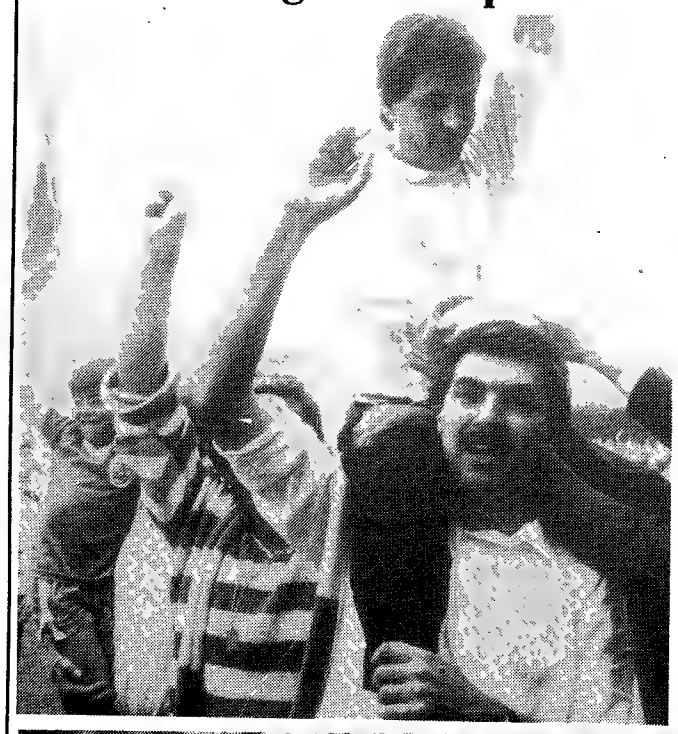
Para o ministro adjunto e da Juventude, cabe ainda aquele Instituto «dar corpo e expressão prática à política global e integrada de juventude». Para tal, o Instituto deve apresentar-se como «uma estrutura moderna, aberta e flexível» e, por outro lado, «dar prioridade à dinamização do movimento associativo».

Luís Marques Guedes, o presidente do Conselho Directivo do Instituto, referiu igualmente a importância da promoção do associativismo juvenil e o enriquecimento dos mecanismos de participação dos jovens.

Embora a direcção do Instituto estivesse a trabalhar já desde Fevereiro, ainda não tinha sido empossada formalmente. Para além do presidente, fazem parte do Conselho Directivo os vogais Adelina Camilo e Nelson Cardoso.

O Instituto da Juventude foi criado em Dezembro último, para substituir a Direcção Geral da Juventude e o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis. Dos seus objectivos, fazem parte o apoio ao associativismo, a informação aos jovens e o reforço da coordenação da política de juventude.

Feirense regressa ao pedestal



Quando o árbitro Soares Dias atirou o derradeiro silvo do seu apito no encontro de ontem com o Caldas, explodiu a alegria das gentes de Santa Maria da Feira. As imagens elucidam

Benfica no trono, quem irá cair?

NACIONAL ACABOU? APOSTA-SE NA DÚVIDA

Neves de Sousa

Real e conscientemente: foi um suplício alastrado até à ultima pinguinha mas, embora esteja (de há muito) encontrado campeão e outros viajantes europeus, nada nos diz que seja fixe e firme o quinteto que, pelo menos durante um ano, tomba no escalão dois. É que, tirando subitamente um coelho da cartola, o delegado espinhense ao jogo no terreno farense declarou que os «tigres» da Costa Verde vão impugnar uma possível homologação do campeonato. Razão imediata: a 19 de Março, o Sporting (na exibição em Espinho) apresentou lado a lado três estrangeiros (Ali Hassan, Rodriguez e Eskilsson) desta feita com o lapso de Manuel José beneficiar tremendamente o seu antigo clube, uma vez que apresentando de entrada o africano e o uruguaio, fez (aos 81 minutos) entrar o sueco a render Paulinho Cascavel, sabendo-se de há muito que a legislação do nosso futebol impede que (simultaneamente) qualquer clube possa ter em acção mais que dois estrangeiros. Menos dois pontos na já fraca contabilidade leonina? Sobrevivência espinhense no bloco superior, em detrimento da descida do Beira Mar? Já nada admira neste nosso futebol, onde cada cair de pano arrasta problemas de secretaria que (não raro) provocam alterações nas tabelas pontuais e viram de pés para a cabeça o singelo adepto do jogo-rei que sempre imagina que, concluído o ciclo de jogos, tudo está nos conformes da verdade e da razão.

Enfim: talvez já devêssemos estar prevenidos e não olhar com pasmo o que está para desaguar na praça pública. E enquanto o sueco Eriksson (presente na final da Taça de Inglaterra) declarou, em Wembley, que pretende trazer para o Benfica o camisa oito do Everton (o buliçoso Trevor Steven) e o clube da Luz confirma que está tentando o «flamenguista» Aldair para a quase inevitável rendição de Mozer, o parque da águia assiste a belo diálogo em que os boavisteiros recusaram simples papel de corpo presente e a plateia fixou como pequeno reizinho dos atiradores o angolano Vata que, com o mais baixo lucro de toda a história de futebol português, se pode ufanar de (mesmo afastado do «team» rondas a fio) ter conseguido lucrar também da ausência de Fernando Gomes e ficar para o amanhã como um primeiro dos fuziladores de balizas.

Em ambiente de festa, com toda a gente atapetando de saudade o adeus de Shéu e com pena de não terem visto Manuel Galrinho Bento também ter rubricado comparência neste torneio luso-brasileiro (dito «campeonato português»), os ouvidos ou os olhares já não pasmaram com mais uma derrota leonina no parque das Antas: há 26 anos, que o Sporting não vence em casa portista e não seria agora sem pataco na algibeira, que iria exigir-se proeza a um punhado de atletas que estão de peito firme para abandonarem um patrão que só os alimenta com promessas. Nem sequer a enorme plateia se admirou da fraca resistência viseense aos delegados de Portimão, do baquear vimaranense ante o Marítimo, do naturalíssimo triunfo belenense no diálogo com penafidelenses ou ante o sucesso fafense sobre o Chaves, que de nada valeu para a sobrevivência do «team» entregue a Manuel de Oliveira. Tudo simples e natural, como os nulos logrados pelo Estrela da Amadora face ao Leixões ou do Setúbal no reino beiramarense, com Aveiro (e toda a cidade do óptimo clã Nunes) a interrogar-se perante o que poderá vir aí do protesto espinhense ou da incúria dos **verde-brancos** de Alvalade na 30.ª ronda de exames, quando (durante os últimos nove minutos, por troca com Paulinho Cascavel) o sueco Eskilsson completou o triunvirato que será agora motivo para análise das forças judiciais da Praça da Alegria.

E, se poucos esperavam que o mau momento farense voltase à linha de água, para provocar hoje a mais incandescente assembleia geral da vida do seu emblema, seria legítimo entender que o empate do Nacional madeirense em Braga satisfazia as forças equacionadas, provando que (em muitas oportunidades) acontece espectáculo despido da emoção pelo sucesso, já que o terreno futuro ficou antecipadamente desbravado.

Acabou ou não a 55.ª justa de forças entre os estandartes de vanguarda do futebol que vemos deslizar no mais próximo olhar? Dobrado contra singelo, aí vai a nossa aposta: saudando o dono do trono e estendendo um abraço ao Tirsense, Feirense e União da Madeira, com os madeirenses em saudável estreia no supremo conclave, fica para outra conversa saber até onde o departamento de futebol dos antigos senhores da selva cometeu erro de palmatória que pode agora lesar uma bandeira que não foi tida nem havida para absorver os sucessivos falhanços que nascem quotidianamente em Alvalade.

Luz: Magnusson versus Valdir

Gomes Machado: andebol do Benfica prestou-lhe homenagem

O andebol benfiquista, aurelado pelos títulos nacionais masculino e feminino, homenageou com um jantar José Gomes Machado, o dirigente que mais impulsionu esta modalidade desportiva e que ao serviço do clube da Luz, apresenta um «palmarés» difícil de ultrapassar: como praticante, presidente federativo e representante do símbolo da águia.

José Gomes Machado (que deixou o executivo rubro mas permanece como o primeiro presidente da Associação Nacional dos Clubes de Andebol) teve à sua volta a quase totalidade dos elementos integrantes das turmas campeãs e, simultaneamente, o dr. Marcel d'Almeida (presidente do Conselho Fiscal do Benfica), os técnicos Eugen Troffin, João Gabriel e José Luís, os dirigentes seccionistas dr. João Cheu, João Francisco, João Pais e Álvaro Delislé, os massagistas Albano Dinis e Júlio Vieira, o professor Ângelo Pintado, os roupeiros Luís Ferreira e Maria Teresa, para além dos jornalistas que normalmente acompanham a actividade andebolística, dentro e fora das nossas fronteiras.

De destacar que os jogadores do Benfica que se encntram em trabalhos de selecção (João Duarte, João Marques, Eduardo Barros, Armando Pires e Luís Garrett) igualmente comparticiparam nas prendas que foram ofertadas a José Gomes Machado, nesta ronda de apreço e estima por uma personalidade indelevelmente ligada a andebol lusitano e (igualmente) a figura que melhor tem representado a modalidade no estrangeiro e junto dos grandes areópagos internacionais desta disciplina atlética.

É dever dos convivas que homenagearam José Gomes Machado distinguir o «palco» da festa: o simpático e acolhedor «Solar de Carnide», onde o serviço de cozinha (Mário e ajudante Isabel) como o trabalho na sala (chefe Henrique, empregados Quim e Vítor José) ajudaram a uma bela noite de confraternização do triunfante andebol benfiquista.

Fotos de Francisco Paraíso

As meninas campeãs nacionais

José Gomes Machado, Mário Gentil, José António e José Janeiro

O vitorioso treinador romeno Eugen Troffin num círculo de campeões nacionais

Luís Lopes, apesar de recentemente operado ao tendão de Aquiles, não quis deixar de comparcer para festejar o grande responsável pela sua estada na Luz.

Dois dirigentes-seccionistas bem contentes: o dr. João Cheu e João Pais

O professor Ângelo Pintado, o nosso redactor Neves de Sousa e o técnico João Gabriel

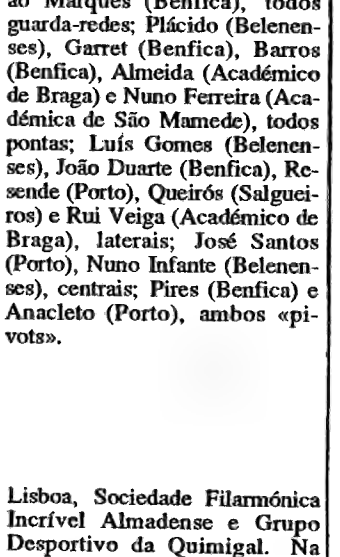
Irene Henriques

Célia Matos

Carla Marina

Andebol feminino: Benfica na base da nossa selecção

Entre 1 e 8 de Junho, a Associação de Andebol de Lisboa promove um estágio de preparação da turma de seniores femininos que vai participar no Torneio Internacional de Loures. Os seleccionadores nacionais (professora Monge da Silva e professor Horácio Poiares) optaram por uma base benfiquista, bem compreendida a partir dos últimos êxitos da turma da Luz. Assim, do símbolo da águia foram convocadas a guarda-redes Irene Henriques e as jogadores de campo Ana Isabel Sobral, Célia Matos, Paula Castro e Carla Marina. Outras atletas escolhidas: as guarda-redes Conceição Rufino (Oeiras) e Cristina Glória (Paço de Arcos) e as colegas de campo Júlia Calado, Micaela Silva e Helena Mendes (Paço de Arcos); Luísa Oliveira, Isabel Gomes e Maria João Malheiro (S. João da Madeira); Maria José Carvalho (Colégio de Gaia) e Maria João Chaves, Ilda Ramos e Assunção Magro (Oeiras).



Ana Isabel Sobral

Meninas da Luz sem concorrência

Depois de vencerem o campeonato nacional e arrecadarem a Taça de Portugal, as andebolistas (seniores) do Benfica conquistaram a Taça de Honra «Cidade de Lisboa» ao derrotarem, na final, o Oeiras por 15-13 (após prolongamento).

Na verdade, as atletas benfiquistas constituem um quadro imbatível a nível nacional e a prová-lo aí estão os resultados, os títulos e os troféus.

Participaram nesta competição as equipas representativas dos clubes com maior antiguidade como filiados na Associação de Andebol de Lisboa: Benfica, Passos Manuel, Oeiras e Ginásio do Sul e para os 3.º e 4.º lugares o «Passos» derrotou as «ginasistas» por 13-11. Para a história, a ficha do jogo da final:

Benfica: Irene, Paula Santos, Judite Paris (8), Denise Lima (2), Susana Rodrigues (1), Ana Isabel Sobral (2), Paula Castro (1), Célia Matos (1), Ana Fernandes, Carla Teixeira, Ana Cristina, Cristina Romão.

Oeiras: Conceição Santos, Vitória Caineta (1), Cristina Moreira (3), Isabel André, Filomena Santos (1), Margarida Barriga (2), Teresa Chaves, Anabela Vitorino, Ilda Ramos, Cecília Araújo (1), Assunção Magro (5).

Esperanças no Funchal

A selecção portuguesa masculina de andebol, na categoria de esperanças, que já se encontra na Madeira, vai procurar assegurar a vitória no grupo de qualificação, entre os próximos dias 26 e 28, no torneio que se realiza em dois pavilhões funchalenses.

Esta é, pelo menos, a convicção da equipa técnica do seleccionado nacional, liderada pelo romeno Costache Mircea e que integra ainda João Prudente.

Para além de Portugal participam neste grupo as selecções de esperanças da França, Dinamarca e Turquia.

Embora o favoritismo pertença, segundo os especialistas, ao seleccionado escandinavo, a selecção portuguesa aposta na vitória, contando para tal com o apoio do público e as capacidades técnicas dos jogadores convocados.

A selecção portuguesa de esperanças levou ao Funchal os seguintes jogadores: Miguel (Belenenses), Rego (Porto) e João Marques (Benfica), todos guarda-redes; Plácido (Belenenses), Garret (Benfica), Barros (Benfica), Almeida (Académico de Braga) e Nuno Ferreira (Académica de São Mamede), todos pontas; Luís Gomes (Belenenses), João Duarte (Benfica), Resende (Porto), Queirós (Salgueiros) e Rui Veiga (Académico de Braga), laterais; José Santos (Porto), Nuno Infante (Belenenses), centrais; Pires (Benfica) e Anacleto (Porto), ambos «pivots».

Vendas Novas: ginástica na festa da Casa do Povo

Considerada a maior instituição no campo desportivo do concelho de Vendas Novas, tendo já no seu activo a passagem de 1600 praticantes nos seis anos de actividade, a Casa do Povo de Vendas Novas vai organizar o seu 4.º Sarau de Ginástica, que terá lugar a partir das 21 horas de 27 do corrente, no pavilhão gimnodesportivo de Vendas Novas.

Para além da participação de todos os ginastas daquela Casa do Povo, actuarão delegações do Ginásio Clube Português, Sporting Clube de Portugal, Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, Sociedade Filarmónica Incrível Almadense e Grupo Desportivo da Quimigal. Na oportunidade, os elementos da Comunicação Social terão ensejo de observar o trabalho desenvolvido pela Casa do Povo de Vendas Novas em prol da educação, cultura e actividades físicas.

BIBLIOGRAFIA

Revista «Atletismo»

Com um belo «poster» de Carl Lewis, a revista «Atletismo» (comandada por M. Arons de Carvalho) transporta novo leque de temas com bastante interesse para os apaixonados pela modalidade desportiva base. Saliência para o merecido «toque» no facto da 7.ª pista de sintético do País (construída no portuense complexo desportivo da Arrábida) ter sido inaugurada sem qualquer acto desportivo, uma só prova que fosse... Nota de destaque para a revelação de que os próximos campeonatos de Portugal devem ocorrer na nova pista sintética do Estádio dos Barreiros, no Funchal. Curiosas reportagens de várias maratonas, citação muito justamente elogiosa a Mónica Gama (a atleta benfiquista que ficou a 18 centésimos do recorde mundial júnior dos 10 mil metros: coisa como um metro e nove centímetros!), a evolução dos recordes nacionais mês a mês, a festa portuguesa do «DN«/Jovem (já uma tradição na realização daquele nosso prezado colega), uma mesa-redonda com vários atletas (Luís Horta, Arnaldo Abrantes, Paulo Barrigana, Carlos Cunha e Pedro Palma), arquivo das marcas que vão ocorrendo por aí fora: um sumário bem ordenado de uma revista que engrandece a fraca bibliografia desportiva portuguesa.

PONTA ESQUERDA

Basquetebol: demissões provam insuficiências

Ao contrário do que tem sido feito constar, há problemas no domínio do basquetebol português. Disso nos apercebemos, quando da cerimónia do acto de posse dos actuais dirigentes e a confirmação de que «andam mosquitos por cordas» surgiu na Bairrada alguns dias antes do início do Europeu. A notícia de que os técnicos Nélson Serra (adjunto de Adriano Baganha) e de Nuno Madureira se demitiram dos cargos ocupados é a prova de que nem tudo corre bem no âmbito federativo. Importa não insistir na tecla de que a modalidade está sendo bem dirigida e de que não existem lacunas na orgânica, uma vez que a realidade é outra. Culpar os jornalistas de desestabilizadores é preceito de essência já esgotada.

Johnny Gray acusa Aouita

O atleta norte-americano Johnny Gray acusou em São Paulo, Brasil, o marroquino Said Aouita e o queniano Billy Konchellah de terem utilizado «doping» antes de importantes competições.

Gray, que acabara de participar em algumas provas de meio fundo disputadas em São Paulo, disse que Aouita se absteve de correr nas Olimpíadas de Seul porque estava com medo de ser surpreendido pelas análises «antidoping», como aconteceu com o canadiano Ben Johnson.

Entretanto, Gray afirmou também que o queniano Konchellah lhe confessara durante o Campeonato Mundial de Roma, em 1987, encontrar-se sob o efeito de substâncias proibidas, mas que, mesmo assim, alinharia na competição porque precisava de dinheiro e não podia perder aquela oportunidade.

Atletismo

Ninguém nos agarra

O atletismo português voltou à ribalta internacional, com o triunfo, individual e colectivo dos atletas do Benfica e individual das meninas bracarenses nos campeonatos europeus de estrada realizados, respectivamente, em Verona e em Monte Cassino, na Itália.

Em Verona, os benfiquistas não perderam tempo na escalada para o triunfo já que, logo ao ecoar do tiro de partida, se colocaram no topo da fila impondo o ritmo ao qual os italianos não resistiram.

António Pinto, Paulo Catarino e Manuel Matias dominaram totalmente a corrida, e a partir dos 7 quilómetros os italianos renunciaram à luta, excepto Bodin, que acabou na 2.ª posição com Pinto em primeiro e Catarino em 3.º.

Vejamos as classificações (individual e colectiva):

Geral: 1.º, António Pinto (Port), 47,51; 2.º, Gelindo Bordin (It.), 47,55; 3.º, Paulo Catarino (Port), 48,17; 4.º, Hagen Helzer (RDA), 48,18; 5.º, Daniel Boeltz (Suíça), 48,22; 6.º, Manuel Matias (Port), 48,25; 7.º, Loriz Pimazonni (It.), 48,48; 8.º, Zoltan Kaflat (Hung.), 48,52; 9.º, Walter Durbano, 48,53; 10.º Carbg Szucs (Hung), 49,06; 20.º, Henrique Crisóstomo (Port.), 50,17.

Por equipas: 1.º, Benfica, 10; 2.º, PAF Verona (It.), 18; 3.º, Hungary (Hungria), 33; 4.º, Wolverhampton (Inglaterra), 63; 5.º, Enhorna IF (Suécia), 67; 6.º, Vidar (Noruega), 70; 7.º, Bern (Suíça), 77; 8.º, Copenhagen (Dinamarca), 85; 9.º, Amsterdam (Holanda), 90; 10.º, Cormellies (França), 112; 11.º , Olympic Belfast (Irlanda), 117; 12.º, Diekirch (Luxemburgo), 123; 13.º, Vojvodina (Hungria), 143; 14.º, Slovnaft Bratislava (Checol.), 153; 15.º, S.A. San Marino (S. Marino), 178; 16.º, A.S. Mónaco (Mónaco), 192.

Triunfo de Albertina

Albertina Machado, que a sua treinadora Maria do Sameiro considerava em deficientes condições, foi a brilhante vencedora da prova feminina disputada em Monte Cassino, tendo a sua companheira Conceição Ferreira averbado o lugar mediato. Manuela Machado melhor não conseguiu do que a 11.ª posição, o que foi insuficiente para a renovação do título por parte do SC Braga, uma vez que as italianas da Fiat Sud Formia colocaram três atletas nos 3.º, 4.º e 5.º lugares.

Bastaria que Manuela Machado cortasse o fio em 8.º posto para a festa ser feita no Sameiro. E em todo o caso, deverá considerar-se muito positiva a presença das bracarenses nesta importante prova do calendário europeu.

Classificações: **Individual:** 1.ª Albertina Machado (Sp. Braga - Portugal), 50.43; 2.ª Conceição Ferreira (Sp. Braga - Portugal), 50.55; 3.ª Maria Guida (Fiat Sud Formia - Itália), 51.43; 4.ª Maria Curatolo (Fiat Sud Formia - Itália), 52.02; 5.ª Nives Curti (Fiat Sud Formia - Itália), 52.02; 6.ª Nicole Geukes (DJK Lowick - RFA), 52.21; 7.ª Anna Vilani (Fiat Sud Formia – Itália), 52.32; 8.ª Marta Visnei (Vasutas - Hungria), 52.48; 9.ª Ana Isabel Alonso (Kelme - Espanha), 52.56; 10.ª Karen McLeod (Athletic Club - Escócia), 53.07; 11.ª Manuela Machado (Sp. Braga - Portugal), 53.21; 13.ª Rosa Oliveira (Sp. Braga - Portugal), 53.30;...; 27.ª Helena Lobo (Sp. Braga - Portugal), 57.13.

Colectivo– 1.º Fiat Sud Formia (Itália), (3+4+5), 12; 2.º Sp. Braga (Portugal), (1+2+11), 14; 3.º Kelme (Espanha), 43; 4.º Sport Lyon (França). 53; 5.º Vasutas (Hungria), 56; 6.º Athletic Club (Escócia), 61; 7.º Cises Frascasti (Itália), 62; 8.º Hounslow (Inglaterra), 78; 9.º DJK Lowick (RFA), 89; 10.º Cardiff (Gales), 107; 11.º Olympia 48 (Holanda), 126; 12.º Duffel (Bélgica), 127; 13.º C. Soissons (França), 138; 14.º Road Runners (Luxemburgo), 141; 15.º Les Croupiers (Gales), 145.

Hóquei em patins

SPORTING E FC PORTO NA ROTA EUROPEIA

Como era de esperar, considerando as goleadas com que brindaram os seus opositores nos encontros da 1.ª «mão» das meias-finais das respectivas competições europeias, o Sporting e o FC Porto são legítimos finalistas, respectivamente, da Taça dos Campeões e da Taça das Taças.

Com efeito, após haverem cilindrado de forma categórica o Darmstadt da RFA (Sporting) e o Wimms da Suíça (Porto), as turmas lusitanas deslocaram-se aos recintos dos seus adversários somente para confirmarem a sua inquestionável superioridade, de tal modo que voltaram a triunfar e de forma bem evidente.

Na RFA, o Sporting venceu por 6-3 e teve nas bancadas algumas centenas de portugueses a transmitir o necessário apoio psicológico aos seus conterrâneos e em Wimms os «dragões» superaram os parceiros helvéticos pela concludente marca de 10-3.

Vejamos as «fichas» dos dois encontros e o quadro dos resultados dos jogos correspondentes às três competições europeias:

SPORTING-DARMSTADT: Jogo no Pavilhão Municipal de Darmstadt (RFA), perante 700 a 800 espectadores. Árbitro: Philipe Aubre (França).

DARMSTADT – Langner; Walter, Van Diegen, Fromman (1) e Keil. jogaram também Casez (1) e Gasteir. Não foram utilizados: Schmidt, Koch e Mucwe.(g.r.).

SPORTING – Gelásio; Trindade (1), Paulo Jorge (1), Pedro Alves (2) e Pedro Teles. Actuaram igualmente João Pedro (3, 1 p.b.) e Vítor Fortunato. Não utilizados: Campelo e Serra (g.r.).

Ao intevalo: 0-2.

PORTO-WIMMS: Jogo no pavilhão local, perante mil e duzentos espectadores.

Arbitrou bem o italiano Mannetti e as equipas alinharam e marcaram:

WIMMS – Markus; Lehnherr, Rolf Briggen, Fritz Gertsch, Werner Gertsch, Roland Kernen, Beat Meter (2), Beat Reinhard e Rolf Luthi.

FC PORTO – Franquelim; Alves (1), Realista, Vítor Hugo (3), Tó Neves (3), Vítor Bruno (2), Diego (1), Rui Félix, Rui Neto e Paulo Freitas.

Resultados

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS – Novara (Itália)-Nóia (Espanha), 4-4 (na primeira «mão», 4-5; total, 8-9); Darmstadt (RFA)-Sporting (Portugal), 3-6 (1-8; 4-14). Apurados para a final: Nóia (Espanha) e Sporting (Portugal), que jogarão no dia 6 de Junho em Alvalade e no dia 21 do mesmo mês em Saint Sadurni d'Annóia, na Catalunha.

TAÇA DOS VENCEDORES DE TAÇAS – Barcelona (Espanha)-Roller Monza (Itália), 3-3 (2-4; 5-7); Wimms (Suíça)-FC Porto (Portugal), 2-10 (1-7; 3-17). Apurados para a final: Roller Monza (Itália) e FC Porto (Portugal), que se defrontarão no dia 6 de Junho em Monza e no dia 21 do mesmo mês, nas Antas.

TAÇA CERS – Hockey Monza (Itália)-Réus (Espanha), 7-2 (5-2; 12-4); Amatori Vercelli (Itália)-Igualada (Espanha), 7-7 (3-9; 10-16). Apurados para a final: Hockey Monza (Itália) e Igualada (Espanha), que actuarão no dia 6 de Junho em Igualada e no dia 21 do mesmo mês em Monza.

Bem, agora resta aguardar pelos dias 6 e 21 de Junho para o derradeiro teste aos nossos representantes, sendo legítimo confiar na craveira dos nossos artistas perante os espanhóis do Nóia e os italianos do Roller Monza.

Vieira Carvalho

Ciclismo: Clássica das Beiras

Manuel Correia apertou o cerco

Manuel Correia venceu, pela terceira vez consecutiva, a Clássica das Beiras que este ano se disputou pela 8.ª vez. Primeiramente venceu com a camisola do Sporting e tanto no passado ano como agora, no peito o emblema da Ruquita/Feirense. O triunfo desta edição foi obtido com inquestionável categoria uma vez que ao envergar a camisola amarela na primeira etapa, nunca mais a cedeu, e convirá acrescentar que no pelotão estavam os mais destacados valores da velocipedia nacional «chefiados» pelo campeoníssimo Marco Chagas.

«Doping»

Terminada esta excelente prova, logo começou a constar no meio da caravana que havia um caso de «doping» detectado no termo da etapa de Oliveira de Azeméis onde foram submetidos ao teste Manuel Zeferino e Mário Henriques ou de S. Macário onde os «eleitos» foram Manuel Correia, Orlando Neves e Manuel Abreu.

De verdade, nada se sabe e o presidente federativo Henrique Castro afirma que os resultados só serão conhecidos dentro de alguns dias.

Impecável

É esta a palavra que deveremos aplicar ao trabalho desenvolvido pela Brigada de Trânsito da GNR comandada pelo capitão Guerreiro. Ficamos a aguardas pela Volta a Portugal para ver se o comando da GNR faz, para aquela importante prova, a escala de quem reúna experiência acumulada ou se remete oficiais sem o mínimo de preparação já que a segurança é um factor da maior importância por razões que nos dispensamos de referir.

CLassificações

Classificação geral final – 1.º, Manuel Correia (Ruquita/Feirense), 24h 00m 18s; 2.º, Orlando Neves (Ruquita/Feirense), 24.00,43; 3.º, Manuel Abreu (Garcia Joalheiros), 24.01,28; 4.º, Vítor Teresinho Grundfos/Sangalhos), 24.02,46; 5.º, Joaquim Salgado (Garcia Joalheiros), 24.02,52; 6.º, José Santiago (Recer/Boavista), 24.03,04; 7.º, Diamantino Marques (Garcia Joalheiros), 24.03,17; 8.º, Raul Matias (Salgueiros/Landimar), 24.03,48; 9.º, Mário Henriques (Orima/Cantanhede), 24.04,58; 10.º, António Silva (Ruquita/Feirense), 24.05,08.

Por equipas: 1.ª, Ruquita/Feirense, 72h 31m 13s; 2.ª, Garcia Joalheiros, 72.32,45; 3.ª, Recer/Boavista, 72.37,36; 4.ª, Louletano/Vale do Lobo, 72.42,14; 5.ª, Grundfos/Sangalhos, 72.47,43; 6.ª, Alfil/Travanca, 72.50,50; 7.ª, Aqualine/Olhanense, 72.56,07; 8.º Orima/Cantanhede, 73.01,05 e 9.ª, Salgueiros/Landimar, 73.12,07.

António Jorge

Acácio: 3.º no Giro

Acácio da Silva é o terceiro da classificação geral da volta à Itália em bicicleta, após a disputa da primeira etapa, 123 quilómetros entre Taormina e Catania, na Sicília.

Corrida da Paz

Luís Sequeira foi o português melhor classificado na Corrida da Paz, ao classificar-se na 34.ª posição, a 12.18 minutos do vencedor, Uwe Amplwer, da RDA, após a realização da última etapa.

Classificação geral finál: 1.º Uwe Amplwer, RDA, 47.40,43 horas; 2.º Olaf Jentzsch, RDA a 26 segundos; 3.º Zenon Jaskula, POL, a 2.42 minutos.

34.º Luís Sequeira, a 12.18; 43.º Paulo Silva, a 13.59; 51.º Delmino Pereira, a 15.12; 58.º José Marques, a 20.15; 59.º Orlando Rodrigues, a 20.28; 91.º Francisco Carvalho, a 1.06.33 horas.

O vencedor da 12.ª etapa, Frank Van Veenendaal, percorreu os 144 quilómetros do percurso entre Trutnov e Praga, no tempo de 4.27,58 horas, deixando o checoslovaco Jan Svorada a sete segundos.

·A DECISÃO CERTA!
·A GARANTIA DO ÊXITO!
Estamos aptos a preparar-lhe o seu CONGRESSO
Confie na nossa experiência!
***
HOTEL
VALE DE LOBOS
O "PARAÍSO" A 20 KMS. DE LISBOA.
2715 SABUGO ☎ 9273401 * 9273419
TELEX: 44564 (01) 927 46 26 927 46 56

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem
VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Fiat Uno 60 SL	1987
Renault 5 GL	1985
Renault 11 GTL	1985
Renault 11 TSE	1984
Renault 9 Super	1984
Renault 21 Nevada 7 L	1987
Renault 11 Turbo 5 portas	1987
Renault 4 GTL	1987

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal
Sede: R. dos Condes, 37 T.: 32 75 23-32 75 27-32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A T. 32 22 77
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 T. 60 73 06
RENAULT

Propostas são firmes

RAUL ÁGUAS E ÁLVARO EM FRANÇA?

• *Aldair substituindo Mozer na Luz?*

A notícia chega de França: o Metz está altamente interessado no concurdo do jovem técnico que, aos 40 anos e com uma carreira internacional cumprida como jogador, se pode gabar de ter colocado (em épocas sequentes) Desportivo de Chaves e Boavista em provas uefeiras.

Segundo a Imprensa tricolor, Raul Águas e o belga Henri Depireux (que treinou o Belenenses) são os mais pretendidos pelo Metz, que vai negociar a contratação do português através do empresario Lucídio Ribeiro, curiosamente também o representante de Álvaro que, embora tenha dado palavra de continuidade a Jorge Brito (o vice-presidente benfiquista que tomou a rédea dos mais difíceis negócios dos benfiquistas) parece novamente inclinado a tomar o caminho de França.

Aliás (e enquanto Raul Águas se considera **«um treinador barato, que até teve de pagar ao Chaves pela libertação e ingresso no Boavista»),** o «internacional» Álvaro (considerado por «experts» como «o 4.º melhor defesa esquerdo da Europa», está perante um dilema: aceitar 24 mil contos por duas temporadas e continuar no Benfica (até à sonhada despedida com as cores da Académica de Coimbra) ou levar em devida conta a bela proposta do Saint-Etiénne: coisa como 150 mil contos por três épocas. Todavia, o coração do atletas inclina-se para (depois de oito anos na Luz) continuar entre gente conhecida: só que, no seu contrato quer incluir duas cláusulas que dizem (directamente) respeito à hipótese de, em qualquer altura e perante convite do estrangeiro, poder deixar a águia, defendendo os seus interesses mas (obviamente) também salvaguardando a posição do clube da camisola vermelha.

Aldair no lugar de Mozer?

Avolumando-se a hipótese de Mozer zarpar mesmo para o futebol francês (o que, como largamente temos vindo a divulgar) proporcionaria a sua completa independência económica e resolveria importantes problemas da tesouraria «encarnada», não admira que o Benfica deite o olhar a um substituto de valor semelhante. E, depois de ter vindo a lume um possível interesse pelo sportinguista Ricardo, agora pretendido pelo Roma, que daria ao empresário Juan Figguer (proprietário do «passe» do atleta que tem actuado pelos «leões» sem receber um pataco) cerca de 162 mil contos, surge a informação de que talvez outro brasileiro (Aldair, do Flamengo, que custaria apenas 180 mil contos) pode fazer as malas e voar até ao estádio da camisola rubra. O empresario Manuel («Mercury») Barbosa, também procurador de Mozer, está funcionando como elemento de ligação entre o clube da Luz e o «Fla».

A propósito e para que melhor se entenda porque razão os futebolistas brasileiros vêm, aos molhos, para Portugal: Aldair, titular da selecção «canarinho» e apontado como o melhor defesa central do campeonato do seu país, tem de ordenado mensal a quantia de 250 contos, menos do que ganham alguns suplentes do nosso 2.º escalão...

Setúbal: vitória reestrutura-se

Depois de mais um excelente campeonato, onde ficou «a centímetros» de passaporte para provas uefeiras, o Vitória de Setúbal (já depois de revalidar o comando técnico em Manuel Fernandes) põe ordem na casa. Abandonos já confirmados, porque ex-leões consideram que atingiram o fim das suas carreiras: Jordão, Meszaros, Eurico e Zezinho. Mais saídas que parecem assentes: Carlos Ribeiro, Fidalgo, Paulo Roberto, Carlos Manuel, Nobre, Sérgio, Monteiro e Vítor Madeira, para além dos possíveis regressos ao Benfica de Edmundo, Tueba e Wando, onde serão negociados para outras paragens.

Em contrapartida (e para além de outros jovens valores já recrutados pelo clube presidido por Fernando Oliveira) o Vitória de Setúbal firmou contratos com Makukula (Leixões), Kongolo (Porto), Quinito (Leixões) e Gil (Mealhada) estando a um passo de pleno acordo com uma dupla de portistas (Sousa e Jaime Pacheco), permancendo o interesse por Fernando Gomes, que só estudará a proposta setubalense e um convite do Tirsense no dia a seguir de terminar o contrato com os «dragões».

Entretanto, a saída do preparador físico Roger Spry do Bonfim está quase colmatada com a vinda de Radisic, outro sportinguista que Fernando Oliveira vai buscar a Alvalade, onde (curiosamente) se situa um emblema do seu coração.

João Rosa: adeus, apito

Após 22 temporadas como árbitro de futebol, o eborense João Rosa abandona agora os relvados por ter sido atingido pelo limite de idade. Depois do Porto - Sporting, apenas mais uma actuação: no domingo próximo, no Irlanda - Malta (para o Campeonato do Mundo), como fiscal de linha do juiz internacional Rosa Santos.

Carcavelos convida jogadoras

O Grupo Sportivo de Carcavelos prepara já a próxima temporada futebolística com treinos para captação de novas jogadoras que queiram integrar o seu «onze» feminino e tenham idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. a turma (que tem tido o apoio do nosso prezado colega «Correio da Manhã») espera mais integrantes. O teste a quantas raparigas se julgarem com habilidade para o futebol processa-se às 2.ª feiras, pelas 20 e 30, no campo de jogos da Quinta Nova (Carcavelos).

Juniores

Vitória de Guimarães e Benfica continuam a liderar as zonas Norte e Sul da 2.ª fase do campeonato nacional de futebol em juniores, cuja 8.ª jornada se disputou ontem.

Resultados:

Zona Norte: V. Guimarães - Beira Mar, 5-0; FC Porto - Braga, 1-1 e União Coimbra - Boavista, 0-4.

Classificação: V. Guimarães, 14 pontos; FC Porto, 11; Braga, 9; Boavista, 8; Beira Mar, 6; União Coimbra, 0.

Zona Sul: Nazarenos - V. Setúbal, 0-8; Benfica - Académica, 1-0; Farense - Sporting, 1-1.

Classificação: Benfica, 15 pontos; Sporting e Académica, 9; V. Setúbal, 8; Farense, 7; Nazarenos, 0.

Juvenis

O Marítimo do Funchal venceu por 1-0 o Santa Clara, em Ponta Delgada, na primeira jornada da 3.ª e última fase do campeonato nacional de futebol em juvenis (juniores B). No outro encontro o FC Porto recebeu e venceu o Sporting por 4-1.

Classificação após a primeira jornada: FC Porto e Marítimo, 2 pontos; Santa Clara e Sporting, 0.

A próxima jornada integra os jogos Sporting - Marítimo e Santa Clara - FC Porto.

Shéu Han: a despedida dos relvados de um grande atleta, homem ínte
que conheceu no Continente. Ontem, na Luz, houve prendas, palavras b

Benfica, 2-Boavista, 2

ONDE VAI NAS

Neves de Sousa

Ao magnífico reitor do campeonato: tem alguma coisa a dizer, quanto à defesa de tese feita por dois «europeus» em tarde de champanhe e flores, música e aplausos?

No «show», houve de tudo um pouco: desde os Xutos e Pontapés a chutarem aquela da Milu, que no filme falava de «uma alegre casinha», até palavras emocionadas de Carlos Pinhão, no oficial elogio do senhor Shéu Han, cidadão que durante 19 nos dourou, com pés macios e elegância florentina, centenas de exibições do futebol benfiquista e da selecção de todo o Portugal.

Aos 35 anos, constelado de vitórias e prémios, Shéu sai da luz dos projectores, deixa o raio de sol e transita para o outro lado da barricada, bem seguro pelo seu emblema de sempre para agora passar a integrar (com funções directivas) o departamento mais profissional do emblema da águia. Simbolicamente, transmitiu o testemunho a Mariano, enquanto desde cristais da Marinha Grande até peças de porcelana rodopiavam vindos de amigos do peito: ou simplesmente lá do alto, de um terceiro anel sempre recolhendo gente boa, de coração ao pé da boca, de incentivo permanentemente preparado para oferta aos meninos da sua paixão. E ele, Shéu Han, estava na retina molhada de muitos milhares quando deu aquela derradeira volta ao palco, emoldurado por garotinhos de palmo e meio que já

As promessas cumprem-se

Distinções, subidas e descidas

Campeão: Benfica.

Baixam à 2.ª divisão: Farense, Fafe, Sporting de Espinho, Leixões e Académico de Viseu.

Taça dos Campeões Europeus: Benfica.

Taça dos Vencedores de Taças: Belenenses (por ser finalista com o Benfica, no próximo dia 28).

Taça UEFA: FC Porto, Boavista e Sporting.

Sobem à primeira divisão: Tirsense, Feirense e União da Madeira.

Descem à terceira divisão: Moreirense, Paredes, Amarante, Santa Maria, Luso, Mealhada, Marinhense, Estrela de Portalegre, Estarreja, Oriental, União Santiago do Cacém, Esperança de Lagos, Montijo e Sacavenense.

Sobem à segunda divisão: Famalicão, Vianense, Infesta, Maia, Oliveirense, Guarda, Mirense, Benfica de Castelo Branco, Samora Correia, Sintrense, Lusitano de Vila Real de Santo António e Seixal.

Descem aos distritais: Valenciano, Neves, Mirandês, Vinhais, Torre Moncorvo, Aliados do Lordelo, Oliveira do Douro, Vilanovense, Viseu e Benfica, Paço, Pessegueirense, S. Romão, Atouguiense, Beneditense, Usseira, 22 de Junho, Lisboa e Cartaxo, Arraiolense, Lisboa e Olivais, Pêro Pinheiro, Cova da Piedade, Banheirense e Ferreirense e Alvorense.

Amâncio: o conforto por se ter escapado a conquista da Bola de Prata

Belenenses, 2-Penafiel, 1

A festa pertenc

Alves Henriques

Quem ganhou o jogo foi o Belenenses, mas a festa foi protagonizada pelo Penafiel. Festa a pertencer aos vencidos, o que constitui um caso invulgar no desporto. Festa, afinal, proporcionada pelo triunfo do Espinho no Estádio de S. Luís, em Faro, onde a turma local não teve força, nem talento, nem arte, nem crença psicológica para repetir o êxito averbado oito dias antes em Penafiel, ainda que por obra e graça do árbitro Pinto Correia, que terá realizado no «25 de Abril» a pior actuação da sua ainda curta carreira. Curiosamente, cinco dias depois desse verdadeiro escândalo, o presidente do Conselho Nacional de Arbitragem veio a público alegar que Pinto Correia é o mais sério candidato aos quadros de internacional. Uma atitude intempestiva. No mínimo.

Quanto à festa do Restelo, patrocinada pelo marroquino Azis Doufikar e pelo brasileiro Ivan de Paiva Freire (autores dos golos espinhenses em Faro), dire-

mem íntegro e profissional competente e honesto. Depois de ter sido «estrela» dentro das quatro linhas, passa a funções de director do futebol benfiquista, sempre defendendo as únicas cores clubistas palavras bonitas e muita emoção

ASCER OUTRO SENHOR SHÉU?

vêem nele o mestre que desejariam prolongar.

Ontem, no Benfica-Boavista, a canção do golo foi escutada por quatro vezes. Logo no início, o golpe fatal de Vata parecia encaminhar os rubros para triunfo sólido. Sucede, porém, que o mesmo Boavista que foi baleado no próprio reduto por um Belenenses de constantes alternantes, resolveu descer à capital e transportar todo o perfume da sua ciência, ensarilhando as armas dos alunos de Toni e chegando a provocar altas dúvidas entre o areópago.

•

A réplica boavisteira foi sempre disfarçada sob uma aparente camada de conformismo, como se os alunos de Raul Águas não tivessem ganho redobrado alento ao notarem que no «team» caseiro havia faltas de alto calibre (Mozer, Ricardo, Álvaro, Valdo) que o próprio Diamantino não despegou do banco lateral e que, por obra e graça das alternantes no «placard», Manuel Galrinho Bento (pela primeira vez desde que o Benfica conquista títulos após a sua entrada na Luz) não tem oportunidade de se considerar campeão porque ninguérm o deixou tocar na bolinha.

Bem: havia o 1-0. Abel e Vata iam falhando a continuidade. Uma mão de Frederico (quase descarada, caramba!) bem na área de extremo rigor foi «obliterada» pelo árbitro (o alentejano José Pratas, que benza-o Deus, esteve muito malzinho, a léguas do que já demonstrou de bom). E o Boavista acreditando mesmo na complacência arbitral, cresceu e enfunou as velas; disparo de Nélson (livre directo) esbarrra na trave de Silvino, mais duas ou três avançadas antes do refresco no balneário podiam ter colocado a paridade no «placard».

•

No tempo complementar, ainda os lenços enxugavam lágrimas pela despedida do «capitão» Shéu, estavam as apostas fervilhando e, de jacto, saltam para a peneira temas para larga discussão no conclave: a anulação a Ademir de um golo que pareceu límpido como água corrente, logo de rajada dois disparos boavisteiros que colocam a turma do «major galopante» na crista da onda.

Fonseca já tinha dado o lamiré, numa escusada falta que apanhou o juiz a meditar, mas quando Garrido entrou daquele modo a Isaías, o profeta não poderia perdoar. «Penalty» bem cobrado amansou a fera, até porque de imediato (sempre rasgando o Benfica pelo mais que vulnerável flanco esquerdo da sua defensiva) Jaime entrava como bólido e fazia o 1-2 de quase espanto. E foi preciso o ponteiro dos minutos andar para ali a refastelar-se, morno e chato, para (a quatro simples voltinhas da meta final) Vata acertar no couro, e, recolhendo de cabeça um belo endosso de Pacheco, assinar o tento que vai fazer dele um pequeno «reizinho» entre goleadores, a mais magra colheita de todos os campeonatos europeus e (aqui para nós) uma autêntica demonstração da improficuidade dos chamados atiradores de elite, pontas-de-lança pagos a peso de ouro que, bem vistas as coisas, nem chumbo merecem.

•

Foi um prato que os boavisteiros não gostaram de digerir porque (a certa altura) pensaram que tinham o lucro total na palma da mão. E começaram outros **jogos florais** sempre de mau tom: Alfredo e Veloso pegados como dois esgrimistas assanhados a perceito, Raul Águas e Gaspar Ramos também demasiado excitados, provavelmente cada um puxando a brasa à sua sardinha mas sem aquela escusada pressão rubra sobre um fiscal de linha que já nem sabia que outra coisa fazer à vida que se enganar nos julgamentos. Pudera: com aquela barulheira nos ouvidos, nem um santo de altar resistia!

Toni já anunciou: vai receber o chefe Eriksson de braços abertos e prorrogar o contrato que já o ligava à águia por mais um ano. E, agradecendo à Comunicação Social o apoio recebido, numa atitude galante e de aparente modéstia, o treinador campeão ficou vendo desfilar os seus mais aplicados pupilos na tarde da visita boavisteira: Veloso, Samuel, Abel e Vata, que confraternizavam com os mais salientes parceiros do outro emblema (Alfredo, Jaime, Walker, Frederico e Isaías), bem vistas as coisas todos rodeando Shéu que, aos 35 anos, ainda com muito futebol nas pernas, prefre transferir a responsabilidade para mais alto: e, na nova pele de bem chefiar, mostrar porque razão ainda ontem partiu e já mora na nossa mais rendida saudade. Quando aparecerá por aí outro atleta com o seu perfil, a sua personalidade, a mesma correcção e idêntica qualidade técnica? Será preciso esperar a resposta quando os meus netos já forem para a tropa?

O bolo do festim real

Vata: reizinho de marcadores e o filhinho

Sob a direcção de José Pratas, Évora, alinharam:
BENFICA: Silvino; Veloso, Samuel, Garrido e Fonseca; Shéu (Mariano, aos 45m), Abel I, Ademir (Pacheco aos 73m), e Vítor Paneira; Magnusson e Vata.
BOAVISTA: Alfredo; Jaime, Frederico, Valdir, Casaca; Parente (Jorge Andrade aos 45m), Chiquinho Carioca (João Pinto aos 60m); Agatão Nélson; Isaías e Phill Walker.
Acção disciplinar: Cartões amarelos a Valdir, Fonseca e Frederico.
Golos: Vata (4 e 86m), Isaías (67 de g.p.) e Jaime (73).

nceu aos vencidos

mos que o Penafiel, pelo brilhantismo evidenciado na primeira fase do campeonato, não merecia ser despromovido e aquele bem triste episódio, ocorrido no jogo da jornada 37, foi demasiado duro para vitimar o brio, dignidade, esforço e sacrifício de atletas, técnicos, dirigentes e associados da popular colectividade nortenha. Festa justificada por tudo isso, ainda que vergados ao peso da tangencial derrota, imposta pelo finalista da Taça de Portugal.

A propósito, diremos que Marinho Peres arriscou demasiado ao deixar em repouso José António, José Mário, Juanico e ainda Mladenov e Baidek, os três primeiros porque se encontram com excessiva carga de amarelos, o búlgaro a necessitar de repouso e Baidek ligeiramente tocado. Naturalmente que as intenções determinantes para tal decisão de Marinho Peres se fincam no facto de, no domingo, o Belenenses estar presente na grande festa do Jamor e alimentar legítimas ambições de discutir com o Benfica a posse do prestigiado troféu.

Olhos nas redes de Jorge Martins e ouvidos virados a Faro, os comandados de José Romão iniciaram o encontro dispostos a não correr riscos por excessiva confiança nas possibilidades dum brinde vindo dos parceiros da Costa Verde e, depois de Saavedra ter «abdicado» da primeira oportunidade para o funcionamento do «placard», surgiu **AMÂNCIO** (minuto 18) a provocar euforia na claque nortenha e certamente que a vibração ultrapassou em centenas de quilómetros as imediações do Restelo.

A actuar com muita frieza, rigor e calculismo, os penafidelenses foram «administrando» o pecúlio amealhado e de Faro vinham notícias muito agradáveis. Macaé falha mais um golo e Cerqueira é convidado a mostrar as suas excelentes aptidões para o lugar que ocupa no xadrez da equipa.

No derradeiro minuto da primeira parte, Chiquinho «estoira» um potente remate surgindo **Chico Faria** a desviar a trajectória da bolinha para o local desejado. Cerqueira nada poderia fazer. Estava feito o empate, mas de Faro vinha noticiário animador.

O Belenenses assume a liderança do jogo, domina, supera o opositor em toda a extensão do recinto e no minuto 53 Jaime (que rendera Teixeira) executa um cruzamento aferido por esquadro e paquímetro para Chiquinho fazer o «resto». Em Faro, ainda se registava o empate o que fazia manter forte esperança. Penafidelenses reagem ao golo e no espaço de poucos minutos deixam escapar duas «facilidades» dadas pelos homens colocados na frente de Jorge Martins. O Belenenses sacode a episódica pressão do opositor e os seus avançados rejeitam igual número de «gentilezas» dos parceiros de Cerqueira. O jogo cai de entusiasmo, de apego, de vibração, mas, das bancadas vem o grito festivo quando, aos 70 minutos, Aziz coloca o Espinho em vencedor.

O calor é transmitido para o relvado onde se mantém até ao termo do encontro ainda mais caloroso quando no minuto final Ivan degolou todas as aspirações do Farense. No final, foi a festa. Dos perdedores.

Rosa Santos coordenou o jogo como ele sabe. Muito bem.

Árbitro: Rosa Santos, de Beja.
BELENENSES: Jorge Martins; Galo, Rui Gregório, Sobrinho e Teixeira (Jaime aos 46); Macaé, Paulo Monteiro, Adão e Chico Faria (Dudu aos 83); Saavedra e Chiquinho.
PENAFIEL: Cerqueira, Bio (Paulo Henriques aos 56); Manuel Correia, Vasco e Artur; Rui Manuel, Elias, Carlos Alberto e Amâncio; Caetano (Tó Portela aos 79) e Djão.
Acção disciplinar: Amarelo para Elias, Gregório e Carlos Alberto.
Golos de: Amâncio (18 m), Chico Faria (44) e Chiquinho (53).

Campeonatos chegaram ao fim

AGORA VENHAM DAÍ OS ESCÂNDALOS DO COSTUME

Pronto. O pano desceu. Os taipais foram montados. Caiu a cortina. O campeonato terminou. Das I, II e III divisões apenas falta saber quem serão os titulares das divisões secundárias, mas o «resto» já está definido. Benfica é campeão; Fafe, Espinho, Farense, Leixões e Académico de Viseu descem à divisão 2, enquanto Tirsense, Feirense e União da Madeira trepam ao escalão mais alto. De tudo o mais se escreve noutro local deste seu «DL» de hoje. Seguem-se, resultados da derradeira ronda e as classificações finais das três divisões do calendário federativo.

Divisão 1

Ac. Viseu-Portimonense c. 0-1
Marítimo-V. Guimarães c. 2-0
Farense-Espinho c. 1-3
Belenenses-Penafiel c.2-1
Benfica-Boavista c. 2-2
FC Porto-Sporting c. 3-0
Leixões-Est. Amadora c. 0-0
Beira Mar-V. Setúbal c. 0-0
Braga-Nacional c. 1-1
Fafe-Chaves c. 2-0

Vata: artilheiro-mor

Marcando os dois golos do encontro que o Benfica disputou e empatou, 2-2, no Estádio da Luz, com o Boavista, Vata cotou-se como o melhor marcador do campeonato, apesar de com o invulgarmente reduzido total de 16 golos.

Lista dos melhores marcadores do campeonato português de futebol da época de 88/89: VATA (Benfica), 16; Amâncio (Penafiel), 15; Jorge Silva (Marítimo), 15; Rui Águas (FC Porto), 13; Radi (Chaves), 12; Jorge Andrade (Boavista), Aparício (V. Setúbal), P. Cascavel (Sporting), Jordão (V. Setúbal) e Chiquinho, (V. Guimarães), 11.

Divisão 2

Resultados da última ronda da **Zona Norte (2.ª Divisão)**: Tirsense - Moreirense, 2-0; Gil Vicente - Bragança, 5-2; Marco - Varzim, 1-2; Joane - Freamunde, 2-1; Paredes - Trofense, 1-0; Paços de Ferreira - Salgueiros, 3-1; Rio Ave - Amarante, 3-0; Aves - Santa Maria, 4-2; e Vizela - Felgueiras, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
TIRSENSE	34	20	10	4	56-23	50
Gil Vicente	34	18	7	9	49-30	43
Freamunde	34	17	9	8	55-33	43
Rio Ave	34	16	9	9	50-30	41
Aves	34	14	12	8	54-36	40
Varzim	34	12	14	8	47-37	38
Felgueiras	34	12	13	9	45-35	37
P. Ferreira	34	16	5	13	42-40	37
Vizela	34	12	11	11	38-38	35
Joane	34	9	17	8	37-40	35
Salgueiros	34	10	14	10	34-37	34
Marco	34	12	8	14	46-57	32
Trofense	34	9	14	11	22-38	32
Bragança	34	10	11	13	34-42	31
Paredes	34	9	11	14	31-42	29
Moreirense	34	9	9	16	29-39	27
Amarante	34	4	9	21	26-63	17
Santa Maria	34	2	7	25	24-64	11

Zona Centro: Águeda - Luso, 0-0; Covilhã - Marialvas, 4-1; Estrela de Portalegre - União de Leiria, 3-1; Feirense - Caldas, 6-2; Lousanense - Estarreja, 2-3; Peniche - União de Lamas, 0-0; Marinhense - Portalegrense, 2-0; Mangualde - Oliveira do Bairro, 0-0; e Mealhada - Académica, 2-2.

	J	V	E	D	G	P
FEIRENSE	34	23	8	3	69-18	54
Académica	34	21	10	3	66-23	52
Águeda	34	13	17	4	39-19	43
Marialvas	34	17	8	9	51-28	42
U. Lamas	34	15	10	9	47-29	40
Sp. Covilhã	34	16	6	12	60-31	38
Peniche	34	13	11	10	38-43	37
Caldas	34	14	7	13	56-45	35
O. Bairro	34	10	13	11	23-32	33
U. Leiria	34	9	13	12	42-44	31
Portalegrense	34	12	7	15	39-47	31
Lousanense	34	12	7	15	42-53	31
Mangualde	34	11	9	14	34-46	31
Luso	34	7	13	14	31-41	27
Mealhada	34	8	10	16	32-52	26
Marinhense	34	6	11	17	22-59	23
E. Port	34	4	12	18	17-41	20
Estarreja	34	5	7	22	29-85	17

Zona Sul: Montijo - Elvas, 1-1; Santiago do Cacém - Torreense, 1-2; Oriental - Alverca, 3-1; Sacavenense - Juventude, 1-1; União da Madeira - Estoril, 2-1; Lusitano de Évora - Olivais e Moscavide, 1-1; Louletano - Barreirense, 5-1; Esperança de Lagos - Atlético, 0-3; e Silves - Olhanense, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
U. MADEIRA	34	20	9	5	54-22	49
Louletano	34	18	11	5	59-26	47
Elvas	34	17	9	8	47-32	43
Olhanense	34	16	6	12	54-36	38
Torreense	34	13	12	9	42-32	38
Estoril	34	12	12	10	33-27	36
Alverca	34	13	9	12	42-38	35
Atlético	34	12	11	11	40-34	35
Ol. Moscavide	34	14	6	14	40-41	34
Juventude	34	10	13	11	43-43	33
Barreirense	34	11	11	12	41-48	33
Lus. Évora	34	9	13	12	27-31	31
Silves	34	8	14	12	34-50	30
Oriental	34	9	13	12	30-40	30
S. Cacém	34	11	7	16	33-50	29
Esp. Lagos	34	9	7	18	31-49	25
Montijo	34	8	8	18	40-54	24
Sacavenense	34	5	12	17	21-53	22

Divisão 3

Última jornada da Série A da 3.ª divisão: Vianense - Valpaços, 2-0; Prado - Vila Pouca, 2-0; Famalicão - Mirandês, 3-0; Celoricense - Ponte da Barca, 1-1; Maria da Fonte - Vieira, 0-2; Valdevez - Delães, 2-0; Macedo de Cavaleiros - Lanheses, 3-4; Vinhais - Esposende, 0-6 e Neves - Valenciano, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
FAMALICÃO	34	25	7	2	85-13	57
Vianense	34	19	11	4	57-25	49
Ponte da Barca	34	15	13	6	42-25	43
Vieira	34	14	9	11	35-26	37
Delães	34	15	7	12	40-41	37
Esposende	34	12	11	11	45-33	35
Maria Fonte	34	11	13	10	25-31	35
Vila Pouca	34	11	12	11	36-44	34
Valpaços	34	9	14	11	34-36	32
Valdevez	34	10	11	13	42-40	31
Celoricense	34	10	11	13	41-43	31
M. Cavaleiros	34	12	7	15	52-61	31
Prado	34	9	13	12	28-37	31
Lanheses	34	13	5	16	36-48	31
Neves	34	10	10	14	38-52	30
Valenciano	34	7	14	13	37-43	28
Mirandês	34	8	10	16	23-42	26
Vinhais	34	3	8	23	17-73	14

Série B: Lixa - Régua, 5-0; Lourosa - Oliveira do Douro, 3-2; Ermesinde - Valonguense, 1-1; Pedrouços - Leça, 1-1; Torre de Moncorvo - Al. Lordelo, 0-0; Paivense - Infesta, 1-1; Sandinense - Maia, 1-1; Vilanovense - Lousada, 3-2; Vila Real - Ovarense, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
INFESTA	34	18	10	6	69-33	46
Maia	34	20	5	9	56-32	45
Vila Real	34	17	10	7	54-26	44
Valonguense	34	17	10	7	53-27	44
Lourosa	34	14	11	9	45-41	39
Leça	34	14	11	9	34-30	39
Pedrouços	34	14	9	11	46-41	37
Lixa	34	15	7	13	51-53	37
Sandinenses	34	12	10	12	44-39	34
Régua	34	12	9	13	40-51	33
Lousada	34	12	8	14	33-33	32
Ermesinde	34	12	7	15	40-42	31
Ovarense	34	10	11	13	32-34	31
Paivense	34	9	11	14	32-52	29
T. Moncorvo	34	8	11	15	36-56	27
Al. Lordelo	34	7	11	16	28-42	25
Oliv. Douro	34	10	3	21	42-69	23
Vilanovense	34	4	8	22	25-57	16

Série C: União de Coimbra - Ac. Paço, 2-0; Sanjoanense - S. Romão, 5-0; Seia - Oliveirense, 0-5; Anadia - Alba, 3-1; Argus - Oliveirinha, 1-0; Mortágua - Pessegueirense, 3-0; Valecambrense - Gouveia, 2-3; Guarda - Valonguense, 7-1; Viseu e Benfica - Oliveira do Hospital, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
OLIVEIRENSE	34	21	7	6	50-23	49
Guarda	34	19	9	6	65-34	47
U. Coimbra	34	16	7	11	48-36	39
Anadia	34	15	8	11	47-35	38
Gouveia	34	13	11	10	46-38	37
Valecambren.	34	13	11	10	42-37	37
Alba	34	12	12	10	41-31	36
Mortágua	34	12	12	10	29-32	36
Seia	34	13	9	12	41-34	35
Argus	34	12	11	11	51-46	35
Oliveirinha	34	13	9	12	37-34	35
AD Valonguen.	34	15	4	15	45-41	34
Santacomd.	34	9	14	11	33-38	32
Oliv. Hospital	34	10	11	13	33-34	31
Viseu Benfica	34	9	11	14	40-49	29
Acad. Paço	34	7	8	19	35-69	22
Pessegueiren.	34	5	11	18	28-62	21
S. Romão	34	5	9	20	27-65	19

Série D: Sertanense - Alcanenese, 1-1; Alcobaça - 22 de Junho, 1-1; Naval - Bombarralense, 5-0; União de Tomar - Ferrel, 1-0; Usseira - Atouguiense, 1-2; Mirense - D. Fátima, 4-0; Marrazes - Nazarenos, 0-1; Mirandense - Beneditense, 0-1; Castelo Vide - Benfica C. Branco, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
MIRENSE	34	24	10	0	109-18	58
B.C. Branco	34	19	10	5	49-19	48
U. Tomar	34	18	9	7	48-28	45
Naval	34	17	11	6	63-24	45
D. Fátima	34	14	14	6	39-24	42
Bombarralense	34	15	8	11	45-39	38
Alcobaça	34	14	9	11	39-30	37
Mirandense	34	11	13	10	39-26	35
Marrazes	34	13	9	12	38-30	35
Alcanenense	34	11	13	10	37-37	35
Castelo de Vide	34	12	10	12	33-46	34
Sertanense	34	8	16	10	29-35	32
Nazarenos	34	9	9	16	29-54	27
Ferrel	34	10	7	17	30-45	26
Atouguiense	34	8	9	17	20-59	24
Beneditense	34	4	13	17	34-68	21
Usseira	34	5	5	24	27-79	15
22 de Junho	34	3	7	24	21-68	13

Série E: Pêro Pinheiro - Arraiolense, 0-3; Futebol Benfica - Lusitânia (Açores), 0-0; Cacém - Samora Correia, 1-1; Lisboa e Olivais - Almeirim, 3-2; Vialonga - Cartaxo, 2-1; União de Santarém - Portosantense, 2-2; Vilafranquense - Santa Clara, 2-0; Praiense - Fanhões, 0-0 e Campomaiorense - Sintrense, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
SAM. CORREIA	34	17	10	7	37-22	44
Sintrense	34	15	12	7	41-24	42
U. Almeirim	34	13	16	5	45-32	42
U. Santarém	34	13	13	8	50-33	39
Campomaior	34	13	13	8	45-32	39
Fanhões	34	13	11	10	29-26	37
Vilafranquen.	34	12	12	10	30-22	36
Praiense	34	14	8	12	26-23	36
Portosantense	34	12	11	11	40-34	35
Santa Clara	34	13	9	12	35-32	35
Fut. Benfica	34	11	13	10	31-29	35
Lusitânia Aç.	34	12	10	12	38-34	34
Cacém	34	12	9	13	40-43	33
Cartaxo	34	11	7	16	31-49	29
Vialonga	34	10	9	15	33-47	29
Arraiolense	34	7	12	15	29-45	26
Lisboa Olivais	34	9	6	19	26-45	24
Pêro Pinheiro	34	4	9	21	19-53	17

Série F: Palmelense - Pescadores, 3-2; Quimigal - Sesimbra, 4-2; Ferreirense - Quarteirense, 0-10; Lusitano de Vila Real - Amora, 0-0; Estrela de V. Novas - Montemor, 0-0; Seixal - Banheirense, 4-0; Almancilense - Moura, 1-1; Alvorense - Vasco da Gama, 2-2; Cova da Piedade - Imortal, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
LUSITANO V.R.	34	19	11	4	50-19	49
Seixal	34	19	9	6	55-26	47
U. Montemor	34	18	10	6	54-34	46
Amora	34	17	5	12	46-32	39
Moura	34	14	11	9	33-34	39
Imortal	34	11	15	8	40-31	37
Pescadores	34	14	8	12	46-39	36
Est. V. Novas	34	11	13	10	38-36	35
Quarteirense	34	13	8	13	54-31	34
Quimigal	34	11	12	11	41-30	34
Palmelense	34	12	9	13	31-36	33
Almancilense	34	13	7	14	31-37	33
Vasco da Gama	34	10	11	13	33-44	31
Sesimbra	34	11	8	15	24-47	30
C. Piedade	34	10	8	16	36-49	28
Banheirense	34	6	14	14	23-38	26
Ferreirense	34	5	11	18	28-55	21
Alvorense	34	4	6	24	20-65	14

Antas: disparo de Madjer, o «astro»

Damaiense é campeão lisboeta de juvenis

Batendo o Vialonga por 1-0 (tento de Luís Barroso ao encerrar a 1.ª parte) o Damaiense é campeão lisbeta de juvenis, pelo que conquistou o direito a participar, na próxima temporada, no campeonato nacional da categoria. O jogo decisivo, disputado no Estádio de Alvalade, foi dirigido pelo árbitro Antonino Silva, auxiliado por Moisés Ferreira e Carlos Pinto Correia do Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa.

Damaiense – Pardal; Nélson, Frazão, Gouveia e Mosca; Pinho, Miguel, Nuno e Rui Miguel (Tozé, aos 76 m); Luís Barroso e Ferreira (Paulo Pereira, aos 68 m).

Vialonga – Belchior; Luís Preto, Almeida, Barreto e Cosme; Gaião (Rui, aos 68 m), Hélder, Cotrim e Jorge; Nélson (João Alves, aos 56 m) e Cortes.

Cartão amarelo para Luís Barroso e Nélson ambos do Damaiense.

VISITE A URSS EM 1989

Com a colaboração de AEROFLOT Soviet airlines

SIBERIA E ÁSIA CENTRAL
de 14 — 27 Julho
visitando
MOSCOVO/NOVOSIBIRSK/IRKUTSK/
/TACHKENT/ALMA-ATA

AS PRINCIPAIS CIDADES DA URSS
de 18 — 27 Julho
visitando
MOSCOVO/LENINEGRADO/KIEV

AS REPÚBLICAS DO CAUCASO
de 21 — 31 Julho
visitando
MOSCOVO/BAKU/EREVAN/TBILISSI
Hotéis de primeira
Descontos para minigrupos

Informações e Inscrições no Departamento de Turismo da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano/N. 30/1200 Lisboa
Tels. 601199 - 601099

MUNDIRAMA VIAGENS E TURISMO, LDA
Operador Turístico - Alv. nº 12
R. do Crucifixo, 33-1100 LISBOA
Telefs. 360302-346030
Estab. 1948

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

TOTOBOLA

O TREZE

21 de Maio de 1989

Benfica-Boavista X
Porto-Sporting 1
A. Viseu-Portimonense 2
Marítimo-Guimarães 1
Farense-Espinho 2
Belenenses-Penafiel 1
Leixões-E. Amadora X
Beira Mar-Setúbal X
Braga-Nacional X
Fafe-Chaves 1
P. Ferreira-Salgueiros 1
Mealhada-Académica X
Montijo-Elvas X

Totoló to
24, 25, 28, 33, 37 e 38 + 5

A NOSSA APOSTA

N.º 21/89
28 de Maio de 1989

Belenenses - Benfica 2
Barcelona - At. Bilbau 1
Saragoça - At. Madrid X
Celta - Oviedo 1
Bétis - Málaga X
Ossassuna - Valência 2
Valhadolid - Sevilha 1
Ascoli - Atalanta 2
Cesena - Verona 1
Como - Milan 2
Inter - Nápoles 1
Juventus - Fiorentina 1
Roma - Lázio 1

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	38	27	9	2	60-15	63
2.º FC Porto	38	21	14	3	52-17	56
3.º Boavista	38	19	11	8	56-29	49
4.º Sporting	38	18	9	11	50-33	45
5.º Setúbal	38	15	12	11	44-37	42
6.º Braga	38	14	12	12	42-37	40
7.º Belenenses	38	13	14	11	44-35	40
8.º E. Amadora	38	13	13	12	33-41	39
9.º V. Guimarães	38	14	10	14	39-33	38
10.º Nacional	38	12	12	14	43-49	36
11.º Portimon.	38	12	11	15	33-37	35
12.º Marítimo	38	10	15	13	40-41	35
13.º Chaves	38	12	10	16	37-41	34
14.º Penafiel	38	10	13	15	32-39	33
15.º Beira-Mar	38	10	13	15	29-36	33
16.º Fafe	38	9	14	15	29-47	32
17.º Espinho	38	12	8	12	45-57	32
18.º Farense	38	10	11	17	34-51	31
19.º Leixões	38	7	14	17	29-46	28
20.º Acad. Viseu	38	5	9	24	20-70	19

Rush renasce como goleador

LIVERPOOL EMBOLSA «TAÇA DE INGLATERRA»

Espectáculo futebolístico verdadeiramente empolgante: veloz, atlético, com técnica de alto nível ao serviço da força e do entusiasmo de óptimos profissionais. Wembley cheio até aos topos. Nada de redes de protecção entre bancadas e relvado. A lembrança de «holligans» e de Sheffield espelhada nas fitas negras que os artistas transportavam no braço.

E um jogo altamente emocionante. Aos 4 minutos, Liverpool à frente: golo de Aldridge, que iria prevalecer como vantagem no «placard» mesmo até ao último silvo arbitral dentro do tempo regulamentar. Exacto: o suplente McCall (que o Everton colocou no palco aos 65 minutos, com a saída de Dracewll) restabeleceu nulo, precisamente aos 89 minutos.

Avançou o prolongamento: e o galês Ian Rush (que esta época regressou ao Liverpool após ter andado quase ignorado no futebol italiano, na «squadra» da Juve de Turim) não esteve com meias-medidas: trocando com Aldridge, que parecia esgotado, fez o 2-1 (95 minutos). Mas o problema não estava solucionado: novo empate (outra vez por McCall, aos 104 minutos). E, quando muito boa gente imaginou que haveria complemento com a marcação de grandes penalidades, eis que Rush (revalidando em grande os seus créditos de atirador ao golo) fez o 3-2 (aos 105 minutos), desfecho final, dando (pela 4.ª vez) a Taça de Inglaterra ao Liverpool. Mérito extremo para Ian Rush, que já há dois anos fizera, também na festa de Wembley, outros dois golos ao Everton. As formações:

EVERTON: Southall; McDonald, Van den Hauwe, Ratcliffe e Watson; Dracewll (McCall, aos 65 minutos), Nevin e Steven; Sharp, Cottee e Sheedy (Wilson, 75).

LIVERPOOL: Grobbelaar; Ablett, Staunton (Venison, aos 91 minutos), Nicol e Whelan; Hansen, Beardsley e Aldridge (Ian Rush, 73); Houghton, Barnes e McMahon.

Notáveis actuações de Rush, Barnes, McMahon, Aldridge, Hansen, Nevin e McCall.

Escócia: êxito para o Celtic

O novo campeão escocês (Glasgow Rangers) foi batido pelo mais directo competidor (Celtic Glasgow), na luta pela Taça da Escócia. Um só golo (por Joe Miller, aos 43 minutos) bastou. Os dois blocos:

CELTIC GLASGOW: Pat Bonner; Chris Morris, Anton Rogan, Roy Aitken e Mick McCarthy; Derek Whyte, Peter Grant, Paul McStay e Joe Miller; Mark McGhee e Tommy Burns.

GLASGOW RANGERS: Chris Woods; Gary Stevens, Stuart Munro, Richard Gough e Mel Sterland; Terry Butcher, Keevin Drinkell, Ian Ferguson e Ally McCoist; John Brown e Mark Walters.

RFA: Bayern em cavalgada

À 30ª ronda do campeonato da Alemanha Federal, o Bayern amplia a sua vantagem no topo do cortejo para dois pontos. Desfechos:

Werder Bremen-FC Nuremberga, 2-1; Suttgarter Kickers-SV Waldhof Mannheim, 1-3; Hannover 96-FC Colónia, 2-2; Bayern Munique-FC St. Pauli, 2-1; Hamburgo SV-VFB Stuttgart, 2-1; FC Kaiserlautern-Karlsruhe SC, 1-2; Bayer Leverkusen-Eintracht Francfort, 2-2; Bor. Moenchengladbach-Vfl Bochum, 2-0 e Borússia Dortmund-Bayer Uerdingen, 4-2. Classificação: 1.º Bayern Munique, 44 pontos; 2.º FC Colónia, 42; 3.º Hamburgo SV, 38; 4.º Werder Bremem, 38; 5.º Borússia Moenchengladbach, 36; 6.º VFB Stuttgart, 34; 7.º Borússia Dortmund, 32; 8.º FC Kaiserslautern, 30; 9.º Bayer Leverkusen, 30; 10.º Karlsruhe SC, 29; 11.º Bayer Uerdingen, 29; 12.º FC St Pauli, 28; 13.º Vfl Bochum, 26; 14.º SV Waldhof Mannheim, 24; 15.º FC Nuremberg, 22; 16.º Eintracht Francfort, 22; 17.º Stuttgarter Kickers, 21, e 18.º Hannover, 96.

Espanha: Real na vanguarda

O Barcelona venceu por 2-0 no campo do Logroñes e, com um jogo a menos, está a quatro pontos do Real Madrid, que lidera a classificação do campeonato espanhol.

Resultados da jornada: Atlético de Madrid - Real Madrid, 3-3: Elche - Osasuna, 0-1; Oviedo - Valência, 0-0; Espanhol - Gijon, 2-1; Cadiz - Bétis, 4-0; Atlético de Bilbau - Valladolid, 2-0; Logroñes - Barcelona, 0-2; Celta - Real Sociedade, 1-0; Sevilha - Saragoça, 0-1. Classificação após 33 jornadas: 1.º, Real Madrid, 53 pontos; 2.º, Bacelona (menos um jogo), 49; 3.º, Valência, 42; 4.º, Atlético de Madrid, 39; 5.ºs, Valladolid, Saragoça, Celta, 36; 8.º, Osasuna, 35; 9.ºs, Atlético de Bilbau, Sevilha, 34; 11.º, Real Sociedad, 32; 12.ºs, Gijon, Logroñes, 30; 14.ºs, Oviedo, Cadiz, Málaga, 29; 17.º, Espanhol, 26; 18.ºs, Bétis, Múrcia (menos um jogo), 21; 20.º, Elche, 11.

França: Marselha é o campeão

O Marselha é já campeão de França, ao derrotar o Auxerre por 2-1 na penúltima jornada do campeonato. É o quinto título da história do Marselha, depois de ter conquistado o último há 17 anos. Os marselheses beneficiaram do empate sem golos que o Paris Saint-Germain (seu mais directo perseguidor) consentiu no terreno do último classificado, o Lens.

Por seu lado, o avançado Papin reforçou a sua posição de melhor marcador da prova, com os dois tentos do Marselha, estando agora com um total de 22 golos.

Feirense regressa ao «clube dos grandes»

O Clube Desportivo Feirense assegurou a presença no nacional de futebol da primeira Divisão da próxima época, pelo qual já teve duas efémeras passagens, a última das quais há onze anos.

A promoção foi conseguida «in extremis», pondo termo a um renhido despique com a Académica de Coimbra pela vitória na zona Centro do escalão secundário, que o Feirense só assegurou na última jornada.

O primeiro clube a garantir a subida foi o Tirsense, campeão da zona Norte, e depois foi a vez do União da Madeira, pela zona Sul, clubes com quem o Feirense vai agora discutir o título secundário.

O Feirense esteve no campeonato principal português nas temporadas de 1962/63 e 1977/78, ocupando nas duas vezes o último lugar da tabela.

Na estreia primodivisionária, a formação de Santa Maria da Feira, filiada na Associação de Futebol de Aveiro, foi 19.ª classificada, com apenas sete pontos, contra 48 do campeão (Benfica).

O Feirense voltou a ser o «lanterna vermelha» no Nacional de 1977/78, disputado por 16 clubes e ganho pelo FC Porto (51 pontos), no qual a turma de Santa Maria da Feira somou 12 pontos.

No quadro de honra do escalão principal, o Feirense ocupa o 36.º posto, com um total de 19 pontos, tendo efectuado 56 jogos, nos quais obteve somente oito vitórias e três empates, averbando 45 derrotas.

Quanto a golos, a equipa da região Centro marcou 45 em jogos da primeira divisão, média de 0,80 por jogo, e consentiu 140, média de 2,50 tentos por partida.

Além das duas presenças no «clube dos grandes», o Feirense participou já em 17 campeonatos da segunda Divisão e em 13 provas do terceiro nível nacional.

Contudo, o Feirense, fundado em 19 de Março de 1919, nunca obteve o título nacional em qualquer dos escalões, deixando fugir o da 2.ª Divisão para o Barreirense, em 1962, e para o Marítimo, dez anos depois.

Na época de 1961/1962, os homens de Santa Maria da Feira foram batidos pelo Barreirense, por 2-0, na final da segunda Divisão, e na temporada de 1976/77, classificaram-se em 2.º lugar na fase final, com 4 pontos, menos dois que o vencedor (Marítimo).

Negrão Belo: acidente

No decorrer do encontro de ontem, entre o Farense e o Sporting de Espinho, o presidente da Câmara Municipal de Faro, professor Negrão Belo (que se encontrava no camarote principal) na tentativa de entusiasmar os seus consócios ao incitamento da equipa, desequilibrou-se e da queda resultou a fractura de um braço.

«Olímpico» na cadeia

Segundo revela «O Diário» na sua edição de hoje, a Polícia Judiciária prendeu há duas semanas o lutador olímpico José Marques quando se encontrava, em sua casa, a negociar a venda de vários tipos de drogas duras.

projecto®
móveis e equipamentos para escritório
Av. João XXI, 64-A — Lisboa

—Nomes e números da jornada—

Farense-Espinho

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

FARENSE: Baía; Carlos Pereira, Luisão, Ademar e Eugénio; Vitinha (Helinho, 73), Pitico, Resende (Fernando Cruz, 54) Ricardo; Sérgio Duarte e Hajry.

SPORTING DE ESPINHO: Silvino; Eliseu, Alemão, Nené, Nito; Rui Filipe, Luís Manuel, Pingo e Ivan; Zezé Gomes (Vitorino,, 62) e Aziz (Nelo, 75).

Acção disciplinar: cartão vermelho para Ademar e amarelo para Eliseu, Ricardo e Aziz.

Golos: Aziz, (31 e 70 m), Hajry (36, de grande penalidade) e Ivan (88).

Beira Mar-Setúbal

Árbitro: Veiga Trigo, de Beja.

BEIRA MAR: Miguel; Costeado, Dinis, Ivan e João Gouveia; Abdel Ghany, Dreiffus, Paquito e Alain; Jarbas (Redondo, 46) e Simões.

VITÓRIA DE SETÚBAL: Meszaros; Crisanto, Edmundo, Quim (Carlos Freitas, 6) e Flávio; Jorge Ferreira, Tueba, Paulo Roberto e Aparício (Mendes, 77); Hélio e Jordão.

Acção disciplinar: cartões amarelos para Jordão e Costeado.

Fafe-Chaves

Árbitro: Alder Dante, de Santarém.

FAFE: Quim; Domingos, Grosso, Cláudio e Figueiredo; Perduv (Paulo César, aos 28 minutos), Rogério, Célio e José Albano; Padinha e Flávio.

CHAVES: Tavares; Cerqueira, Felgueira, Jorginho e Rogério; Júlio Sérgio, Radi, Diamantino e China (Fernando, 62 m); Erasmo (Pedro, 77 m) e César.

Acção disciplinar: nada a assinalar.

Golos de José Albano (59 m) e Flávio (67 de g.p.).

Viseu-Portimonense

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

ACADÉMICO DE VISEU: Nelito (Sardinha, 11 m); Rui, Leal, Chico Nikita e Kappa; Delgado, Quim e Zé Alhinho (Amaral, 57 m); Melo, Abel e Amadeu.

PORTIMONENSE: Sérgio; José Carlos, Justiniano, Floris e Major (Nivaldo, 86 m); Pires, Vado (Augusto, 81 m) e Guetov; José Pedro, Skoda e César Brito.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Chico Nikita.

Golo de Guetov (47 m).

Porto-Sporting

Árbitro: João Rosa (Évora).

FC PORTO: Vítor Baía; Rui Manuel, Geraldão, Kongolo e Branco; Bandeirinha (Vermelhinho, 46), Semedo, Madjer e André (Inácio, 75); Domingos e Rui Águas.

SPORTING: Vital; João Luís, Miguel, Venâncio e Portela; Carlos Manuel, Carlos Xavier, Ali Hassan e Forbs; Silas (Masside, 61) e Lima (Paulinho Cascavel, 61).

Acção disciplinar: nada a assinalar.

Golos de Madjer (52 e 81 m) e Rui Águas (53).

Marítimo-Guimarães

Árbitro: Fernando Alberto (Porto).

MARÍTIMO: Everton; Matos, Teixeirinha, Carlos Jorge e Andrade; Nazaro Nunes, Artur Semedo, João Luís (Marquinhos, 64), e Paulo Ricardo (Tozé, 28); Jorge Silva e José Luís.

VITÓRIA DE GUIMARÃES: Neno; Vando, Germano, Jorge e Vítor Santos; Soeiro, René, Roldão e N'Dinga (Chiquinho, 69); Décio António (Caio Júnior, 45) e Silvinho.

Acção disciplinar: Cartão amarelo a Jorge.

Golos de: Artur Semedo (30m) e Jorge Silva (68 de g.p.)

Árbitro: Juvenal Silvestre, de Setúbal.

Leixões-Amadora

LEIXÕES: José Carlos; Abílio, Barreto, Chico e Amarildo (Monteiro aos 66); Paulo Sousa, Osias, Mesquita e Penteado; Ferreirinha (Makukula aos 66) e Moreira de Sá.

ESTRELA DA AMADORA: Valter; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Basaúla (Mário aos 55), Bobó, Rebelo (Pedro Xavier aos 45) e Nélson Borges; Marlon Brandão e Paulo Jorge.

Acção disciplinar: Nada a assinalar.

Árbitro: Raul Ribeiro, de Aveiro.

Braga-Nacional

SP. BRAGA: Hélder; Toni, Laureta, Vítor Duarte e Moroni; Serrinha, Valtinho (Vítor Santos, aos 75 minutos), Santos e Jorge Gomes; Fernando Pires (João Mário, 50m) e Vinícius.

NACIONAL DA MADEIRA: Gilmar; Tito, Leiz, William e Cristiano (Edu, 83 m); Tininho, Heitor, Higino e Murphy; Paulo Sérgio e Dino (Edmilson, 38 m).

Acção disciplinar: Cartão amarelo a Gilmar, aos 56 minutos.

Golos de Vinícius (20 m) e Edmilson (70).

KIT-MARKET
Móveis e utilidades para a casa
4000 m² — Centro Comercial das Olaias

Ténis: «Open» de Itália

Mancini embolsa 27 mil contos

O argentino Alberto Mancini superou uma advertência num momento-chave e um «match-point», antes de conseguir bater o norte-americano Andre Agassi na final do «open» italiano de ténis.

O poderoso tenista argentino, cabeça de série número onze, impôs-se a Agassi, quinto jogador do mundo, por 6-3, 4-6, 2-6, 7-6 (7-2) e 6-1, na maratona disputada no «court» principal do foro itálico.

Para obter a sua mais importante vitória de sempre, Mancini teve de recuperar de uma derrota que parecia iminente, depois de se ter colocado inicialmente em vantagem.

O argentino começou por ganhar o «set» inaugural por 6-3, mas Agassi, de 19 anos, impôs depois o seu estilo, obrigando o argentino a recuar para o fundo do «court» e ganhou os dois seguintes por 6-4 e 6-2.

No quarto «set» esteve à vista o triunfo do norte-americano, quando o árbitro penalizou o jogador argentino por bater várias vezes com a raqueta no piso do «court».

Mancini tinha sido já advertido anteriormente por receber indicações técnicas da bancada, pelo que a segunda chamada de atenção custou-lhe um ponto e o serviço.

No jogo seguinte, André Agassi chegou aos 40-30, ficando a apenas um ponto da vitória, mas devolveu uma poderosa direita de Mancini para a rede e o argentino ganharia o jogo, forçando ao «tie-break».

Alberto Mancini triunfaria facilmente no «tie-break» por 7-2, ajudado por numerosos erros do adversário, e triunfiu num ápice no decisivo «set», após quebrar por três vezes o serviço do norte-americano.

Mancini, que sábado completou 20 anos e que recentemente venceu o Open de Monte Carlo, onde derrotou na final o alemão-federal Boris Becker, recebeu 180 mil dólares (27 mil contos) pelo triunfo no «open» italiano, o dobro do prémio reservado a Agassi.

Graf vence Sabatini

A alemã-federal Steffi Graf, número um do «ranking» mundial feminino de ténis, venceu a número três, a argentina Gabriela Sabatini, na final dos campeonatos internacionais da RFA.

Graf, confirmando o seu domínio do ténis mundial feminino, a oito dias do início do Open de França, venceu em dois «sets», 6-3, 6-1, em 78 minutos, a única adversária que este ano a derrotou.

A tenista germânica dominou totalmente a partida e, com a número dois mundial, Martina Navratilova, ausente de Paris, preparando-se para Wimbledon, Graf confirmou o grande favoritismo para Roland Garros.

Voleibol foi espectáculo em Lamego com o Leixões e o Sporting a discutirem (com vibração e entusiasmo) a posse de Taça de Portugal. No final, troféu para a turma de Matosinhos que o vai juntar ao título recentemente conquistado

Taças de voleibol e de râguebi

O Leixões venceu a Taça de Portugal em voleibol masculino, ao derrotar o Sporting por 3-1, na final disputada no pavilhão do Colégio de Lamego.

A equipa matosinhense superiorizou-se com os parciais de 15-10,. 9-15, 15-13 e 15-12, perante uma assistência que enchia por completo o pavilhão, com cerca de 1500 pessoas.

Apesar da derrota, a equipa de Alvalade deu boa réplica, como o demonstram os resultados dos quatro «sets» da partida, que demorou cerca de duas horas.

Com esta vitória, o Leixões conseguiu assim, esta época, conquistar o título nacional e a Taça, proeza nunca antes conseguida pela equipa nortenha, sendo esta a 5.ª edição da Taça que vence.

Râguebi: Belenenses perde em duas frentes

O CDUL venceu a Taça de Portugal em râguebi, categoria de seniores, ao derrotar na final o Belenenses por 13-12, em encontro disputado no Estádio Nacional.

Ao intervalo a equipa do Restelo vencia por 3-0.

Também para a Taça de Portugal, mas na categoria de juniores, o Cascais derrotou na final o Belenenses, por 21-14, com 8-3 ao intervalo, a favor da equipa da linha.

Sport-society

Hoje há «Gandulas» na Figueira da Foz

Pelo 8.º ano consecutivo, Wilson Brasil promove no nosso país o seu «Troféu Gandula», desta feita logo à noite, a partir das 20 horas, no Casino da Figueira da Foz. Também pela 8.ª vez (nunca tendo perdido esse troféu) o nosso companheioro de trabalho Neves de Sousa é distinguido como «comentarista», lá estando para receber o galardão conferido pelo jornalista e radialista brasileiro que é figura exponencial da «Gazeta dos Desportos» e do Núcleo de Desporto da Rádio Comercial.

Uma festa bonita que (sem dúvida) terá o brilho da presença de dezenas de figuras populares, como é timbre do «Troféu Gandula», a idealização de um homem franco e puro que, permanentemente, se bate por uma divisa: **fazer o bem e homenagear em vida.** Wilson Brasil, que sempre arvora um estandarte: **paz, muita paz, toda a paz, sempre e sempre paz.** Tarefa cada dia mais difícil, especialmente quando em torno de cada um de nós gravitam os mais diversificados interesses e as mais obscuras manobras.

Torres Vedras: ciclismo

O vereador do Sector de Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Torres Vedras (uma figura popular: Francisco Manuel Fernandes) promove amanhã, pelas 17 horas, no Restaurante Luso (Travessa da Queimada, 10 – Lisboa), uma conferência de Imprensa para expor a actividade do Sector no presente ano, nomeadamente as realizações do Troféu Joaquim Agostinho- 11.º Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras e do 24.º Campeonato do Mundo de Pentatlo Moderno (juniores).

Estoril: clube de Golfe

A Saviotti & Esaguy, Lda, e Soceu, Lda, estão convidando elementos da Comunicação Social para um jantar-volante a realizar amanhã, pelas 19 horas, no Clube de Golfe do Estoril.

Estafeta 24 Horas a Correr

A Sociedade Filarmónica Operária Amorense vai organizar, nos próximos dias 3 e 4 de Junho a 4.ª Estafeta 24 Horas a Correr, na qual devem estar actuantes cerca de três dezenas e meia de equipas. Para divulgação desta estafeta (e maior projecção) a Sociedade Filarmónica Operária Amorense promove uma conferência de Imprensa, pelas 16 horas de 6.ª feira, na Casa do Concelho de Góis em Lisboa (Rua de Santa Marta, 47, r/c dt.º, Lisboa).

«Madeirense»: 10 anos

Foi entre cinco mil orquídeas e o calor humano de muitos amigos que Paula e Manuel Fernandes (proprietários dos restaurantes O Madeirense) festejaram o 10.º aniversário dos seus empreendimentos. Dezenas de desportistas (especialmente com as colectividades madeirenses representadas em peso), jornalistas e artistas foram festejar o profissionalismo e simpatia que esse lídimo «embaixador da Madeira em Lisboa», que é Manuel Fernandes (representante saliente do Marítimo deste lado do mar), oferta aos amigos, com a Comunicação Social sempre apoiada nas suas iniciativas, obviamente que com saliência no terreno desportivo.

Paula e Manuel Fernandes: embaixadores desportivos (e não só) da Madeira no Continente

«DN»: 125 anos

Está de legítimos parabéns o nosso prezado colega «Diário de Notícias», que, a um de Junho, conclui 125 anos de vida: uma legenda para o jornalismo português e até digna de inclusão na alta roda da Imprensa mundial. Nessa data, pelas 18 e 30, no Restaurante n.º 1 (Rua D. Francisco Manuel de Melo, 44-Lisboa), a organização da Corrida dos 125 anos do «DN» reúne-se com um grupo de jornalistas em beberete que servirá igualmente para balanço da iniciativa desportiva do «DN/Jovem», que levou atletismo a todas as províncias de Portugal.

«First Boeing/ Tap Invitational Golf Tournament»

A Boeing Company e a TAP Air Portugal levam a efeito, a 23 de Junho, um torneio de golfe que vai decorrer no campo do Estoril e terá participação limitada aos órgãos de Comunicação Social, representações diplomáticas e membros (ou ex-membros) do Governo. Além de uma torrente de troféus (que Mário M. Félix, consultor de Relações Públicas da Boeing Company, está reunindo), a TAP Air Portugal reserva uma muito agradável surpresa ao par melhor classificado na competição golfista.

FUTEBOL: NOTÍCIAS

Mundial-90

As selecções da RDA e da Áustria empataram a um golo em encontro do Grupo Três de qualificação para o «Mundial» de Futebol de 1990, em Itália, disputado em Leipzig, RDA.

Após este jogo a classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
URSS	4	3	1	0	7-1	7
Turquia	5	2	1	2	8-6	5
Áustria	3	1	1	1	4-5	3
RDA	5	1	1	3	4-9	3
Islândia	3	0	2	1	2-4	2

Próximo encontro: URSS - Islândia, a 31 de Maio.

•

A Noruega venceu Chipre por 3-1, em Oslo, em jogo do Grupo 5 europeu de qualificação.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Escócia	5	4	1	0	10- 5	9
Jugosl.	4	2	2	0	8- 3	6
Noruega	4	2	0	2	7- 4	4
França	5	1	2	2	4- 6	4
Chipre	6	0	1	5	5-16	1

Próximos jogos: 14 de Junho, Noruega - Jugoslávia; e 5 de Setembro, Noruega França.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR António Pedro Lima Gonçalves, Juiz de Direito da 2.ª Secção do 8.º Juízo Cível de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e 2.ª Secção, nos autos de Execução Sumária registados sob o n.º 6518/89, que a Renault Gest — Sociedade de Comércio de Automóveis, Lda., move contra António Manuel Rosa de Oliveira e Valentim Manuel Marinho, ausentes em parte incerta, o primeiro com última morada conhecida em Vivenda Albino Salvador — Manique de Baixo — Estoril, e o segundo, com última morada conhecida em Bairro Além Vinhas - 2795 Tires, para no prazo de 5 dias, que começa a contar depois de decorrida a dilação de 30 dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio, pagarem ao Exequente a quantia de Esc. 386 249$00, de capital, acrescida de juros vencidos, e que se vierem a vencer, até efectivo e integral pagamento, ou, dentro do mesmo prazo, nomearem à penhora bens suficientes, sob pena de não o fazendo, ser esse direito devolvido ao Exequente, conforme tudo melhor consta da petição inicial, cujos duplicados se encontram à disposição neste Juízo e Secção, sita no 5.º piso do Palácio da Justiça.

Lisboa, 15 de Maio de 1989

O Juiz de Direito
António Pedro
Lima Gonçalves

PI'O Escrivão de Direito
José António
Mendonça Leitão

DL 22/5/89 — 1.ª Pub.

ENG. ANTÓNIO EMÍLIO FERREIRA DE MAGALHÃES

Faleceu

Sua mãe, irmão, cunhada e restante família participam o falecimento de seu querido filho, irmão, cunhado e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. Domingos de Benfica para o cemitério local.

Agência Mega
L. das Olarias, 45
Telf. 86 34 32

Violência na Argentina

Dois feridos graves, dois jogadores lesionados e mais de 15 detidos, são o resultado dos incidentes ocorridos no final da partida de futebol da 1.ª Divisão «A» argentina, entre o Chacaritas Juniors e o Cipolletti.

Os incidentes começaram quando os simpatizantes do Chacaritas, que jogava em casa, se mostraram indignados com o resultado, um empate a 0-0, que atirava o seu clube para a 1.ª Divisão «B».

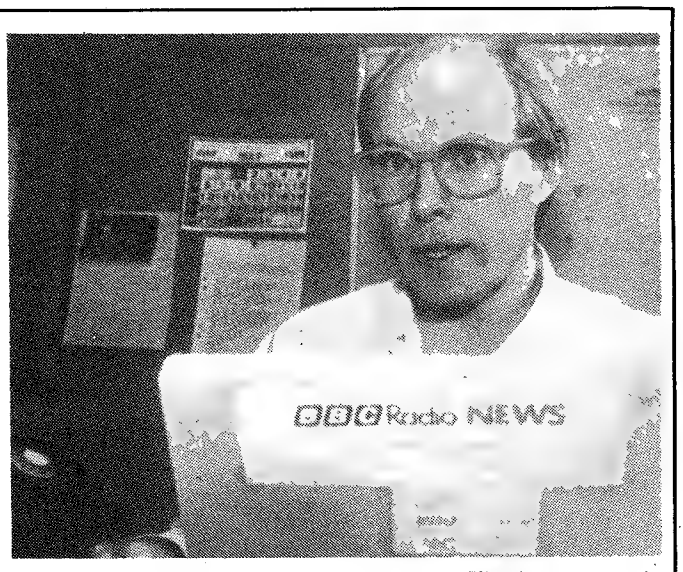
Assim, e como forma de protesto, pedras começaram a chover sobre a cabeça dos jogadores do Cippolletti e do árbitro do encontro, Carlos Gonzalez, enquanto os atletas do Chacaritas abandonavam o recinto de jogo sem problemas.

Os cerca de 70 polícias destacados para a partida decidiram intervir tentando acalmar os ânimos, mas as desordens e os arremessos de objectos continuavam a voar para dentro do relvado.

Os adeptos do clube local não se mostraram, por outro lado, nada impressionados com os artifícios da Polícia, continuaram a ripostar com «mimos» aos agentes policiais, e acabaram por invadir a cabina do Chacaritas e golpearam violentamente a cabeça do guarda-redes do clube, Mendez.

Algumas das candidatas a "miss" URSS posam em frente de uma estátua de Lenine. Os concursos de beleza, outrora condenados pelo regime comunista, têm-se vindo a multiplicar nos últimos anos em toda a União Soviética.

Margaret Thatcher utiliza um tratamento de choques eléctricos para conservar a juventude e a vitalidade. O tratamento consiste em choques eléctricos durante o banho, é acompanhado por massagens e por uma dieta especial, fazendo parte de um processo indiano conhecido por "ayurveda" (imortalidade). O tratamento consiste em fazer passar uma corrente eléctrica de 0,3 amperes por um banho de água, onde se encontra a pessoa que "pretende regarregar o sistema nervoso e libertar a energia bloqueada". Estes segredos foram revelados durante uma entrevista efectuada a Thatcher pela jornalista norte-americana Gail Sheey, para a revista "Vanity Fair". Um porta-voz da "Dama de Ferro" confirmou a entrevista dada por Thatcher, mas disse que "a maneira como a primeira-Ministra se mantém em forma é um mistério".



O correspondente da BBC, Jeremy Harris, que será expulso da URSS juntamente com mais dois jornalistas e oito diplomatas, em retaliação por uma medida semelhante do Governo de Londres (notícia nesta página).

Argentina: tomada de posse de Menem pode ser antecipada

O presidente argentino, Raul Alfosin, admitiu sábado à noite a possibilidade de ser antecipada a entrega do poder ao seu sucessor, Carlos Menem, face à grave situação económica do país. Funcionários governamentais e representantes do Partido Peronista, a que pertence o presidente eleito, mantiveram sábado uma série de reuniões para analisar as possibilidades jurídicas e políticas para a tomada daquela decisão. A entrega do poder a Carlos Menem estava inicialmente prevista para 10 de Dezembro. No entanto, ontem de madrugada, enquanto prosseguiam as reuniões entre Alfonsin e os seus assessores, por um lado, e os deputados do Partido Radical, no poder, por outro, parecia estar a ganhar consistência a hipótese de Menem ser empossado a 9 de Julho, 173.º aniversário da independência argentina. Menem, por seu lado, afirmou que «se a antecipação da data da entrega do poder representar um benefício para o país, teremos de aceitar».

Itália à espera de novo 1.º ministro

O presidente da República italiano, Francesco Cossiga, inicia hoje consultas aos partidos políticos depois de ter recebido das mãos do primeiro-ministro De Mita a demissão do governo. Cossiga reservou-se o direito de decidir, tendo pedido ao chefe do executivo que se mantenha em funções de gestão dos assuntos correntes. Trata-se de uma crise política anunciada desde o início do congresso do Partido Socialista Italiano, com duros ataques dos dirigentes do PSI, nomeadamente dos ministros socialistas membros do governo, que levaram o chefe do executivo a tomar posição.

Piloto soviético pede asilo aos EUA

O caça soviético Mig-26 que aterrou sábado no aeroporto de Trabzon, Turquia, tripulado por um piloto que pediu asilo político aos EUA, regressou ontem à URSS. Os mísseis e munições do Mig-26 foram transferidos para um outro avião militar enviado pelas autoridades soviéticas com técnicos e um piloto substituto para o Mig-26. O piloto que pediu asilo político, um comandante da Força Aérea soviética, Alexander Zuyev, de 28 anos, aterrou sábado no aeroporto de Trabzon ferido a tiro no braço direito e tripulando o Mig-26, com vários buracos de balas nas asas. A agência noticiosa Tass informou que Zuyev feriu a tiro uma sentinela antes de conseguir desviar o avião.

Situação normalizada na Etiópia

Três generais etíopes, detidos no seguimento da tentativa frustrada de golpe de Estado de terça-feira, foram postos em liberdade, informou ontem, a rádio oficial de Adis Abeba. A rádio disse que o governo etíope ilibou os três generais de quaisquer culpas. Os três generais, todos desempenhando cargos no Ministério etíope da Defesa, foram os primeiros indentificados entre os militares detidos por envolvimento na tentativa de golpe de Estado. Depois de alguma instabilidade, traduzida em tiroteios esporádicos em algumas artérias da capital etíope, nos dois dias imediatos ao golpe, a tranquilidade parece ter voltado a Adis Abeba. No sábado, uma multidão de cerca de 500 000 etíopes manifestou-se no centro da cidade em apoio ao presidente Mengistu Haile Mariam.

Redução de mísseis de curto alcance

NATO MANTÉM-SE EM DESACORDO SOBRE NEGOCIAÇÕES COM A URSS

A administração Bush conseguiu mais um apoiante na "guerra interna" que continua a dividir a NATO. O Presidente francês, François Miterrand, decidiu apoiar a proposta americana sobre a modernização dos mísseis nucleares de curto alcance estacionados na Europa. Os EUA condicionam o adiamento da modernização do arsenal nuclear da NATO a um acordo prévio com a URSS para a redução das forças convencionais na Europa.

A posição francesa foi ontem anunciada pelos norte-americanos no fim de uma reunião entre Bush e Miterrand. O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, confirmou o apoio francês ao plano norte-americano e afirmou que "esta proposta é muito semelhante às posições defendidas ultimamente pelo Presidente francês". De salientar que, na passada quinta-feira, Mitterrand disse que a NATO não deveria, por agora, aceitar negociar com a URSS a questão dos mísseis nucleares de curto alcance.

Esta questão continua a dividir os membros da Aliança Atlântica. A Alemanha Federal, com o apoio de cerca de metade dos membros da Aliança Atlântica, defende a realização de conversações com a URSS sobre a redução dos mísseis de alcance inferior a 500 kilómetros estacionados na Europa. A proposta alemã-federal foi apresentada há uma semana, mas na passada sexta-feira as autoridades de Washington e de Londres responderam com a contra-proposta agora apoiada por Paris.

Os EUA e a Grã-Bretanha são contra as negociações, exigindo primeiro que o Pacto de Varsóvia reduza a sua superioridade em armas convencionais."Antes de quaisquer negociações sobre mísseis nucleares na Europa, o Pacto de Varsóvia terá de reduzir as suas forças convencionais", afirmou James Baker, Secretário de Estado norte-americano. Baker salientou que, se o Pacto de Varsóvia concordasse com esta redução, a modernização do arsenal nuclear da NATO poderia ser adiada até 1992.

Ministro britânico elogia NATO

O ministro britânico da Defesa, George Younger, afirmou que "nos 40 anos da NATO, foi possível estabelecer a aliança de maior êxito das nações democráticas livres".

O ministro, que falava a jornalistas estrangeiros residentes da Grã-Bretanha, acrescentou que a Aliança Atlântica "teve dois notáveis sucessos nos seus 40 anos de existência: o primeiro foi impedir eficazmente a possibilidade de uma guerra e o segundo foi o primeiro passo na redução de armamentos".

Younger salientou que essa redução de armamentos só poderá ser conseguida por causa da "perestroika". O ministro britânico salientou que a NATO "deve manter a sua posição de força até ser claramente demonstrado que existe uma nova ordem na URSS".

CEE debate relações com os EUA

O Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, reunido hoje em Bruxelas, é dominado pelas relações entre a Comunidade e os EUA. Relações que ficaram ainda mais tensas depois das críticas norte-americanas contra os apoios comunitários aos produtores de soja.

Segundo fontes comunitárias, a CEE deverá ainda fazer o balanço das negociações sobre as exportações de carne norte-americana para os mercados comunitários. A CEE proibiu, desde Janeiro deste ano, a importação de carne tratada com hormonas, facto que desencadeou retaliações dos EUA.

As relações com os países de Leste será outro dos temas debatidos pelo conselho, nomeadamente a proposta de mandato concedido à Comissão Europeia para a celebração de um acordo de comércio e de cooperação com a URSS.

URSS expulsa diplomatas e jornalistas britânicos

A União Soviética vai expulsar oito diplomatas e três jornalistas britânicos, numa atitude de retaliação, anunciou ontem o embaixador britânico em Moscovo. Sir Rodric Braithwaite disse que a decisão de Moscovo visava responder à expulsão, na sexta-feira, de 11 cidadãos soviéticos da Grã-Bretanha. O grupo incluia também diplomatas e jornalistas. Três outros diplomatas britânicos, que já abandonaram a URSS, foram declaradas «persona non grata»,

Braithwaite disse que os diplomatas expulsos são o segundo-secretário Michael Anderson, o adido naval capitão Christipher Meyer, o segundo-secretário Adam Noble, o vice-cônsul Helen Pickering, o graduado Laing Purfit, o adido naval adjunto tenente Christopher Watson, o terceiro secretário Paul Sharp e o adido militar adjunto Niger Shakespear.

Os jornalistas, que já foram informados da decisão das autoriddes de Moscovo, são Angus Roxburgh do «Sunday Times», Ian Glover-James da Televisão Independente (ITV) e Jeremy Harris da BBC.

As autoridades soviéticas tinham sido informadas no dia anterior das expulsões da Grã-Bretaanha, mas não foi feito qualquer anúncio em Londres.

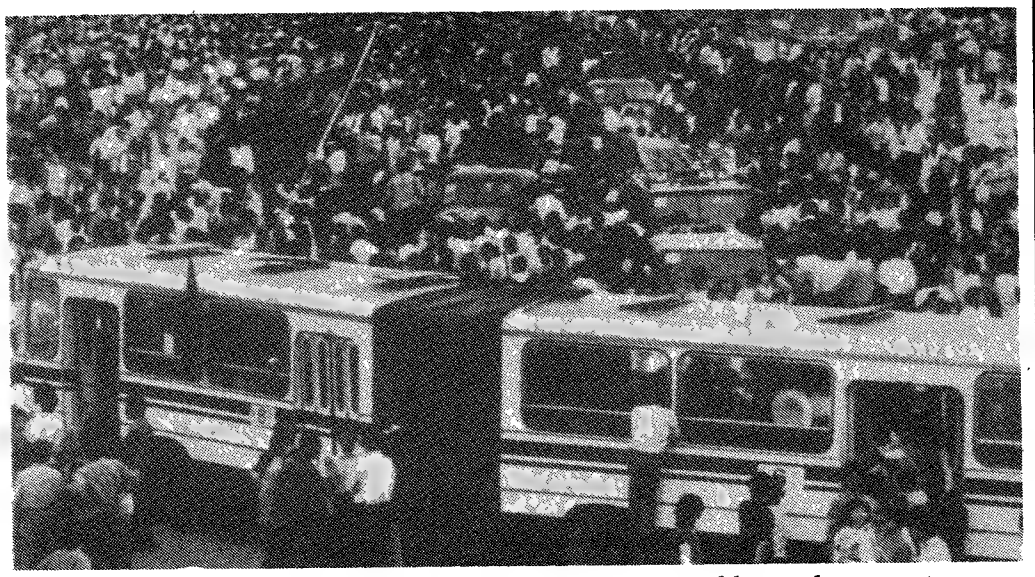
«Trata-se de uma retaliação sem justificação objectiva pela medida tomada em Londres na sexta-feira, um acto reflexo», disse hoje o embaixador britânico num breve encontro com os jornalistas. «Achamos que esta atitude não está de acordo com o relacionamento existente dos dois países e não pretendemos que afecte relações políticas mais amplas», acrescentou.

Braithwaite disse que os cidadãos britânicos têm duas semanas para deixarem a União Soviética, o mesmo prazo que as autoridades britânicas deram aos cidadãos soviéticos expulsos por Londres.

Pequim: chefes militares dizem que soldados não dispararão contra o povo

FIRMEZA DE ESTUDANTES CHINESES FAZ PERIGAR GOVERNO DE LI PENG

Líderes estudantis chineses, que continuam a ocupar a praça de Tienanmen, em Pequim, com milhares de colegas, voltaram a exigir hoje conversações com o Governo, dizendo que os dirigentes chineses nunca conseguiriam pôr fim ao seu movimento pró-democracia pela força. As tropas apoiadas em tanques tomaram entretanto posições em todos os acessos a Pequim, aguardando ordens para avançar sobre a praça de Tienanmen, onde centenas de milhar de pessoas continuam concentradas, apesar da imposição da lei marcial.



Vista geral da altura em que veículos do exército eram ontem bloqueados por autocarros e manifestantes em Pequim.

Por outro lado, helicópteros militares lançaram hoje panfletos sobre Pequim a favor do Primeiro-Ministro, Li Peng, e em defesa da proclamação da lei marcial, apelando à população para "pôr fim ao caos" - disseram correspondentes estrangeiros.

Um dos panfletos apresentava 20 palavras de ordem contra os manifestantes que se opõem à lei marcial, entre as quais "Apoiarei o Primeiro-Ministro Li Peng e o Presidente Yang Sangkun" e "Evitai o retorno à década do grande levantamento", numa alusão à revolução cultural de 1966-76.

Outros panfletos davam aos estudantes uma lista de palavras de ordem anti-governamentais, algumas bastante insultuosas para os dirigentes chineses, que eles não poderiam utilizar.

Outros panfletos lançados ainda em diversos locais de Pequim e na praça de Tienanmen (paz celestial), apelavam ao povo para se congregar em torno do partido, do governo e do exército.

Por sua vez, os estudantes declararam numa carta que pretendem discutir como acabar com a lei marcial, retirar as tropas enviadas para o centro da capital e assegurar o reinício das aulas.

"Por favor enviem representantes para falar connosco directamente" - afirma a missiva entregue a um funcionário do Congresso Naciona Popular, equivalente ao Parlamento, por um comité em representação dos mais de cem estabelecimentos de ensino superior.

Luta de poder entre reformistas e conservadores?

Na capital circulavam, por outro lado, notícias sobre uma luta de poder entre reformistas e elementos da linha dura do Partido Comunista chinês. Diplomatas afirmaram que a permanência do Primeiro-Ministro Li Peng no poder estava ameaçada.

Um oficial do exército que que comanda as tropas bloqueadas por manifestantes civis afirmou que tinha recebido ordens para retirar "mas que, por muitas razões, não podia". O oficial falava numa entrevista concedida à estação de televisão estatal.

Não foi possível saber se a ordem se destinava apenas àquela unidade, ou se a todas as formações militares enviadas para a capital a fim de pôr em prática a lei marcial imposta por Li Peng no sábado.

A administração da cidade de Pequim, que emitiu disposições pormenorizadas sobre a lei marcial, afirmou não dispor de informações sobre qualquer ordem para retirada de soldados.

As disposições da lei marcial, que próíbem manifestações, têm sido ignoradas pelos estudantes e pelos seus apoiantes e forças da segurança não fizeram tentativas para aplicar as regras.

Na missiva redigida pelos estudantes, estes dizem ter entrado em greve de fome "em apoio ao movimento democrático, mas após sete dias e sete noites" mostram-se "completamente desapontados".

"A decisão errada do Governo provocou um grave perigo para o nosso país. Estudantes nas universidades e o povo têm mostrado que o Governo não leva a melhor" - afirma a carta.

Destacados oficiais contra lei marcial

Entretanto mais de cem oficiais militares destacados desferiram um golpe à autoridade de Li Peng, assinado uma carta de oposição à lei marcial em Pequim e disseram que o exército "nunca disparará contra as pessoas" - afirmaram hoje fontes na capital chinesa.

A televisão estatal citou também um oficial que disse ter recebido ordens para retirar os seus homens devido à oposição popular generalizada à lei marcial, cuja imposição foi ordenmada por Li.

Os estudantes em protesto na praça Tienanmen, saboreiam hoje nova vitória, depois de cidadãos de Pequim terem acorrido para as ruas, aos milhares, antes do amanhecer, formando barricadas humanas para proteger os manifestantes do exército.

Estudantes e outros cidadãos prometeram continuar a luta até que Li e o líder chinês Deng Xiaoping se demitam.

A mobilização de centenas de milhar de pessoas pela segunda noite consecutiva constituiu um duro golpe para Li, que não conseguiu pôr fim ao protesto que dura há uma semana na praça Tienanmen, não obstante ter declarado a lei marcial.

Sete destacadas figuras da hierarquia militar, incluindo o antigo ministro da defesa Zhao Zyiang e o ex-chefe do Estado-Maior do exército Yang Dezhi, escreveram a carta - afirmou uma fonte do "Diário do Povo".

"Como soldados veteranos temos as seguintes exigências", diz a carta, passando a enumerá-las. "O exército de libertação do povo pertence ao povo. Não se pode confrontar com o povo... nem disparará sobre o povo", afirma.

A fim de impedir a degradação da situação, o exército não pode entrar na cidade" - refere a carta, assinada por cem oficiais.

A carta e a incapacidade de retirar os estudantes da praça, no centro de Pequim, puseram em causa a permanência de Li no poder e a sua capacidade de controlo do exército.

Liu Binyan, destacado jornalista chinês, disse que várias províncias chinesas e oito Ministérios governamentais, incluindo o dos Negócios Estrangeiros, se estão a recusar a apoiar o Governo de Li.

Liu fez esta afirmação na Universidade de Montana, no ocidente dos EUA, perante um grupo de estudantes chineses. Contudo, as declarações do jornalista não puderam ser confirmadas de fonte independente.

Manifestações em Xangai

Milhares de estudantes arrostaram hoje contra a chuva em Xangai, numa marcha contra o Primeiro-Ministro Li Peng, depois de as autoridades terem anunciado que estavam prontas a tomar medidas para pôr fim às manifestações na cidade - anunciaram correspondentes estrangeiros.

Os manifestantes, gritando "Li Peng demite-te", percorreram a baixa de Xangai, onde estão situadas as sedes do partido e do Governo locais, seguindo depois para a Praça do Povo.

Muitas paredes de edifícios de Xangai ostentam fotcópias de jornais chineses de Hong Kong com notícias, fotos e comentários sobre os acontecimentos de Pequim - referem ainda os correspondentes.

Manifestações de solidariedade em vários pontos do Mundo

Estudantes chineses em várias cidades europeias e Tóquio manifestaram-se ontem em apoio dos seus colegas que, em Pequim, se mantêm desde há dias na Praça Tienanmen reclamando maior democracia. Em Paris, cerca de 1000 estudantes chineses manifestaram-se na Praça de Trocadero, com cartazes onde se lia «Irmãos e irmãs, nós amamo-vos. Velhos ditadores, odiamo-vos» e «1789 liberdade para os franceses, 1989 democracia para os chineses. A Bastilha igual a Tienanmen». O desfile dos manifestantes acabou a poucos quarteirões da Embaixada chinesa em França. Em Bruxelas, várias centenas de estudantes chineses residentes nesta cidade exigiram sábado e domingo o fim do «terror imposto pelas autoridades da República Popular». Em Bona, cerca de 500 estudantes e cientistas chineses manifestaram-se ontem em frente à Embaixada do seu país para protestar contra a política do primeiro-ministro Li Peng, e exigir a liberdade de expressão e o respeito pelos direitos humanos. Em Tóquio, milhares de chineses – 4500 segundo os organizadores, 2000 segundo a Polícia – desfilaram pelo centro da cidade protestando contra a imposição da lei marcial em Pequim. Um porta-voz da organização disse que 40 funcionários da Embaixada chinesa exprimiram o seu apoio aos manifestantes, mas um funcionário contactado pelo telefone recusou-se a comentar a afirmação. Também em Washington e outras cidades dos Estados Unidos, mais de mil estudantes chineses manifestaram-se em apoio dos seus colegas de Pequim. Houve manifestações em Atlanta, Chicago, Denver e cidades da costa do Pacífico, bem como em Nova Iorque, onde no bairro de Chinatown um grupo de 100 estudantes recolheu fundos destinados ao movimento pela democracia na China.
Estudantes chineses, que frequentam universidades norte-americanas, protestaram também em Washington contra a decisão do governo de Pequim de usar a força para esmagar a agitação estudandil no país. «Não são diferentes dos antigos senhores feudais», disse um estudante perante mais de mil colegas concentrados em frente à Embaixada da China em Washington, procedentes de Yale, Harvard, Cornell e outras universidades dos Estados Unidos. Criticaram ainda a administração do presidente George Bush por não tomar uma posição pública sobre os acontecimentos em Pequim. «Estranhamos o silêncio do vosso governo. Gostaríamos que Washington condenasse o recurso à força pelo nosso governo e manifestasse publicamente o seu apoio ao movimento estudantil», disse um aluno da universidade de Harvard.

Macau e Hong-Kong protestam contra lei marcial

Centenas de milhares de pessoas exigiram ontem em Hong Kong a demissão do primeiro-ministro chinês, Li Peng, durante um comício em Happy Valley que culminou uma manifestação de solidariedade com os estudantes de Pequim.

A manifestação – classificada por fontes policiais como a maior da história da colónia britânica – reuniu, segundo a estação de televisão TVB, cerca de um milhão de pessoas, ou seja 17,5 por cento dos 5,7 milhões de habitantes de Hong-Kong.

No comício de ontem à noite, no qual participaram funcionários dos escritórios locais da agência Nova China, a par de artistas de cinema e vedetas da rádio e televisão, exigiram igualmente o levantamento da lei marcial e a satisfação das reivindicações dos estudantes.

Entretanto, Louis Chá, o editor de um dos principais jornais de língua chinesa de Hong Kong, «Ming Pao», anunciou a sua demissão do comité de redacção e do conselho consultivo da lei básica do território.

Louis Chá demitiu-se dos seus cargos políticos nos comités designados pelas autoridades de Pequim para elaborarem a Constituição da futura região administrativa especial de Hong Kong, após a transferência de soberania em 1997, em protesto contra a imposição da lei marcial na capital chinesa.

Acções em Macau

A maioria dos trabalhadores do principal jornal chinês de Macau «Ou Mun», publicou hoje um comunicado exigindo a demissão do primeiro-ministro Li Peng e protestando contra a imposição da lei marcial em Pequim e a censura à Imprensa.

Além de outras acções o Comité Unitário de Macau de Apoio à Luta dos Estudantes de Pequim convocou hoje uma greve geral no território para amanhã, terça-feira, a partir das 13 horas e convidou a população a aderir a esta manifestação.

Em visita ao Reino Unido

1.º MINISTRO ISRAELITA AMEAÇA DEMITIR-SE SE NÃO TIVER APOIO DO PARTIDO

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, declarou que se demitirá se o Partido Likud não apoiar o seu plano para a realização de eleições nos territórios árabes ocupados. «Não posso continuar em funções se não sentir que o movimento que represento no governo me apoia e está do meu lado disse Shamir à rádio israelita antes de partir para uma visita de seis dias à Grã-Bretanha e Espanha para promover a sua iniciativa.

Opositores de Shamir no Partido Likud disseram que tencionam opor-se ao plano na próxima reunião do Comité Central do partido, prevista para o início de Junho.

Apesar desta posição do Partido Likud, o governo israelita de coligação aprovou o plano a 6 de Maio, tendo Shamir afirmado na altura que tencionava obter o apoio do seu partido.

A linha dura do Partido Likud opõe-se ao plano, pois considera que dar voto aos árabes poderá fazer perigar a segurança do país.

Em Londres, onde chegou ontem, o primeiro-ministro israelita foi recebido pelo secretário britânico dos Negócios Estrangeiros, Sire Geoffrey Howe, com quem vai manter conversações amanhã, terça-feira.

Durante o encontro com Margareth Thatcher, Shamir vai abordar a questão das eleições nos territórios árabes ocupados por Israel. À sua chegada a Londres, agentes da Polícia britânica fardados com coletes antibala e armados de espingardas automáticas vigiavam o aeroporto e durante a visita agentes especiais da Polícia britânica e membros dos serviços secretos israelitas coordenam uma vigilância apertada.

Órgãos de informação britânicos referem que as conversações entre Shamir e Thatcher giram em torno de uma possível nova iniciativa de paz para o Médio Oriente.

A última reunião entre Shamir e Thatcher ocorreu em 1986, durante uma visita oficial da primeira-ministra britânica a Israel, quando Shamir ocupava o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros.

Yitzhak Shamir, que deixa o Reino Unido amanhã, segue depois para Madrid, para efectuar uma visita oficial de 24 horas.

O chefe do governo israelita efectuará depois uma visita particular de dois dias a Espanha.

Espanha e Israel estabeleceram relações diplomáticas em 1986.

Confrontos nos territórios ocupados

Tropas israelitas de ocupação da faixa de Gaza mataram este fim-de-semana seis palestinianos, incluindo uma menina de 12 anos, e feriram 43.

Outro palestiniano, um jovem de 18 anos ferido no dia 10 num choque com o Exército de Israel, faleceu sábado no hospital Al-Mukassed de Jerusalém Oriental.

Todas estas mortes provocaram um aumento da tensão nos territórios árabes ocupados, cuja população cumpre uma greve geral, depois de ter estado sujeita nos últimos quatro dias ao recolher obrigatório imposto pelos ocupantes.

A paralisação, convocada pela direcção clandestina da Intifada (levantamento popular contra Israel), relaciona-se com a próxima cimeira extraordinária da Liga Árabe em Marrocos.

A direcção da Intifada apelou, entretanto, à eliminação de um soldado ou colono israelita por cada palestiniano assassinado.

Egipto regressa à Liga Árabe

A reunião preparatória da Cimeira da Liga Árabe terminou ontem à noite, tendo sido bem acolhido o regresso do Egipto à organização após 10 anos de ausência.

Todos os ministros, incluindo o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, felicitaram o Egipto pelo seu regresso – disse o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Abdel-Maguid, após a reunião.

Segundo jornal «Sunday Times»

Estados Unidos aumentaram apoio militar à UNITA

Os EUA aumentaram o seu apoio militar à UNITA enviando por via aérea grandes quantidades de abastecimentos, num gesto que deverá merecer os protestos do governo angolano. A notícia foi hoje veiculada pelo jornal norte-americano «Sunday Times» que refere que o carregamento foi enviado directamente para o território ocupado pelos rebeldes angolanos.

Este é o primeiro sinal concreto da decisão da administração Bush de continuar o apoio ao movimento liderado por Jonas Savimbi a um nível semelhante ao que recebeu durante a presidência de Reagan. Segundo afirmaram funcionários superiores da UNITA, trata-se de um carregamento sem precedentes, cujo envio coincide com a retirada da África do Sul de bases aéreas situadas na faixa de Capri, ao abrigo do acordo de paz para a Namíbia.

A faixa de aterragem da Jamba foi recentemente recoberta para permitir a aterragem e descolagem dos aviões de carga «C-130 Hércules» e outros aviões utilizados para transporte de abastecimento à UNITA.

O general Peregrine Wanboo, porta-voz da UNITA, reconheceu que o exército rebelde encontra cada vez maior dificuldade em manter a sua luta contra o governo angolano após o fim do apoio militar de Pretória. Um porta-voz do Departamento de Estado norte-americano recusou-se a fornecer informações sobre a natureza do carregamento e disse que «os EUA dão o apoio apropriado e coordenado pelo Congresso, não discutindo a sua natureza ou meios de entrega».

África do Sul reduz tropas na Namíbia

A África do Sul reduzirá o número das suas tropas na Namíbia antes da data limite estabelecida no plano das Nações Unidas para a independência do território, afirmou sábado o comandante das forças de Pretória. O major general Willie Meyer afirmou ter ordenado que a retirada gradual das forças sul-africanas prossiga de forma a deixar no território 1500 soldados a partir de 24 de Junho, confinados a duas bases.

3.º JUÍZO CORRECCIONAL DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. n.º 211/89 — 3.ª Secção

Faz-se saber que por sentença de 28 de Abril de 1989, nos Autos de Processo Correccional que o M.º P.º, instaurou contra os Réus «Matos, Ventura, Coutinho e Silva, Lda.ª», com sede na Rua Passos Manuel n.º 14/18 em Lisboa, José Clara Santos Silva, solteiro, Gerente Comercial e residente na Rua Penha de França, n.º 119-2.º-A, Lisboa, José Alberto Marques Lourenço, casado, Gerente Comercial e residente na Rua Marquês de Soveral, n.º 10-2.º-Esq.º, Lisboa, Abel de Jesus Coutinho, casado, Gerente Comercial e residente no Largo Mendonça e Costa, n.º 7-3.º-Esq.º, Lisboa e António Ventura de Matos, casado, Gerente Comercial e residente na Rua Veloso Salgado, n.º 23-1.º-Dt.º, Lisboa, por infracção do Art.º 24.º-1 al. c) do Decreto-Lei 28/84 de 20/1, foram os réus José Alberto Marques Lourenço, Abel de Jesus Coutinho e António Ventura de Matos absolvidos e condenados José Clara Santos Silva em 60 dias de prisão que substituo por igual tempo de multa à taxa diária de 200$00 e em alternativa em 40 dias de prisão e em 55 dias de multa a igual taxa e em alternativa em 36 dias de prisão e em cúmulo vai condenado na multa única de 23 000$00 e correspondentes 76 dias de prisão em alternativa e a Ré «Matos, Ventura, Coutinho e Silva, Ld.ª», por ser responsável por força do Art.º 3-1 e Art.º 7-4 do mesmo Diploma vai condenada em dez dias de multa à ordem de 1000$00 por dia. Mais foi condenado o Réu José Clara Santos Silva em 5000$00 de Imposto de Justiça e respectivas custas, fixando-se a Procuradoria em 1000$00.

Lisboa, 9 de Maio de 1989.

O Juiz de Direito,
Manuel Cabral do Amaral
A Escriturária Judicial,
Ass. ilegível

«DL» 22/5/89

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

Proc. n.º 66/88 — 1.ª Secção — 1.º Juízo

FAZ-SE SABER que por este Juízo e primeira secção, nos autos de ACÇÃO ESPECIAL DE DIVÓRCIO LITIGIOSO em que são autora AIDA PERPÉTUA DE SOUSA, reformada, residente na Rua Miguel Pais, n.º 212-1.º Esq.º, no Barreiro, e réu ANTÓNIO RODRIGUES PERDIGÃO, serralheiro mecânico, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Miguel Pais, n.º 212-1.º Esq.º, no Barreiro, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, CITANDO aquele réu, para no prazo de VINTE DIAS, contestar, querendo o pedido de divórcio formulado pela autora acima indicada, e que consiste em ser decretado o divórcio entre ambos, com fundamento nos art.ºs 1779.º, 1781.º e 1782.º do C. Civil, e para no mesmo prazo deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela mesma Autora.

BARREIRO, 10 de Maio de 1989.

O Juiz de Direito,
Natalino Carapeta Bolas
O Escrivão Adjunto,
Maria Júlia Santos Padilha Fragoso

«DL» 22/5/89 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução ordinária n.º 4612, 1.ª secção. Exequentes: Coresa — Conserveiros Reunidos, SA. Executado: Urbano Irmãos, Ld.ª, com sede na Rua da Lavoura, Apartado 51 — Beja.

Lisboa, 28 de Abril de 1989

O Juiz de Direito
Assinatura ilegível
Pel'O Escrivão de Direito
Assinatura ilegível

«DL» — 22/5/89 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA
Anúncio

É por este citado o réu ARTUR MARRACHO PINTO, com última residência conhecida na Rua Bartolomeu Dias, n.º 7, r/c Fte. — Cacém, desta comarca, para no prazo de 20 dias, finda a dilação de 30 dias a contar da segunda e última publicação do anúncio, contestar a acção de Divórcio Litigioso n.º 1649 da 1.ª secção do 3.º Juízo deste tribunal, em que é autora, Maria de Fátima Valentim Pereira Pinto, residente na Rua Bartolomeu Dias, n.º 7, r/c Fte. no Cacém e réu o citando, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora, sendo fundamentos para o divórcio os art.ºs 1672.º e seguintes do Código Civil.

Igualmente, deverá o mesmo réu contestar, querendo, e dentro do mesmo prazo, o pedido de assistência judiciária formulado pela autora, o qual foi admitido liminarmente por despacho de 7 Julho 1988.

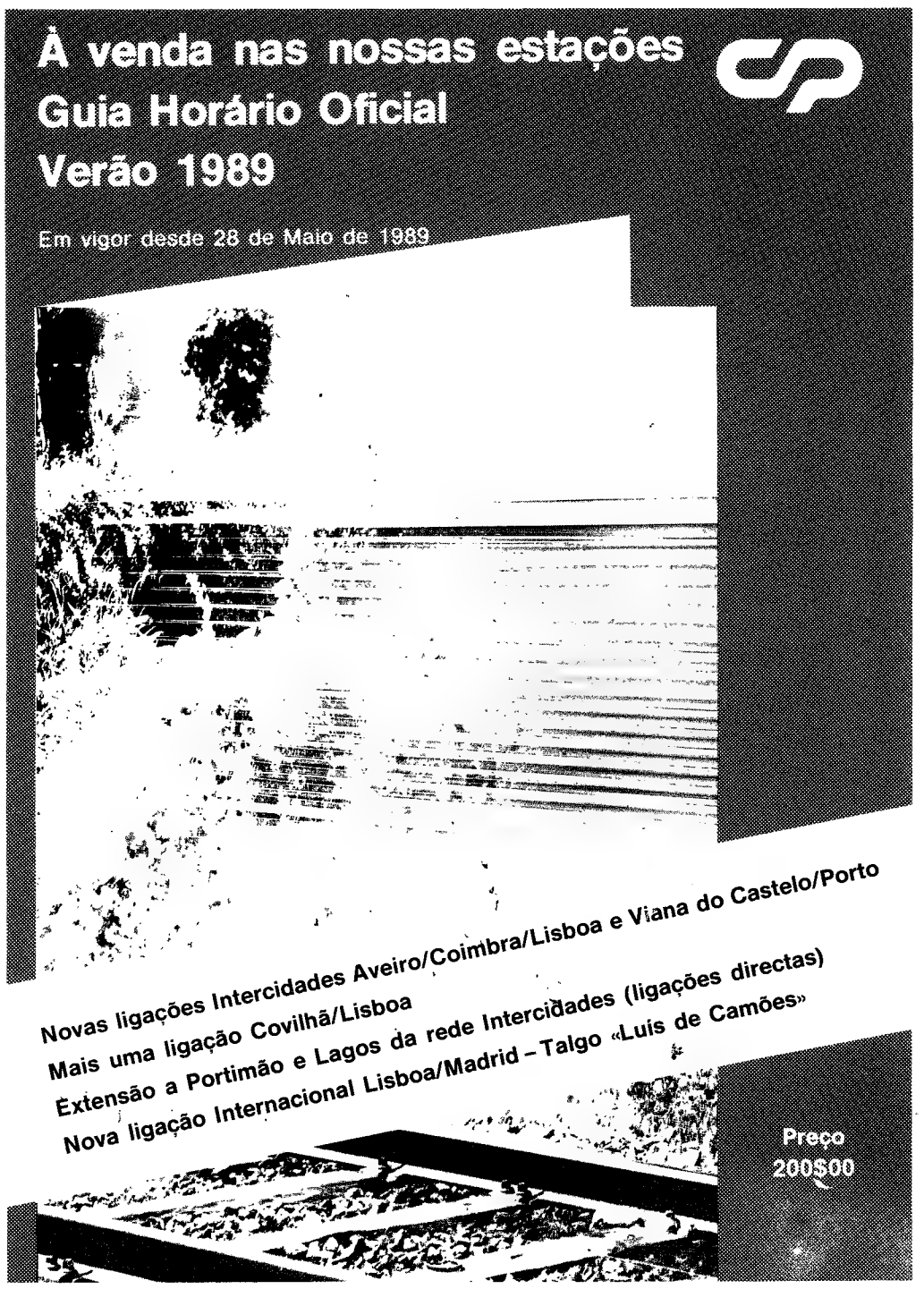
O duplicado da petição inicial e onde melhor constam os fundamentos da presente acção encontra-se nesta secção à ordem do réu.

Sintra, 5 de Maio de 1989.

O Juiz de Direito
Francisco Gonçalves Domingos

A Escrivã-Adjunta,
Elisabete Freitas de Oliveira

«DL» 22/5/89 — 1.ª Pub



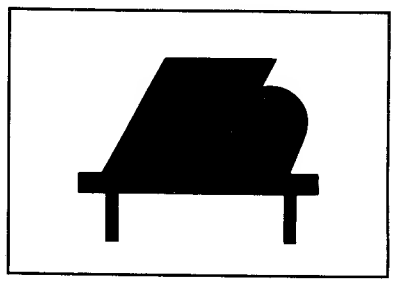
22 de Maio

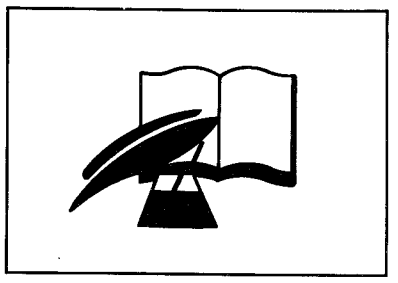
DIA DO AUTOR PORTUGUÊS

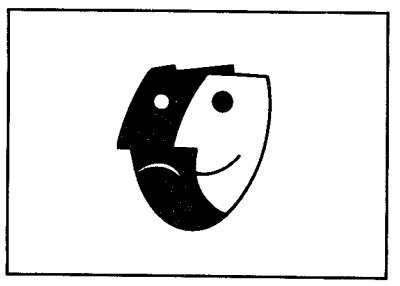
Poderá imaginar-se o que seria um mundo sem música, sem livros, sem obras de arte? Por certo que não. Ora, a música, o livro, a obra de arte, não existiriam se um autor os não tivesse criado. Com letras, sons e imagens, é ele que reconstrói o mundo, recria a vida e lhes dá sentido.

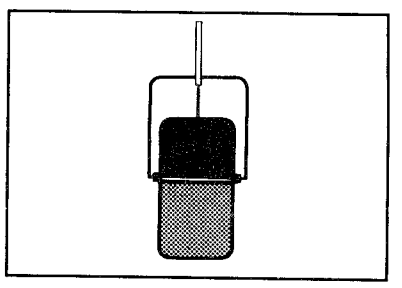
Lembremos então neste dia o autor, que de nós se lembra todos os dias, e escrevendo, compondo, pintando, criando em suma, torna eterno o instante e instantânea a eternidade.

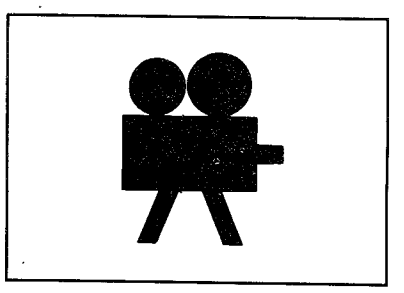
LUIZ FRANCISCO REBELLO
Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores

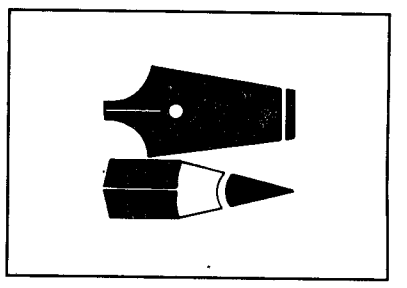


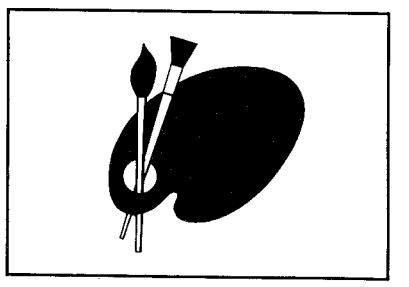












O autor é um «bicho» estranho, pertinente e impertinente, terráqueo e, por vezes, maldito, mas geralmente tido como sagrado. Um «motor» que gera múltiplas energias transformadas em imaginário. Uma «antena» privilegiada, capaz de captar milhentas coisas. Um «ladrão» subtil que surripia quanto há que lhe pareça digno de nota e que transforma sob uma nova perspectiva, acrescentando ou retirando, ou mesmo invertendo, segundo a sua inteligência, contaminada pelo impulso interior da intuição, capricho ou humor.

O autor é aquele que toma posse, e que faz com que as coisas do mundo pareçam suas; é como um espelho deformador que reflecte até ao infinito, em nuances tão diferentes como semelhantes.

Falar da invenção é ascender ao privilégio daquele que dá ao outro, a parte ou o muito que já era do mundo, pelo filtro que faz com que seja de autor aquilo que pertence a todos.

O autor, sendo público, é o mais solitário dos homens sobre a terra e, no entanto, vive integrado no mundo, a bem ou a mal. É um homem vulgar com um sentido invulgar. Ele é e não é. Ele é sem querer sê-lo. Ele é, por força de uma vontade que o supera. É, porque é dotado. É, porque é marcado. É, porque é predestinado. E, sendo-o, ele é como que absorvido pela própria obra. Deixa de ser ele para ser as suas personagens, deixa de ter vida própria para forjar novas vidas, novas histórias e novas coisas.

É, enfim, um deus que cruza nas ruas com gentes de todos os dias, que coabita aqui e além, como se estivesse ausente. Tão ausente quanto a sua presença. Ele está e não está. Está fora dele e dentro de si, ou dentro das pessoas, ou da vida das coisas e do que cintila no ar e no espaço.

Não é ele que vai ter com as coisas, são estas que vêm ter com ele. Ele está expectante e aberto, pronto e disponível. Ele exprime o seu «sentir» como a flor abre no jardim, ou canta a ave no bosque.

Não procura quem ouça ou veja o que tenha de força ou de delicadeza, de belo ou de fealdade, de pensamento ou de contradição no que mostra representado, seja ele filósofo, ou músico, ou pintor, ou literato. Ele espera, espera pacientemente como o livro no escaparate, como o quadro pendurado na parede, como uma estátua ao cimo de uma escada, como um «écrã» mágico no fundo de uma sala escura. Espera, como espera uma rosa num canteiro, o sortilégio que faça com que alguém passe, pare e a admire, ou a colha, mas que a respeite integralmente, tal qual veio ao mundo, sem a mutilar, ou a deformar.

O autor, porém, não existe, senão para a flor que o assinala («olhai os lírios do campo...»). Isto é, o autor, pelo dom d'O Outro Autor, existe diluído na sua obra, circunstância das circunstâncias, tradição das tradições, elo da corrente de um rio imparável, espelho da vida, reflexo de Deus — com o diabo à mistura!

Manoel de Oliveira

SPA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

HÁ 20 ANOS

Homens a 16 Km da Lua

Dois batedores especiais descem hoje até uma altura de cerca de 15 quilómetros da Lua durante o perigoso ensaio geral dos planos dos Estados Unidos da América para a conquista do satélite natural da Terra. A mínima falha a bordo do estranho «módulo lunar», semelhante a uma aranha, que transporta os astronautas da «Apolo 10», Tom Stafford e Eugene Cernan em direcção às crateras lunares, sem ar, podia terminar em morte e em desastre a uma distância de 384 000 Km da Terra.

Avião israelita abatido pelos egípcios

Aviões egípcios abateram um «Mirage» israelita durante um combate aéreo na região de Ghardaka, no Mar Vermelho - disse um informador militar egípcio. Cerca das 11 e 50 locais, os aviões egípcios interceptaram seis «Mirages» israelitas que tentavam penetrar no espaço aéreo egípcio. Abrindo fogo contra os aviões, os egípcios abateram um que caíu ao mar e obrigaram os outros a bater em retirada. Todos os aviões egípcios regressaram à base - disse o informador.

«O fantasma» era afinal um polícia

Foi preso ontem o polícia Milton Brookins, de St. Louis, EUA, casado, de 25 anos, acusado de ser o indivíduo que, com o nome de «The Phantom» («O Fantasma»), atacou mais de 25 mulheres desde o dia 10 de Fevereiro último.

EFEMÉRIDES

1871 Em Portugal, têm inicio as conferências do Casino.

1882 Os EUA e a Coreia assinam um Tratado de Paz e amizade.

1887 A Grã-Bretanha assina um acordo com o Egipto, através do qual se compromete a abandonar este país no espaço de três anos, com direito a regressar caso se registem novas desordens. No entanto, o acordo é anulado devido à oposição francesa.

1911 O escudo, unidade monetária portuguesa, é criado através de Decreto.

1918 Aviões alemães bombardeiam Paris, no decurso da Primeira Guerra Mundial.

1925 É fundada a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais portugueses.

1939 A Alemanha nazi e a Itália de Mussillini assinam um Tratado de Aliança militar.

1973 Os EUA e a Grã-Bretanha vetam uma resolução do Conselho de Segurança da ONU, que visava alargar as sanções impostas à Rodésia, à África do Sul e às colónias portuguesas no continete africano.

1974 O Canadá suspende o auxuilio à India como forma de protesto contra a primeira explosão nuclear levada a cabo por este país.

1982 As autoridades britânicas anunciam que uma força constituida por cinco mil homens desembarcou na testa de ponte organizada nas ilhas Falkland, acrescentando que 20 homens morreram quando uma fragata britânica se afundou.

1983 O Presidente da OLP, Yasser Arafat, acusa regimes árabes de instiguirem uma revolta de guerrilheiros dissidentes no Líbano, mas acrescenta que o movimento não abalará a organização.

1984 O secretário-geral da Nato, Josephe Luns, manifesta a sua oposição a uma acção militar conjunta da Aliança para proteger a nevegação no Golfo Pérsico.

1985 O Presidente da República portuguesa, general Ramalho Eanes, em visita ofricial à China, apela, em Pequim, ao apoio internacional para a solução da situação em Timor Leste, que qualificou de ilegal e ilegitima.

- Os ministrios da Defesa dos países da Nato decidem aumentar o auxilio destinado à modertnização das Forças Armadas de Portugal, Grécia e Turquia.

1986 Um incêndio ocorrido num prédio degradado situado na Avenida da Liberdade, em Lisboa, mata sete pessoas e fere dez.

- É lançado na Grã-Bretanha a primeiras edição do jornal soviético «Pravad» em língua inglesa.

1988 Karoly Grosz, 57 anos, substitui Janos Kadar no cargo de secretário-geral do Partido Comunista húngaro.

EM PORTUGAL

	Min.	T. 6h	Prec.	Às 18 h.
Bragança	8	9	0.0	P. nub.
V. Castelo	14	14	0.0	Neblina
Vila Real	9	9	0.0	M. nub.
Porto	12	13	0.0	Neblina
P. Douradas	–	–	–	–
Coimbra	13	13	0.0	Neblina
C. Carvoeiro	14	15	0.0	Encoberto
C. Branco	9	11	0.0	Neblina
Portalegre	11	11	0.0	Nevoeiro
Lisboa	14	15	0.0	Encoberto
Évora	12	13	0.0	Neblina
Beja	12	12	0.0	Nevoeiro
Faro	14	14	0.0	P. nub.
Sagres	12	12	0.0	M. nub.
P. Delgada	12	12	0.0	M. nub.
Horta	15	15	0.0	M. nub.
Funchal	16	16	0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 18, Faro 22, Ponta Delgada 23, Funchal 22

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NA EUROPA

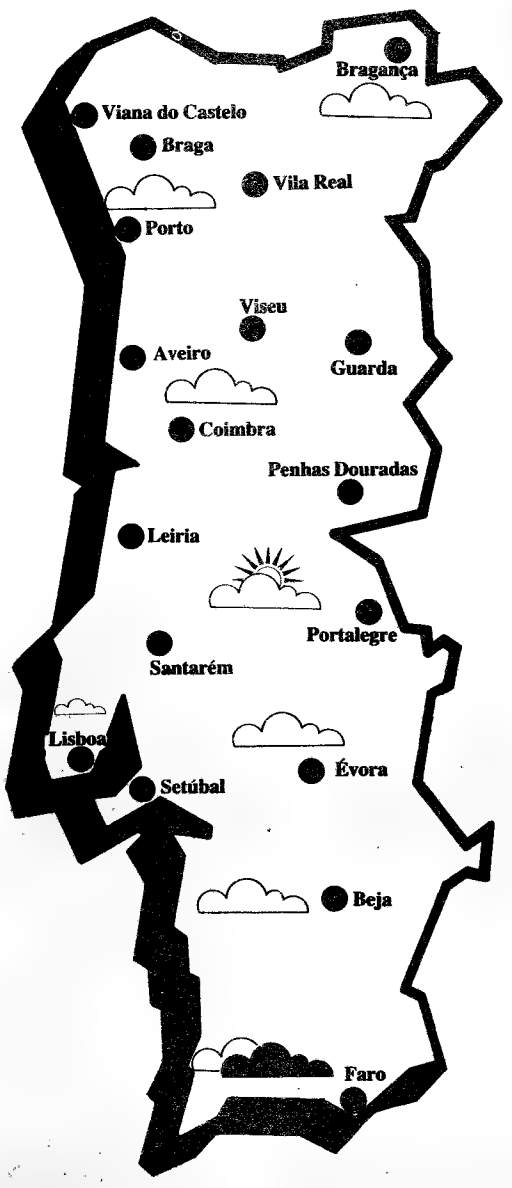
	Min.	T. 0 h	Às 18 h
Madrid	9	10	P. nub.
Londres	15	16	Trovoada
Paris	16	18	P. nub.
Bruxelas	15	16	Limpo
Amesterdão	12	13	P. nub.
Genebra	12	15	M. nub.
Roma	12	16	Neblina
Oslo	8	13	P. nub.
Copenhaga	8	11	P. nub.
Estocolmo	2	10	P. nub.
Berlim	7	9	Limpo
Viena	11	12	P. nub.
Varsóvia	8	11	Limpo
Atenas	19	21	M. nub.
Moscovo	6	6	M. nub.

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	Às 13 h
Caracas	-	-	-
Joanesburgo	11	25	Limpo
Los Angeles	15	27	Nublado
Montreal	17	19	Limpo
Nova Deli	27	42	Limpo
Nova Iorque	15	29	Limpo
R. de Janeiro	16	28	Limpo
S. Francisco	10	16	Limpo
São Paulo	13	–	–
Tóquio	17	22	Chuva

Temperatura do ar em ºC • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu geralmente muito nublado. Vento em geral fraco do quadrante Oeste. Possibilidade de aguaceiros e trovoadas nas regiões do interior durante a tarde. Mar encrespado com ondulação Noroeste de um a dois metros na Costa Ocidental e com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

Açores:

Grupos Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Oeste.
Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste.
Estado do Mar: Mar de pequena vaga. Ondulação Noroeste de dois metros.

Na Madeira

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte. Aguaceiros nas vertentes viradas a Norte.
Estado do Mar — Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação Noroeste de um a dois metros.

Costa Sul — Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Possibilidades de aguaceiros e trovoadas nas regiões do interior durante a tarde.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros e trovoadas.

MARÉS

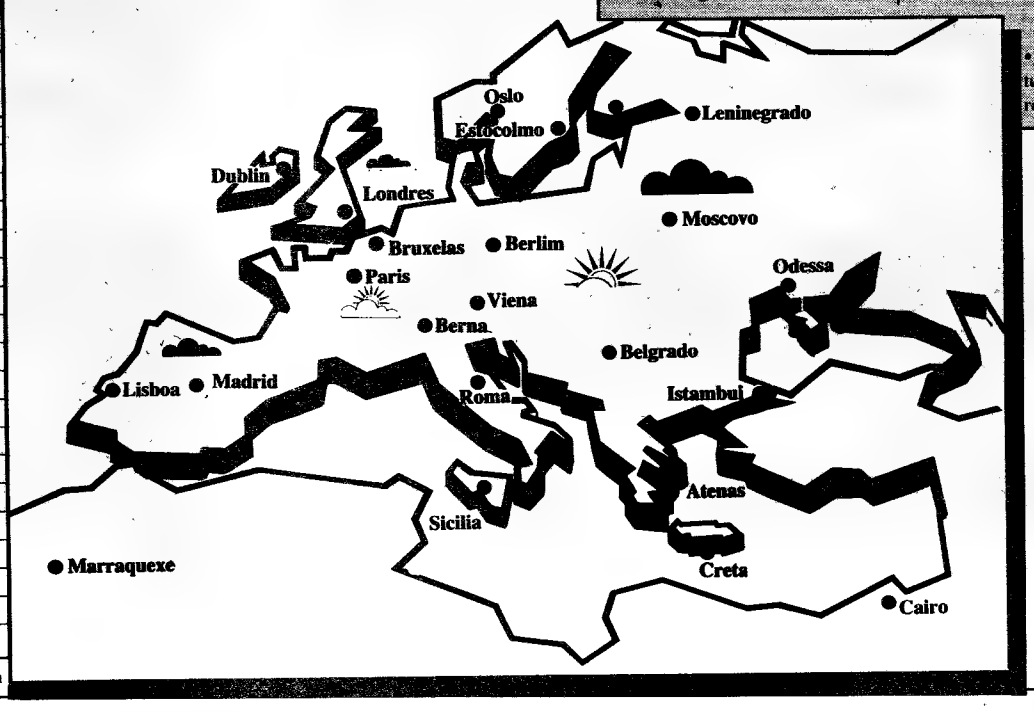
Hoje

Preia-Mar		Baixa-Mar	
05.00	3,6 m	10.25	1,1 m
17.13	3,7 m	22.51	1,0 m

Amanhã

05.37	3,5 m	11.02	1,2 m
17.50	3,7 m	23.31	1,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



CRÍTICA DE TEATRO

OS ACTORES: 6 QUADROS E 1

Carlos Porto

O PÚBLICO, **de Federico Garcia Lorca.** Tradução: **José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra (colaboração: Fernanda Abreu).** Encenação: **Luís Miguel Cinra.** Cenário/Figurinos: **Cristina Reis.** Assistência: **Linda Gomes Teixeira.** Assistência Coreográfica: **Paula Massano.** Assistência Vocálica: **Maria João Serrão.** Música: **Paulo Brandão.** Luz: **Luís Miguel Cintra/José Eduardo Páris.** Produção: Amália Barriga/António Fonseca. Interpretação: Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, António Fonseca, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Rogério Vieira, Fernando Heitor, Adriano Luz, Manuel Cintra, Luísa Cruz, Teresa Madruga, Pedro Pinto Nogueira, José Manuel Mendes. Teatro da Cornucópia: **Teatro do Bairro Alto/17-05-1989.**

1.º Acto/Os cavalos

Os homens são os cavalos. Como homens, os cavalos. Relincham como quem toca trompete. Tocam trompete como quem relincha. Homens atravessados por desejos tão intensos como os dos cavalos (os cavalos como as relvas do mundo, os homens metamorfoseados em cavalos: a posse e a iniciação — ver «Dicionário dos Símbolos»), homens que lutam como bestas.

Os actores são os Cavalos que são quatro, são também os Homens que são três. Quatro cavalos que nenhum sinal identifica a não ser um peculiar movimento com os membros inferiores como se os actores quisessem imitar cavalos. A não ser o sinal do Desejo.

Estamos num circo porque há uma escada que sobe para o céu, para a cúpula, para a teia, uma escada de acrobata que o Cristo que ainda não é Cristo, sobe; há também luzinhas atrás de rotundas que mudam de cor conforme mudam de luz; nelas, como desenhos lorquianos, projectam-se às vezes sombras de cavalos. Sombras. Estamos talvez num circo. Estamos com certeza no teatro. Há uma outra escada que sobe para algures; há uma superfície espelhenta onde os corpos se reflectem e se deformam, e onde um ilusionista pode fazer surgir uma porta onde há espelhos onde os corpos se reflectem; em frente há uma passagem (formada por paredes paralelas por onde os actores saem e outros logo regressam, é o biombo da peça).

Estamos no teatro, uma pequena construção tombada representa o teatro destruído pela multidão; há ainda uma outra construção que representa o sepulcro de Julieta, lá metida, sepúlcro branco, com flores e corações pintados. Estamos no teatro: as luzes abrem-se, actores correm nas «passarelles» da sala, gritando como se a multidão os assaltasse. O contra-regra passa e passa.

Esta é uma peça sobre cavalos porque é uma peça sobre o amor; é uma peça sobre o teatro (é talvez sobretudo isso: o elogio do teatro) porque é uma peça sobre os actores; é uma peça sobre o amor porque é uma peça sobre os cavalos, sobre o teatro, sobre os actores.

Do(s) outro(s) lado(s) está o público, sem saber quê.

2.º Acto/Julieta

Julieta, todos a conhecemos, e atravessa os séculos de mãos dadas com Romeu, ambos de mãos cortadas, de sexos cortados.

A trama do drama, se existe, tem precisamente Julieta como denotador. Porque há uma revolução e o público invade a sala e destrói o teatro e mata os actores por se sentir ludibriado ao descobrir que Julieta, em vez da virgem que concebera, é um formoso mancebo de pé alentado. Nem por isso, contudo, a actriz que começara por representar Julieta escapa à fúria sanguinária do público; escondida debaixo das cadeiras também ela acaba morta. O «guignol», o melodrama, é também aqui um sinal de teatralidade. Porque este é um teatro da morte, embora se possa dizer que é um teatro cómico da morte: Lorca ou, por ele, o director, que é o encenador deste jogo, quer que o teatro seja não uma imagem da vida mas a própria vida, e que por isso a própria morte, com os actores verdadeiramente morrendo à frene do público. Mas como estamos no teatro, a morte é teatro, a morte é teatro, a morte é, como o resto, máscara e metamorfose: o enfermeiro está preparado para a cirurgia de Cristo que numa cama de ferro colocada verticalmente aguarda a crucificação, neste caso, a substituição da máscara, metamorfoseando-se em Gonçalo, o Amante.

Já uma outra personagem que representa a Morte, o Cavalo Negro, passara a empurrar a pedra da mó; já o imperador passara acompanhado pelo centurião, aparente reprodução de uma marioneta siciliana com um falo a pender.

Sem esquecer Julieta, duplamente morta, enterrada. Ela pode ser tudo, Lorca quer que ela seja tudo, como uma forma de amor. Ela e ele:

Romeu pode ser uma ave e Julieta pode ser uma pedra. Romeu pode ser um grão de sal e Julieta pode ser um mapa.

Ou, dito de outra maneira:

Julieta — A mim não me importam os discursos sobre o amor ou sobre o teatro. O que eu quero é amar.

3.º Acto/O Poeta

Federico Garcia Lorca em 1929 viaja para Nova Iorque. Termina **Amor de Dom Perlimplin** e sente ainda os efeitos de uma **crise sentimental**. Na cidade norte-americana participa em várias manifestações culturais e escreve a maior parte de **La zapatera prodigiosa.** Em 1930 parte dos Estados Unidos para Cuba onde profere conferências e trabalha em duas peças: **Asi que pasen cinco años** eEl **público**. Regressa a Espanha; em Dezembro, Margarita Xirgu estreia a «Sapateira Prodigiosa». Lorca tem 32 anos. Para trás ficaram peças como **Mariana Pineda** (1925); seguir-se-ão, entre outras, **Bodas de Sangue** (1932), **Yerma** (1934), Doña Rosita la soltera (1935), **La Casa de Bernarda Alba** (1936). Entre 1933 e 1934, Lorca dirige La Barraca, companhia itinerante.

Agosto de 1936, guerra civil, o poeta é preso em Granada pelos fascistas e fuzilado em Viznar na madrugada do dia 19.

É costume dividir-se a obra de Lorca, ele mesmo o fez, em duas vertentes essenciais: as obras de carácter realista, que seriam, entre outras, «Mariana Pineda», «Bodas de Sangue», «Yerma», «Dona Rosinha a Solteira» e «A Casa de Bernarda Alba», e obras de carácter surrealista, que seriam entre outras, «Assim que passem cinco anos», e «O Público». Esta divisão, no entanto, não deve ser demasiado rígida já que para além do imaginário poético que constituiu a tessitura de que é feita a obra lorquiana, existem entre esses textos articulações que os aproximam e até, por vezes, identificam, apesar de tudo o que os separa.

Isso é, aliás, óbvio em «Bodas de Sangue» mas também noutras peças realistas nas quais sobressaem elementos caracterizadamente surrealistas. Foi por entendê-lo, de resto, que Angel Facio transformou «A Casa de Bernarda Alba» naquela cerimónia barroca, excessiva, com elementos surreais, que vimos no Porto com o TEP («DL«/24-5-73; 14-6-73; 21-6-73), na qual a mulher dominadora e castradora era representada por um actor (Júlio Cardoso). Outras leituras, embora muito diferentes, iam em sentidos diversos: «Yerma», encenação de Vítor Garcia com a C.ª de Nuria Espert («DL«/26-2-72); «Mariana Pineda», encenação de Fiama Hasses Pais Brandão com o Teatro Hoje («DL«/ 2-9-75); «Yerma', encenação de Xojé Blanco Gil com o TEP («DL«/ 30-1-79); «A Casa de Bernarda Alba» com o Teatro Nacional, encenação de Mário Feliciano («DL«/4-2-83). Leituras diferentes que buscavam conexões com outras formas do dizer lorquiano.

Peça surrealista, «O Público»? Terá a designação algum sentido? Poema transgressor das normas e dos (pre)conceitos (estávamos em 1930, não se esqueça), poema sobre o amor e sobre o amor homossexual, obra revolucionária pelas rupturas formais que propunha, texto sobre as relações entre o teatro e o público, obra talvez apenas esboçada, talvez inacabada, «O Público» é uma obra dramática fundamental do teatro do século XX. Pela invenção das suas formas, pela referida capacidade de transgressão, pelo imaginário cénico que revela, pela espantosa beleza do seu discurso, é provavelmente um texto genial.

No entanto, conservemos a memória das restantes obras de Lorca. Não esqueçamos a beleza, a energia dramática, a comoção humana das outras peças citadas.

Obra dilemática, somos colocados perante esta opção: **teatro ao ar livre — teatro debaixo da areia.**

(Teatro debaixo da areia ou da arena? É um problema de tradução: **Arena** é **Arena** e **Areia**. A palavra **Arena** tem denotações — ligação ao espectáculo — que a palavra **Areia** não possui; mas a palavra **Areia** tem conexões no decorrer do discurso que a palavra **Arena** não tem.) O director reclama o Teatro ao Ar Livre que é a forma convencional (comercial?) que o público deseja. O que quis Lorca significar com isso? Será um facto histórico: seria nesse tempo o teatro ao ar livre mau teatro? O que, aliás ajudaria a explicar o facto de Lorca ter fundado e dirigido o Teatro La Barraca que levou o bom teatro por terras espanholas, em espectáculos ao ar livre.

Teatro debaixo da areia (da arena?), reclamado pelos outros, será o teatro subterrâneo, marginal, clandestino? «O Público» em contraposição às outras peças de Lorca que foram representadas?

«O Público» é uma peça com alguns enigmas que permanecem sem solução. Não é por isso que se desvaloriza.

4.º Acto/(desaparecido)

O manuscrito compreende três quadros perfeitamente identificáveis — primeiro, quinto e último, que deve ser o sexto — «Ruína», possivelmente o segundo, e outro quadro sem número que, é quase certo, deve ser o terceiro, um destes precedido pelo solo do pastor bobo. Falta o desaparecido quadro quarto (que na minha memória vejo com o título Acto IV) e a última página do quadro V.

Rafael Martínez Nadal — «El Público — Amor y Muerte en la obra de Federico García Lorca».

5.º Acto/O Director

Luís Miguel Cintra é o Director, é-o no espectáculo, foi-o como criador do espectáculo. O seu trabalho de encenação, salvo erro, foi no sentido de clarificar as zonas de obscuridade do texto, sem as destruir, em vez de as multiplicar, o que um discurso sobrecarregado, barroco, implicaria. Tratava-se de usar a simplicidade — tão funda — para que o texto surgisse tanto quanto possível inteligível (mas não se pode entender o que não é para entender: quantas coisas não entendemos na vida!); tratava-se sobretudo de dar o texto na sua verdade, que é única e intrasmissível. Não vi as encenações de Lluís Pascual, em Madrid, nem de Jorge Lavelli, em Paris, esta com Maria de Medeiros no papel de Julieta (Luiza Cruz teve que jogar com este fantasma!), não sei por isso que caminhos seguiram esses encenadores. Sinto que o texto, como todos, este mais do que outros, permite muitas e as mais desvairadas leituras. Sinto que a leitura de Luís Miguel Cintra é uma leitura lúcida que usa a imaginação não para tornar mais complexo o que era complexo, mais poético o que era poético, mais obscuro o que era obscuro; usa-a para interpretar, em termos cénicos, o que no texto é essencial: o problema do amor, incluindo o amor homossexual, o problema da relação do drama e da comédia (em que não se tem falado mas que me parece, pelo menos nesta leitura, importante), o problema do teatro no teatro, o problema da relação do espectáculo com o público. Não se se todas as soluções são as mais produtivas: sei que o trabalho opera sobre nós como uma máquina ao mesmo de encenar o entendimento das coisas (e do teatro) e o prazer que as coisas (e o teatro) podem dar.

Uma única visão do espectáculo não deixa entender quais as rupturas introduzidas pelo encenador, como é o caso do diálogo do 2.º quadro que tem o título de Ruínas Romanas (um dos dois que não eram inéditos). Enquanto no original o diálogo é interpretado por dois actores (a figura de Cascavéis, a figura dos Pâmpanos), um diálogo, de amor que aqui Luís Miguel Cintra transformou num monólogo dialogado que ele próprio interpreta enquanto maneja dois bonecos como se fossem eles a dialogar. Trata-se de uma solução que enriquece cenicamente a leitura do texto mas que só é possível através da presença de um actor como Cintra.

Estes bonecos e outros elementos do espectáculo (como uma enorme cabeça de cavalo), o cenário de Cristina Reis, participa, forma o universo criativo em que o espectáculo se realiza. As sugestões circenses, o túmulo de Julieta, a zona reflectora e, em frente, a zona de metamorfose, ou quando o cenário do espectáculo joga com os elementos da própria sala — teatro no teatro —, o trabalho de Cristina Reis passa pela criação da principal zona de representação, situada entre duas bancadas onde o público se senta (em cadeiras!). É um trabalho — cenografia e figurinos — ao mesmo tempo de uma funcionalidade perfeita, de uma beleza e de uma intencionalidade (mesmo no cómico) que explica que ela seja a colaboradora de Cintra que é.

Mas o encenador contou com um outro grande trabalho: o da música e sons de Paulo Brandão que acompanham todo o espectáculo, também eles de uma qualidade admirável, perfeitamente no tom do espectáculo. Só os grandes artistas se sabem rodear dos grandes artistas. Nesta zona convém assinalar a colaboração de Paula Massano, no apoio coreográfico, e de Maria João Serrão no apoio vocálico, que ajudou, entre outros, Luísa Cruz numa canção tão bonita e tão bem cantada.

6.º Acto/Os actores

Os espectadores é fácil entendê-los. «jantam, vão ao teatro, com o seu convite ou compram os seus bilhetes (caros? nem por isso). É ainda um ritual, é também um divertimento que procuram. Sentam-se nos seus lugares, ás vezes ficam mal instalados, resmungam. Há uma arte do olhar sobre a qual era preciso falar porque a origem etimológica da palavra **teatro** é essa: olhar, o sitio onde se olha. Eles olham, observam, riem-se, ou não, às vezes emocionam-se, falam, mexem-se, bocejam, deixam de olhar,

Foto de Francisco Paraíso

«O Público», na Cornucópia (Luísa Cruz e Fernando Heitor)

GRITO

pensam noutra coisa, passam pelas brasas, regressam, ao espectáculo, olham o relógio, acabou, aplaudem, pouco, muito, nunca o suficiente, às vezes de mais: aplaudem, nunca pateiam.

É fácil perceber os espectadores. Mas os actores? Estão ali para (n)os divertir, para (n)os comover. Eles, homens, elas, mulheres, eles, actores, elas, actrizes, são cavalos, imperador, ditadores, cristos e judas, escravos, empregados de escritório, poetas, actores, assassinos e assassinados, reis e moribundos. Romeu e Julieta. Édipo e Mãe Coragem. Fingem amar-se uns aos outros, embora se odeiem; fingem odiar-se uns aos outros, embora se amem. O actor arde. O actor foge, o actor está até ao fim e para lá do fim.

O actor acende a boca.(...) O actor estala como sal queimado. O actor acende o livro.(...)O actor é tremendo.(...)O actor é um grande nome cheio de holofotes.(...)Ninguém ama tão corporalmente como o actor/Como o corpo do actor. (Herberto Hélder).

Por isso o teatro é uma forma de guerra, só que os actores não têm inimigos. Os seus inimigos são os seus amigos. Mas os espectadores (O Público) são demasiado preguiçosos para compreender isso, que é óbvio. No coração dos espectadores não mora a guerra nem a paz. Apenas existe a indiferença. Por isso os espectadores (O Público) não sabem representar. E vão-se embora como se nada se tivesse pasado.

A peça de Lorca é disso que fala. Estamos a falar de actores e de actrizes. São eles a peça, com o público. Mas esta é uma peça para actores, e isto agora já é outra conversa. Se calhar é mesmo desconversar. Porque «O Público» é uma peça para homens, repete-se, embora não seja uma peça machista. Há, é certo, personagens femininas, e, na economia poética do conflito, Julieta é uma personagem-chave. Além dela, há Helena — que representa talvez o mal — e há a Senhora Vestida de Preto, que é a Mãe à procura do Filho — o Amante de todos — morto na Revolução. Mas é dos homens e dos seus amores masculinos que principalmente se trata. Por isso convém escutar a voz de uma das intérpretes, Teresa Madruga: **Não gosto da peça. A minha leitura do espectáculo é um grupo de homens, fantasmas ou não de um director, que também é homem.** («DL«/17-5-89). É desses e doutros fantasmas que a peça fala. Também.

Mas os actores e as actrizes, os intérpretes, não têm apenas máscaras, têm também caras e corpos (veja-se o trabalho de relação de corpos e fatos, luvas, sapatos, etc.) Para conhecer aquelas, temos que conhecer estes. Na Cornucópia houve sempre a preocupação do trabalho cuidado com os actores. Neste espectáculo esse facto é mais do que evidente, até porque era indispensável. A peça é marcada por uma espécie de coralidade que implica, antes do mais, a existência de uma equipa da qual se vão individualizando alguns elementos.

Há uma personagem mais importante pela extensão do papel, pela influência na acção, pelo corte teatral que assume. É o Director: quase tudo passa por ele, seja ou não, ao mesmo tempo, o próprio Lorca, e no caso deste espectáculo, o próprio intérprete que é também o encenador (ao que suponho caso único na história breve do texto de Lorca, representado apenas três ou quatro vezes).

Luís Miguel Sintra é o Director. Não apenas a personagem lorquiana, mas a sua própria personagem: a de um actor-encenador-actor que encontrou um texto que ama, que o resolveu dentro da sua cabeça, que o resolveu com os outros, com o que traz dentro e fora de si, muitas outras personagens, muitas outras encenações, e com elas, as canseiras, os esforços excessivos, as preocupações, os desgostos (talvez), a vida que vai vivendo. Tudo isso, e a inteligência, o saber, a lucidez, a elegância, a capacidade de compor a personagem, de a exprimir, de a comunicar. Tudo isso está lá. Não apenas no Director, sobretudo nele, mas também no Enfermeiro, também no Pastor Tonto.

Outra personagem fundamental, Julieta. A Julieta que exige o Amor e recusa a Morte. Luísa Cruz é Julieta. A revelação para quem não a conhece (a sorte do crítico é conhecer toda a gente). E mesmo para quem a conhece, a comovente surpresa de um trabalho tão belo como a própria personagem, e mais não é preciso dizer. Mas antes de Julieta, a actriz faz um Director/Arlequim magnífico, pela composição do rosto, pela colocação da voz, pelo comportamento do corpo. Luísa Cruz — o novo teatro português.

Permita-se-me ainda salientar o trabalho de Adriano Luz por ser a primeira vez que trabalha com esta companhia, e por ser ele, também, o novo teatro português. Em Homem e Arlequim, também ele com aquela **poesia interior**, aquela **pureza** que as personagens requerem.

Há os outros: em vários papéis: Teresa Madruga, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Rogério Vieira, Manuel Cintra, António Fonseca, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Fernando Heitor (a precisar de cuidar da voz), todos eles com trabalhos que explicam a qualidade global deste espectáculo. Sem esquecer o jovem Pedro Pinto Nogueira, excelente no Acrobata, em Cristo.

O espectáculo termina (tudo acaba!). Como no princípio, ouve-se uma voz: **O Público**. O Director/Lorca/Cintra responde **Que entre**. O público entra, um público sem rosto. Até que tiram as máscaras. A luz negra transforma actores e espectadores na mesma comunidade: a do teatro.

O Grito
BRA-VÍ-SSI-MO!

Sentido da existência nas «Conferências de Maio»

VIVER A VIDA E BEBER UM CHÁ

Antonio Marujo

Foto de Francisco Paraíso

Era uma final antecipada de futebol: muito tempo antes da hora marcada para o início, já todo o espaço estava ocupado. E quando as «equipas» entraram em «campo», estalou uma grande salva de palmas. Era Agostinho da Silva «contra» Carlos Silva, na terceira das Conferências de Maio/89, do Centro de Reflexão Cristã. No final, pode dizer-se que houve empate. Jogou-se todo o tempo a meio-campo.

O tema proposto - «Procuras de sentido para a existência» - e os dois convidados da noite prometiam uma enchente da sala onde se realizaria o debate. Foi o que aconteceu, com os participantes a ocuparem lugares, muito antes da hora marcada para o início da sessão. Adivinhava-se, igualmente, um debate curioso, entre um professor universitário, profundo na análise mas com uma linguagem nem sempre compreensível - Carlos Silva - e um «pensador livre», admirado pelas verdades que diz de um modo simples, e criticado pelas banalidades de onde por vezes não sai - Agostinho da Silva.

Com todos estes ingredientes, Carlos Silva começou por perguntar: «Que viestes aqui fazer?». Para este professor universitário de filosofia, «a arte da escuta é algo que se aprende, mas não se pode esperar que alguém no-la ensine». O mesmo acontecerá com a procura de sentido para a existência.

Dois convites para o chá

Para ilustrar o que dizia, Carlos Silva contou a história de um professor de filosofia que foi ter com um sábio oriental, ávido de saber qual o sentido da vida. O mestre, antes de lhe falar, convidou-o para tomar chá e foi enchendo a taça, até que esta transbordou, transbordou... Finalmente, o professor disse ao mestre: «Pare, está cheia»...

Mas Agostinho da Silva também «convidou» os participantes para o chá, começando a sua intervenção por uma homenagem ao «grande mestre Leonardo Coimbra», diante de quem aquele pensador diz ter tido uma atitude de «chávena vazia», para se poder ir enchendo com os diversos chás que fossem aparecendo.

Diante da vida, disse Agostinho da Silva, «continuo esta teimosia de ser chávena vazia, porque tenho vivido sem nunca pensar qual é o sentido da vida e tenho existido sem nunca pensar qual o sentido da existência». Antes, acrescentou, «fiz um voto de obediência à vida e tenho sempre a cabeça vazia, para deixar entrar os pensamentos que andam por aí».

De «cabeça vazia» não quer certamente estar Carlos Silva, para quem a maior parte de nós vive na «ilusão» de adiar às coisas e perder o «único» de cada momento irrepetível.

Não tem sentido, portanto, procurar o sentido da existência. Deve viver-se cada momento, intensamente, porque «não há futuro», como dizia ainda Carlos Silva: «O ontem e o amanhã são construídos a partir da consciência que cada um tem deste momento, que é único».

Viver intensamente, portanto. Esse parecia ser o grande desafio proposto por Carlos Silva. Mas para se «viver a vida na sua plenitude, é preciso saber viver a própria morte». Citando S. João da Cruz, Carlos Silva dizia: «Nem mundo, nem consolos divinos». E acrescentava: «Eu apenas, reduzido à minha existência».

Mas como vivem as pessoas? Como vivemos nós, afinal? Mesmo que não se procure o sentido do nosso existir, há sempre interesses, critérios, valores, um quadro de referências que nos orienta.

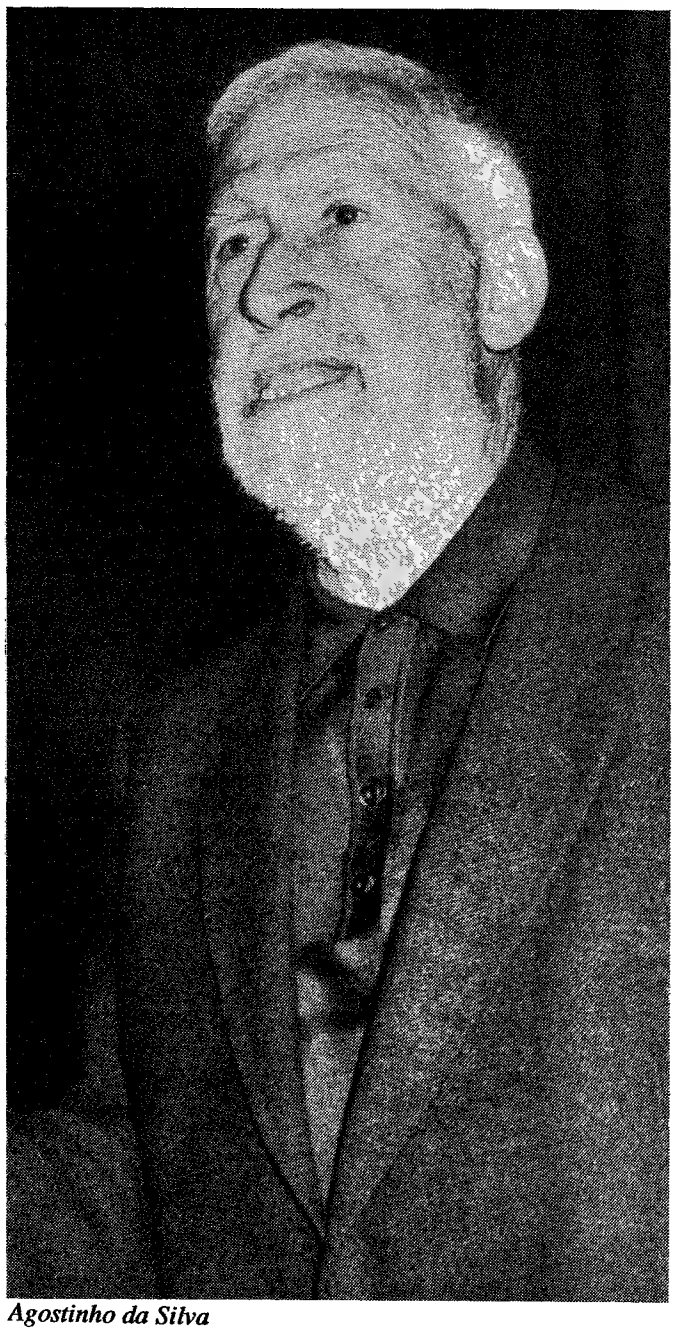
A este propósito, e falando de uma geração específica, António Matos Ferreira, investigador de História, que moderava o debate, afirmava: «A geração dos 35 anos confronta-se com o facto de ter transformado a vida num hábito - o hábito da carreira, o hábito da família, os hábitos sociais». E interrogava em seguida: «A subversão permanece ou não como horizonte que nos faz levar a vida até ao fim?...»

O que é preciso é «permanecer inquieto», diria Agostinho da Silva. Ou viver «contra-natura», na expressão de Carlos Silva, que contrapunha, numa manifestação de desacordo com o pensador: «Pode viver-se a vida seguindo o caminho que ela nos leva a viver, ou vivendo contra-natura».

A «missão» de Portugal

Contra-natura ou contra a corrente, viveram os portugueses. Numa outra altura, Agostinho da Silva trouxe para o debate o tema do Quinto Império. Para ele, Portugal está destinado a ser «guia» ou «farol» para iluminar os outros povos: «Foi o povo português, apaixonado por Deus, pela Pessoa do Espírito Santo, que achou que o seu ideal era realizar uma vida que fosse igualmente boa para todos os homens», diria.

Foi esta, possivelmente, uma das afirmações mais polémicas da noite. Um dos participantes perguntaria mesmo a Agostinho da Silva se não havia contradição desta afirmação com a defesa de que «cada pessoa tenha a sua doutrina».



Agostinho da Silva

Mas as respostas - que nunca eram directas - também chegavam: «Se eu fosse navio, de jeito nenhum queria ser rebocador», porque «há um outro dever que todos temos, que é o de ser contagioso para os outros, querer que cada um dos outros seja uma maravilha da criação», explicava ainda Agostinho da Silva.

E voltando ao tema da subversão, diria: «Subverter não é deitar abaixo, mas revolver a terra para trazer ao de cima o que ainda não viu a luz do sol».

O chá possível

Se houve desacordo implícito ou explícito nas intervenções dos dois oradores - e depois, de alguns intervenientes que «alinharam» ora por um, ora por outro, ora procurando os pontos de consenso - Agostinho da Silva serviria o «chá» possível para todos, afirmando a dado momento: «Talvez um dia descubramos que o sentido da existência é o de existir inteiramente, com liberdade, sem sentido das posses - são as posses que, muitas vezes, nos têm a nós, e não nós que temos as posses».

Já no final do debate, caberia ainda a Agostinho da Silva referir os três pontos que, na sua opinião, resumiam o debate da noite e tinham sido apresentados por Carlos Silva: «Pensar no futuro e no passado é ilusão. É bom viver a vida, tendo ao mesmo tempo o desejo de não estar morto. E num país de navegadores, a grande navegação que os portugueses fizeram, foi a do vento contra».

Esrava feita a síntese e, também contra o vento - ou contra a brisa da noite, para ser mais exacto - saiu a pequena multidão que enchia o salão do número 2A da Avenida Manuel da Maia. Na quarta-feira, a última das «Conferências de Maio» deste ano também promete: o ensaísta Óscar Lopes e o padre João Resina vão debater «Jesus Cristo, que salvação e que libertação?», encerrando este ciclo subordinado ao tema geral «O sentido da vida - interrogações». É às 21.30, para os interessados.

«Jazz na Cidade» começou ontem com Dave Holland

INTIMISMOS

Rui Eduardo Paes

Foto de Rui Pacheco

A música de Dave Holland é intimista mesmo quando escolhe os tempos rápidos. Exige que com ela tenhamos uma relação directa, sem mediações nem obstáculos. É uma música física, para estar à frente dela, com predisposição feita e um senso que se renda logo à partida a uma simplicidade tomada como valor, fórmula e objectivo. Não serve tão somente para bater o pé, embora lá esteja, intenso, o «beat», nem para chegar a estados de espírito «jazzy», ainda que se sinta o blues, a articulação sustenida, o balanço que passa pelas «notas do meio». Uma sala como a do S. Luiz foi assim a mais adequada para um concerto do homem e seus acompanhantes, Steve Coleman, saxofone alto, Kevin Eubanks, guitarra, e Marvin «Smitty» Smith, bateria e percussão. Foi o quarteto do contrabaixista inglês que abriu, ontem à noite, a segunda edição do Jazz na Cidade, iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, e fê-lo com a dedicação das circunstâncias nobres, como se convivesse, conversasse, fizesse amizade.

Conviveu, e o que podemos reputar de mais extraordinário na música de Dave Holland (sem que o termo seja minimamente excessivo) é a conciliação das duas partes que a constituem interiormente: uma forte organicidade, proporcionada pela vocação dialogante e congregadora do quarteto, e uma intensa individuação das vozes. Ou seja: o que resultava em conjunto, num jogo de paralelismos, reflexos e hierarquizações, permitia exactamente nos mesmos instantes que cada instrumento, cada linha discursiva se pudesse autonomizar e valer por si mesmo, não pelo que fundamentava.

Isto foi verdade inclusivamente para a secção rítmica, o que se explica: Holland leva o seu contrabaixo para zonas ambíguas, nunca faz ritmo exclusivo, dedilha as cordas melodicamente, assegura o equilíbrio harmónico do todo. «Smitty» Smith, pelo seu lado, nunca se contenta com o papel de «pulso», deambula, extrapola, faz honras aos seus principais influenciadores, aqui um pouco de Max Roach, ali de Elvin Jones.

É um contrabaixo mutante, o de Dave Holland, relega-se para segundíssimo plano quando os acompanhantes solam, e torna-se obcessivo, omnipresente mesmo, quando vai para a frente, até todos os sons que não os da madeira ressoada a seco do seu instrumento se calarem. Mas esta duplicidade performativa tem equivalentes noutras ordens de factores: o músico apresenta-se sempre como a sólida espinha dorsal dos seus combos, exigente, reivindicadora, condutora de tudo o que se passa em volta, e no entanto a versatilidade que é a sua característica mais essencial (explicada pelos diferentes contextos musicais que já percorreu, de Miles Davis a um trabalho a solo que teve pontos altos no jazz «erudito» dos álbuns «Emerald Tears» ou «Life Cycle», passando por Anthony Braxton e Sam Rivers) dão-lhe liberdade suficiente para se transportar de uma batida percussiva e carregada a ambiências muito mais conotadas e «desdobráveis», aproximando a sua música de um «jazz de câmara» que o distingue «inter pares». Foi assim no S. Luiz, elipticamente, com o movimento do pêndulo que vai e regressa.

Nesta sua vinda a Lisboa mostrou estar em forma e ter caminho para andar, e se aquilo que propõe já não surpreende e inova (Holland parece mesmo mais interessado em retomar o jazz da tradição, nomeadamente o bebop), tudo o que vem tocando nestes últimos anos procura ainda um alcance: não será a busca de uma pureza sonora ou estética, pois vive arredado dessas questões, ou sequer de mais aprimorados virtuosismos (o jazz contemporâneo é a arte do fazer imperfeito). Não, o que Dave Holland deseja é a confluência das soluções possíveis - visto que há algo sempre na reserva das possibilidades, das hipóteses - na linguagem que escolheu para o seu contrabaixo e as suas particulares concepções de escrita e improvisação musicais, uma e outra confundindo protagonismos e limites.

Neste aspecto note-se que nunca o inglês se apresentou como um experimentalista, nem mesmo quando fundou, com Chick Corea, o vanguardista projecto Circle: ele é o que sempre foi, um impressionista interessado em explorar as vias, concretas ou abstractas, da impressão musical, e umas e outras ele ilustrou na noite de ontem entre deambulações imediatistas, espontâneas, e estruturas muito claramente delineadas, saindo e entrando ou permanecendo dentro da sua armação mas elevando-se a céu aberto.

Nestes espaços Holland deu largas a dois personagens que no S. Luiz não deixaram de cumprir requisitos e obrigações de parceria. Steve Coleman, jovem saxofonista com prestígio ainda há pouco adquirido mas já considerado de excepção, comprovou os ditos da Imprensa crítica mundial e os testemunhos dados pelos registos discográficos: ele é um altista inteligente e sensível, sabendo ser lírico quando precisa e agreste, rouco, duro quando a música assim o exige. Bom tocador de saxofone, entre as melhores referências da actualidade, não se pense porém que ele é um desses «reinventores» do seu instrumento que o levam a novos pioneirismos ou grandes marginalidades: Coleman é, tecnicamente, um conformista, viaja pelas gamas adquiridas pela história do seu instrumento e isso não é um mal, é uma maneira de ser comum a muitos dos tocadores «neo-modernistas» do jazz e isso precisamente espera dele Dave Holland na presente conjuntura.

Surpresa, surpresa foi Kevin Eubanks. Da escola de Wes Montgomery, óbvio ouvinte do blues e do rock (um e outro género são constantemente invocados no que toca), verificámos ontem que o guitarrista tem propostas novas e diferentes a fazer. Pontilhístico, como seria de esperar dadas as suas influências, Eubanks é ao vivo um improvisador irreverente, com um ataque agressivo e franco que logo é desmentido por uma inesperada tendência para os efeitos climáticos. Acentuadamente polifónico e «simpático», percutindo as cordas apenas com os dedos (não há muitos que o façam, assinale-se), ele empresta cor e volume ao conjunto com uma inventividade de todo invulgar. Kevin Eubanks teve aliás uma boa parte de responsabilidades para que o concerto-estreia deste 2º Jazz na Cidade tivesse sido tão

entusiasticamente prometedor.

Ouviu-se grande música, um jazz de ilacções lineares e frontalidades nuas que só se pode ouvir «em casa», entre gente que se entende. A glória vai também para o velho Teatro Municipal S. Luiz: ali os enredados solos de Dave Holland, feitos preciosistas de saber e imaginação em que o tanger dos acordes se teceu com os silêncios, ganharam a dimensão mais grata que poderiam merecer.

CRÍTICA DE MUSICA

A ORQUESTRA DE PARIS NO COLISEU À CUNHA

Nuno Barreiros

A Orquestra de Paris apresentou-se na quarta-feira, no Coliseu, sob a direcção de um dos músicos mais celebrados da actualidade e seu regente titular há vários anos: Daniel Barenboim. Foi, sem dúvida, um dos acontecimentos marcantes da temporada. E podem invocar-se duas razões: a qualidade superlativa do organismo sinfónico visitante, evidentemente, e também a oportunidade que um público vasto e diversificado teve de assistir a um concerto com o nível alcançado.

Tivemos assim o penúltimo concerto da presente «Ciclo Grandes Orquestras Mundiais», tornado possível pela conjugação de três entidades: Fundação Gulbenkian, Nestlé Portugal e Companhia de Seguros Metrópole. Tal circunstância permitiu que o preço dos bilhetes não atingisse a exorbitância que infelizmente vai sendo praticada por aí em certas realizações musicais e que torna impeditivo o acesso de parte considerável de sectores interessados da população a umas tantas manifestações culturais de excepcional categoria.

Quanto à Orquestra de Paris, criada em 1967 por intervenção fundamental de André Malraux e Marcel Landowski, situa-se entre as mais destacadas do momento presente. Na sua direcção e orientação estiveram, antes de Barenboim, sucessivamente Charles Munch, Karajan e Georg Solti, maestros de envergadura e prestígio fora de série, mas de personalidades muito diferentes. É natural que isto tenha contribuído substancialmente para a maleabilidade, tanto de execução como de repertório, que recomenda a Orquestra de Paris, hoje em dia uma das principais a nível mundial.

De uma maneira geral, cada orquestra possui determinadas características muito acentuadas, uma específica identidade, o seu «ethos», nomeadamente em matéria de sonoridade. E, claro está, a de Paris teve agora amplo ensejo de evidenciar, neste capítulo, aspectos essenciais e exemplares. Poderá referir-se uma sonoridade mais esplendorosa e requintada do que propriamente pastosa, mas em que a transparência e uma certa fluidez (com a proverbial doçura das madeiras francesas) são elementos relevantes das execuções. Nestas não faltaram também um nervo rítmico e uma plasticidade de fraseio que, embora reflectindo grandemente, por certo, a personalidade do regente, não deixam de se tornar igualmente como predicados distintivos do conjunto.

Daniel Barenboim — que, conforme é sabido, começou por se impor como um grande pianista e intérprete, com larga actividade, e importantíssima, de colaborador de cantores e praticantes de música de câmara — é ainda uma das grandes batutas dos tempos que correm: no concerto sinfónico como no teatro. O eclectismo dos seus gostos e do seu repertório, onde cabem incursões significativas nas linguagens e correntes mais evoluídas, constitui aspecto de relevo, tal como a justeza e precisão dos seus gestos, combinando-se, porém, com uma aguda percepção do pormenor, sem prejuízo para as linhas mestras do discurso. Pressente-se uma forte vibratilidade no intérprete, que cultiva, aliás, uma expressividade fundamental, no sentido, digamos, tradicional do termo. No plano dos contrastes de intensidade ou de dinâmica foram particularmente impressivos determinados efeitos alcançados.

O programa primitivamente anunciado, todo ele dedicado a Debussy, foi alterado. Deste mestre francês mantiveram-se **Images,** preenchendo a 1.ª parte. Na 2.ª parte ouviu-se um dos mais desenvolvidos e sonorosos poemas sinfónicos dee Ricardo Strauss: **Uma Vida de Herói.**

Talvez que uma partitura como **Images** não seja a mais adequada às características do recinto do Coliseu. Deve notar-se que não é muito frequente ouvir em concerto **Images** na integralidade das suas três partes, evocando três países — a Irlanda **(Jigas),** Espanha **(Ibéria)** e França **Rondes de Printemps).** É uma obra já do último período do autor e que, embora acolhida com bastante reserva nas primeiras audições (até por admiradores de Debussy), nem por isso deixa de representar etapa extremamente relevante numa evolução sempre renovada. Mesmo hoje ainda não terá entrado na afeição do público com a força de, por exemplo, **La Mer.** De qualquer modo, é de uma admirável riqueza expressiva e de linguagem. A sua matéria musical aqpresenta um apreciável despojamento, inclusive na orquestração, a despeito da figura do colorido e de momentos de um brilho esplendoroso. A harmonia é muito evoluída, mormente no uso das dissonâncias ou na crueza de certos agregados. A concreção no doseamento dos timbres, a compleição formal (de grande subtileza na disseminação e correlação dos elementos motívicos) apontam mais dois aspectos inovadores da obra.

Compreende-se que uma tal subtileza estrutural e estílistica, que uma orquestra como a de Paris sabe explicitar à maravilha, nem sempre possa usufruir-se plenamente no recinto do Coliseu. Mas o público não se mostrou avaro de aplausos à versão ofertada.

Já a música mais dadivosa ou a traço grosso, mas fortemente contrastante e de uma sumptuosidade orquestral a toda a prova, de **Uma Vida de Herói,** de Ricardo Strauss, haveria de resultar mais a carácter ou perceptível, em genérico, nas condições acústicas do Coliseu. E, de facto, este poema sinfónico que alude hiperbolicamente à trajectória de um (qualquer) herói perante os seus inimigos, mas detendo-se ainda na pequena história do homem comum — e no qual o compositor não hesita fazer uma infinidade de citações das suas próprias obras — teve uma soberba realização com intervenções excelentes do violino solo e dos naipes de metais.

Em face das ovações e do entusiasmo de um público que enchia o recinto, o concerto foi prolongado, e admiravelmente, com essa página impressionante de lirismo e melancolia transfigurada que é o «Adagietto» da **5.ª Sinfonia** de Mahler.

Daniel Barenboim e a Orquestra de Paris viram-se envolvidos numa manifestação verdadeiramente apoteótica.

Os alfarrabistas na 59.ª Feira do Livro

MUITO MAIS DO QUE VELHARIAS

Maria João Martins

Os livros, tal como os vinhos de casta e certos objectos artísticos enobrecem à medida que o tempo passa e adquirem o fulgor da maturidade que escapa aos «best-sellers» do momento. Os alfarrabistas que proliferam nas artérias vetustas da capital são, por consequinte, capelinhas obrigatórias para os fiéis da cultura escrita, para os coleccionadores e para os universitários, na senda do invulgar que lhes proporcionará aquela nota.
Nesta 59.ª edição da Feira do Livro este ramo do comércio livreiro encontra-se representado por três «stands» apenas: a Livraria Hipólito Martinho com o número 123, o de Pedro Azevedo no 122 e Eduardo Teixeira Martinho no 121, numa situação que é, afinal, herdada dos anos transactos.

1 – A afluência do público

Nenhum deles se queixa de escassa afluência de público, embora, para todos sem excepção, o primeiro dia se tenha revestido de uma quietude indesejável, parecer que é, de resto, extensivo aos responsáveis das principais editoras representadas como é o caso de Eduardo Castro pelas Publicações Europa-América. Pedro Azevedo considera mesmo que para um pavilhão consagrado à comercialização do livro antigo o problema mais grave é a obtenção de exemplares de valor, pelo que se propõe avaliar gratuitamente os espécimes de quantos se deslocarem ao Parque Eduardo VII. Se, no entanto, o comércio de alfarrábios se mostra tão auspicioso quanto o das editoras normais, e é um facto que ontem qualquer destes pavilhões estava muito concorrido, como justificar a inclusão de brochuras de publicação bem recente no recheio destes estabelecimentos?

2 – Diversidade de temas e de preços

O optimismo dos três alfarrabistas mantém-se quanto à extensão do leque de interesses e de bolsas que podem satisfazer. Do livro curiosidade a pouco mais de cem escudos, do bilhete postal dos nossos avós à **Enciclopédia Britânica** comercializada por Hipólito Martinho e ao **Livro de Armas Portuguesas** vendido por Eduardo José Teixeira Martinho decorre toda uma vastidão de temas que versam sobretudo a literatura portuguesa, sem esquecer a História, as Artes Plásticas, a Filosofia, o Ballet, o Belo Canto, a Tauromarquia e ao que observámos também a olisipografia.

Interrogados acerca dos títulos que aconselhariam aos leitores do «DL», Vítor Martinho na direcção do «stand» da Livraria Hipólito Martinho, fica-se por uma referência elogiosa aos autores portugueses de que dispõe, enquanto Eduardo José Teixeira diz preferir os livros de arte. O terceiro alfarrabista representado nesta Feira do Livro, Pedro Azevedo, vai mais longe, ao exortar o público leitor a informar-se acerca dos factores que valorizam um livro e que para nós distinguem as preciosidades das velharias, de qualquer modo, todas elas resquícios de um tempo nem sempre totalmente pretérito porque prolongado em pequenos gestos como este de casar o pensamento com a palavra e gerar um texto.

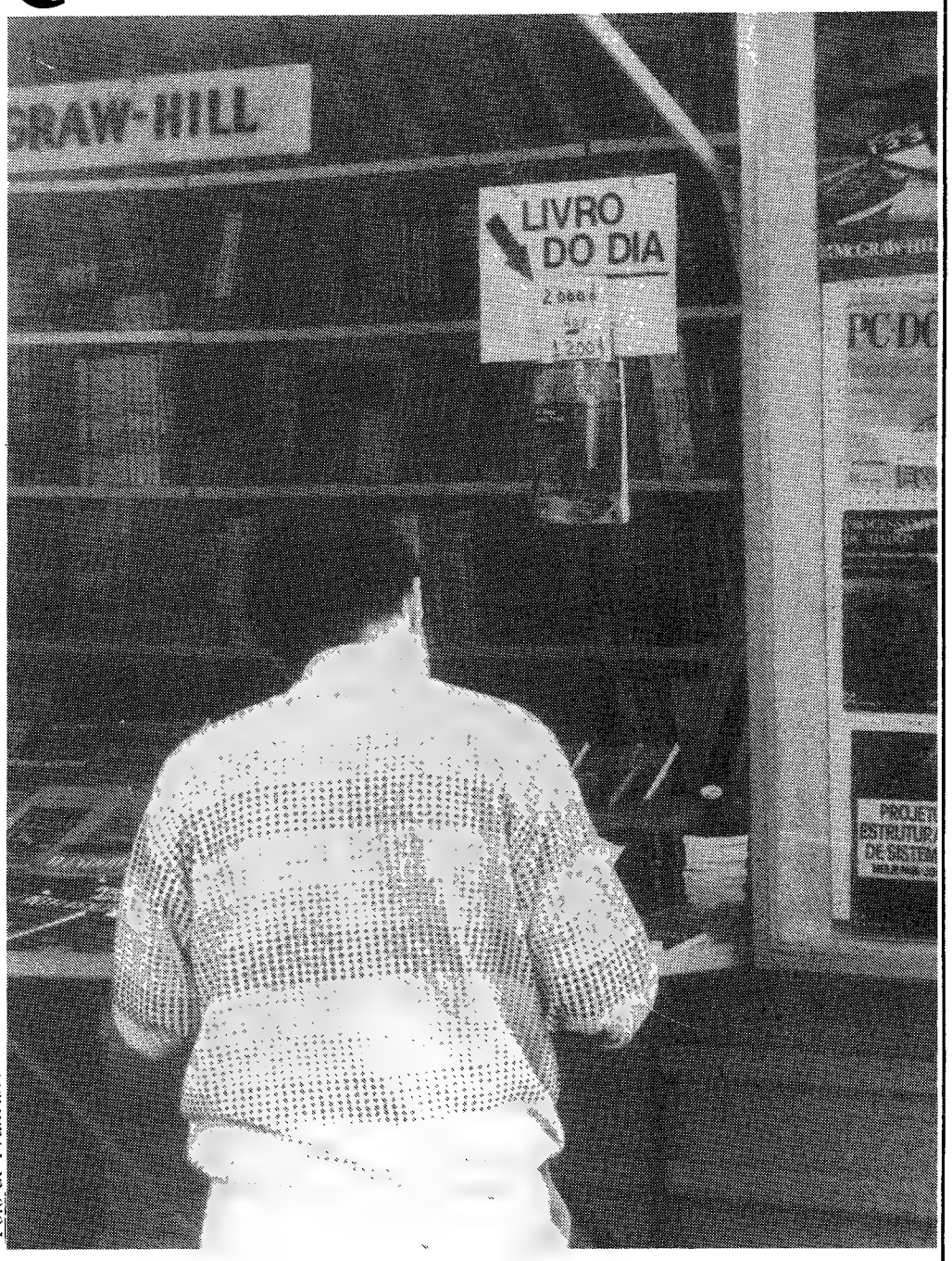
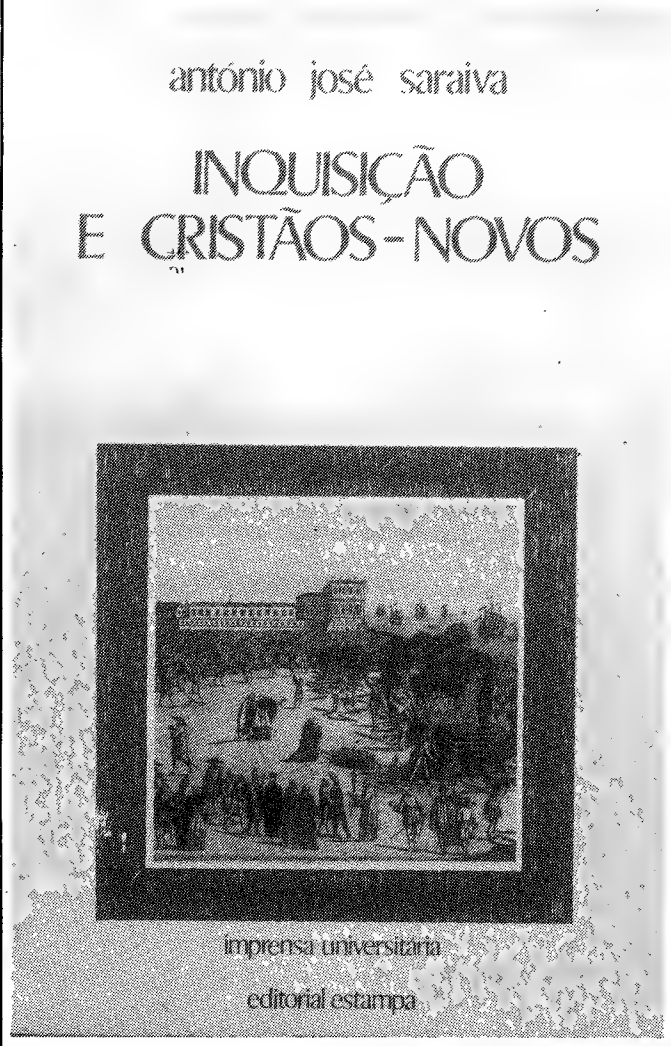


Foto de Francisco Paraíso

Hoje destacamos

Inquisição e cristãos-novos

Foi escrito por António José Saraiva faz agora vinte anos mas continua a ser, paralelamente à **Inquisição de Évora** do professor Borges Coelho, a obra mais interessante e mais completa sobre a inquisição portuguesa que nos é facultado consultar quando abordamos o tema. Na Biblioteca Nacional está inesperadamente na secção de Reservados pelo que se torna tanto mais justificada a sua compra neste dia em que a Editorial Estampa lhe consagra uma atenção de todo especial.



Sendo um homem das literaturas, António José Saraiva não se confina aqui aos aspectos institucionais que também aborda para se referior às diferentes origens socio-económicas dos réus, à mentalidade e ideologia destes e dos inquisidores, aos momentos que constituem um processo e o modo como eles culminam no espectáculo macabro e humilhate que é o auto-de-fé. Como se todas estes condimentos não bastassem, refira-se a inclusão de um anexo que fez parte da história do «DL»: os documentos que alimentaram polémica entre Saraiva e I.S. Révah suscitada por uma entrevista publicada neste jornal nos dias 6 e 13 de Maio de 1971.

Esta é, por conseguinte, uma compra que aconselhamos vivamente não só aos estudiosos da História até porque os dois séculos de estreita vigilância mental exercida pela Inquisição explicam muito do que foi a nossa História recente.
M.J.M.

Livros do Dia

Hoje são os seguintes os Livros do Dia:
– **Chave da Pintura de Amadeu** – Guimarães Editores.
– **Amor e Ódio** – Livraria Bertrand.
– **Arte de Construir Modelos Reduzidos** – Livraria Bertrand.
– **Dois Caminhos** – Editorial Minerva.
– **Desporto em Banda Desenhada** – Edições Asa.
– **Inquisição e Cristãos-Novos** – Editorial Estampa.
– **O Coração das Trevas** – Editorial Estampa.
– **Alimentação e o Insucesso Escolar** – Edições Itau.
– **Henda Xala** – Ulmeiro.
– **Uma Luz nas Trevas** – Multinova.
– **Poemas de Fernando Pessoa** – Editorial Comunicação.
– **Andarilho das Sete Partidas** – Sociedade Portuguesa de Autores.
– **Acções: O Jogo do Investimento** – Texto Editora.
– **Tesouro Disney – Edição Especial** – Difusão Cultural.
– **Babilónia** – Distri Cultural.
– **A Descoberta da Personalidade** – Ática.
– **A Novela Policial-Dedutiva em Fernando Pessoa** – Livraria Hipólito Martinho.

Setenta cineastas (Oliveira entre eles) apelam aos deputados europeus

Setenta e dois realizadores de cinema presentes em Cannes, entre os quais Manoel de Oliveira, acompanhando o movimento "Um comboio chamado Cultura - Estrasburgo, 22 de Maio", lançaram um apelo a todos os deputados do Parlamento Europeu, no qual lhes recordam que «a Europa não pode ser construída sem as identidades culturais e as especificidades nacionais, no respeito pelas línguas e raízes dos povos. Por consequência apoiam e recomendam a instituição das quotas de 60 por cento das obras europeias e a garantia da integridade das obras difundidas».

Neste apelo defende-se ainda, nos programas escolares, «o ensino do cinema de modo a transmitir a memória integral dum património que deve contribuir para a formação dos novos cidadãos da Europa».

O documento subscrito em Cannes, além da assinatura de Manoel de Oliveira, é apoiado por alguns dos maiores realizadores da actualidade, entre os quais Juan António Bardem , Peter Fleischmann, Larissa Tarkovski, Ettore Scolla, Carlos Diegues, Carlos Saura, Bernardo Bertolucci, Angelopoulos, Yves Bisset, Hugo Cassirer, Richard Fleicher, Joris Ivens, Serge Leroy, Elem Klimov, Gillo Pontecorve, Fernando Solanas, Istvan Szabo, Bo Widberg, Wim Wenders, Zanussi, Weizs, entre outros, que no seu conjunto representam os maiores realizadores da actualidade. Pensa-se, de resto, que todos os realizadores sem excepção subscreveriam o documento, se estivessem em Cannes.

Leiloadas madeixas de Mozart e Beethoven

Madeixas de cabelo de Mozart e de Beethoven atingiram um recorde de 11 mil libras esterlinas (2.915 contos), num leilão realizado em Londres.

Um antiquário comprou uma madeixa de cabelo castanho de Mozart e outra de cabelo cinzento de Beethoven, guardadas num só estojo:

«O Homem do País Azul», de Manuel Alegre

ΑΛΛΟ ΑΓΟΡΕΥΕΙΝ

Pedro Alvim

Que se não veja no título desta nota de leitura a mínima sombra de petulância da parte de quem se deu às páginas de «O Homem do País Azul», de Manuel Alegre, editado por Publicações Dom Quixote. *Allo agoreuein* significa em grego clássico falar de outro modo, falar de maneira diferente. Desses dois termos helénicos, deriva, por aglutinação, a palavra *alegoria*. E ora acontece que Alegre nos proporciona, com este seu recentíssimo livro, não só um novo modo de contar as coisas, como também alcança situar o que nos conta naquela intemporalidade que, de certa feição, a alegoria permite. Feitas estas considerações (assim muito de leve), digamos desde já que um novo contista se apresenta na praça poligonal das nossas letras...

Um contista que, muito embora se entregue a outra linguagem, de maneira nenhuma deixa o leitor no mero abstracto de palavras simplesmente aglomeradas. Um exemplo, notável de economia, que a memória capta como se fora uma equação matemática, é o conto intitulado "Artur e os múltiplos de três". E porquê...? Porque, havendo sempre uma medida no mundo, e tendo cada um de nós a nossa própria medida, um homem nos surge que, por assim dizer, se rege pelo número três. Não é uma obsessão em Artur: é, sim, o seu modo de se ir pela vida fora, do amor até à morte. Uma espécie, enfim, de salva-conduto que lhe permite ir transpondo as muitas portas da vida. Até à última, que acontece em África, Angola, em plena guerra colonial. Escreve Manuel Alegre: «Quando a rajada o cortou pela cintura, já ele fora atingido pela conjugação adversa das forças malignas que tinham desintegrado o seu sistema. Teve ainda tempo de contar as feridas: eram três. Então sorriu e, enquanto com o indicador direito tocava três vezes três no rebordo superior direito da ferida aberta no flanco direito, murmurou uma última vez para si mesmo: um dois três, quatro cinco seis, sete oito nove.» Atente o leitor no ritmo da escrita, na sua musicalidade, na sua medida - e, sobretudo, no simbolismo resgatado que é o acto de deitar contas à vida até ao instante em que, por derradeiro, os números em separado deixam de ter razão para existir. Quanto a nós, esta breve estória de Artur à volta com o número três e os múltiplos de três, dá-nos tudo quanto na vida existe e se pode contar de um a mil... De um a mil até que o Uno se impõe em toda a sua plenitude e silêncio. Um conto, sem dúvida, exemplar - e subtilmente alegórico, sem forçar a nota, isto é, sem cair no ecletismo que, não raro, o alegorismo impõe. Sendo os números os signos invisíveis que sustentam a vida toda (da nossa respiração à música, dos átomos aos corpos, do simples ao composto), Manuel Alegre alia poesia e matemática, não-lógica e lógica, sentimento e ciências exactas - e, deste modo, nos dá uma vertente absolutamente necessária à literatura do nosso tempo, por muitas e diversas razões.

Essa vertente, nova (ou quase) no nosso campo das letras, vamo-la encontrar no conto "O outro lado", que nos dá a figura de um resistente à ditadura salazarista - resistente que, nas mãos dos torcionários, sempre se portara bem, mostrando-se imune aos insultos, à tortura, à prisão. Mas quando em liberdade, e actuando como clandestino, eis lhe sucede algo de singular. Ao longo da ponte, entre Lisboa e a Outra Banda, foi o resistente encarregado de colocar uma série de faixas com dizeres visando a situação política então vigente. Deu-se à operação, mas...

Que se leia Alegre: «Tudo corria sobre rodas, quando subitamente aquilo aconteceu. Foi já à entrada da ponte que sentiu um terror até então ignorado. E se a outra margem fosse apenas ilusão? Era um pavor indefinido, que talvez tivesse a sua origem em outros medos mais relacionados com o estudo da geometria. Recordou-se da estranha sensação que lhe tinha provocado a descoberta de que uma recta podia transformar-se num triângulo e vice-versa. Talvez fosse isso. E se de repente a ponte se fechasse num triângulo? Ou talvez não. Talvez fosse simplesmente o medo do outro lado. A ponte dava-lhe um significado por assim dizer metafísico. Deixava de ser a Margem Sul, perdia os nomes e os contornos do concreto e passava a ser o Outro Lado, não mais Almada, Barreiro ou Cacilhas, mas um Outro Lado com maiúscula, abstracto e branco, e, portanto, aterrador.» O medo, pois - e únicamente quando de novo preso é que o resistente, liberto do medo,

se pôs a chorar e a rir. «É que dentro dele havia um triângulo a transformar-se em recta e um Outro Lado que ganhava contornos cada vez mais nítidos.

Então o homem sentiu que tinha acabado de atravessar a ponte...» Se mais uma vez temos aqui um elemento euclidiano (uma recta a fechar-se num triângulo, símbolo soberbo do medo humano, e um triângulo a desdobrar-se em recta, símbolo soberbo da coragem humana), igualmente deparamos com um processo psicológico, escasso de palavras (como manda, aliás, a arte do conto), que nos dá o outro lado na sua plena realidade - a Outra Banda. Aliados, nesta estória, ciências exactas e psicologia, o que, sem mutilar a figura humana, nos oferece, sem esforço aparente, outra maneira de dizer as coisas, sem que a alegoria sufoque o que nos é contado.

Outras potencialidades deste livro ressaltam ainda de escritos como, por exemplo, "A pedra", "O aviso", "Nevermore" - e isso porque se conclui do primeiro que «somos sempre quem já não somos»; do segundo, sem qualquer pieguice, que a morte se nos anuncia através de um súbito esclarecimento (e pena foi que o escritor se não ficasse por «Não sei explicar-te, enfim, tu sabes como é...»); e do terceiro que tudo anda ligado para tal contribuindo inclusive a rima das palavras, quer sejam estrangeiras, quer sejam portuguesas («Então pensei nos sinos que diziam nevermore, no poema de António Nobre, em Baltimore...»). Bem conseguidos contos são também os intitulados "O homem do país azul", "A senhora do retrato", "A grande subversão", "A última noite" e "Pessoa e Nenhum" - e mais não há. Dez são as estórias, todas com base na nossa maneira de ser, contando coisas que todos nós vivemos - mas lançando-nos, através de uma nova feição de dizer, de um outro modo diferente de falar, em páginas ao longo das quais as rectas se transformam em triângulos, os triângulos se desdobram em rectas, e os múltiplos dos números mais íntimos nos ampliam e diminuem até mais e menos sermos: um dois três, quatro cinco seis, sete oito nove. Raiz quadrada: três. Raiz válida em que nos erguemos, e nos vamos às origens simplesmente dizendo: «Sou de um país azul.»

CRÍTICA DE TEATRO

A CERTEZA DE UM ACTOR

Carlos Porto

A HIPÓTESE, **de Robert Pinget.** Tradução: **Diogo Dória, revista por Manuel João Gomes,** Encenação: **Diogo Dória. Assistente de Encenação: Fernando Crespo.** Cenografia; **Marta Wengorovius/Elsa Bruxelas.** Luzes: **Luís Lopes.** Produção: **Sociedade Criativa.** Interpretação: **Diogo Dória. Escadinhas da Escola Superior das Belas Artes/ 10.05.89.**

Estou sentado numas escadas bastante inclinadas: o espaço cénico é lá ao fundo, como se fosse no fundo de um poço (evoca a peça de Jaime Salazar Sampaio com esse título ou parecido). O actor está lá, sentado a uma mesa, com papéis à sua frente, um copo e uma garrafa com água. Ao lado uma estante velha com livros velhos que num acesso de fúria o actor vai lançar ao chão.

O actor lê, finge que lê, diz o texto, interpreta-o. O texto como quer o título, fala de uma hipótese: a de que o manuscrito esteja no fundo do poço. O manuscrito, mas existe? Dúvida absurda porque estamos a vê-lo, ou existe apenas um actor que se inventa, inventando um texto, e se inventa em triplicado, como vemos na imagem projectada na parede, imagem que evoca Fernando Pessoa, como aqui lembrou Rodrigues da Silva, só que sem a imaginação heteronimica do Poeta.

O monólogo anda à volta disso: é o discurso de um homem que se afunda na loucura, embora não esteja louco, cercado por toda a solidão do mundo, embora procure inventar na escrita (e na fala) o lugar da realidade possível.

Texto beckettiano, é possível, texto por vezes apaixonante, que pessoalmente não me apaixona, a sua realidade teatral depende única e exclusivamente do intérprete.

O intérprete é Diogo Dória que se dirigiu a ele mesmo, com o apoio de Fernando Crespo, um trabalho impecável, uma criação de actor que compensa largamente os sessenta minutos e a atenção que o espectáculo exige de nós.

Com a sua bela voz, mas também com as suas pausas, com o seu corpo expressivo, com os seus gestos e movimentos certos como os de uma máquina criativa, com o seu olhar magoado e as suas mãos longas, Diogo Dória foi na noite em que o vimos, o intérprete ideal, como se não pudesse haver outro. Todos os grandes trabalhos: de interpretação são mesmo assim: insubstituíveis.

Escondido nas escadinhas da Escola Superior de Belas-Artes, é bem possível que este estupendo trabalho de actor passe ignorado. Seria uma pena. Porque se trata de um trabalho de entendimento do texto e da sua expressão e comunicação de rara qualidade.

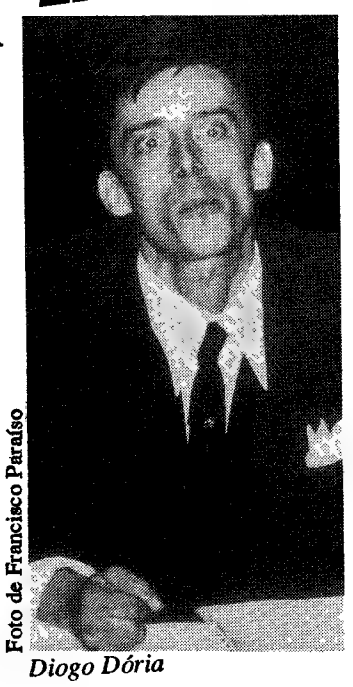


Foto de Francisco Paraíso

Diogo Dória

Margarida Gil: após «Flores Amargas» (na RTP), a estreia (comercial) de «Relação Fiel e Verdadeira»

TUDO MENOS A TACANHEZ

Rodrigues da Silva

Se a estreia comercial de um novo filme português é sempre um acontecimento, a estreia de «Relação Fiel e Verdadeira» (em breve, no S. Jorge) é um acontecimento muito especial. O filme é um dos mais ousados e conseguidos do novíssimo cinema português e «regressa a casa» depois de ter feito (com êxito) a «tournée» dos festivais europeus e de ter sido exibido nos Estados Unidos. Em Portugal antestreou, na Cinemateca, e passou, depois, nos festivais da Figueira da Foz e dos Filmes Realizados Por Mulheres. Não só. Passou também na Covilhã, cidade onde, há 38 anos, nasceu Margarida Gil, realizadora de «Relação Fiel e Verdadeira». O seu filme inspira-se na autobiografia de Antónia Margarida de Castelo Branco, portuguesa que no século XVII se recolheria a um convento após uma paixão funesta. «Relação Fiel e Verdadeira», que transpõe esta história para a realidade portuguesa pós-25 de Abril, é o primeiro filme de Margarida Gil, autora também de «Flores Amargas», recentemente exibido na RTP-1, na série «Fados». Na entrevista que a seguir se publica, Margarida Gil fala destes dois filmes e de outros dois que tem em projecto. E fala também da sua família (é irmã do bonecreiro José Alberto Gil e de João Gil, dos Trovante) e das suas origens judias, essa gente – como ela dirá – que aprende na infância a aceitar tudo menos a tacanhez.

Antónia Catarina Alves Costa em «Relação Fiel e Verdadeira»

– Qual é para ti o tema de «Relação Fiel e Verdadeira»?

– No momento em que se fala muito da violência exercida sobre a mulher, o que me levou a fazer o filme foi saber o que leva a transformar uma relação da paixão numa relação de poder. O tema do filme é este. O «trailler» é muito bonito e dá-o a perceber.

– Como?

– É um minuto e tal, imagems, claro, e um texto assim, dito pela Inês Medeiros: «Eu, tu, ela, elas, nós, ele, eles, nós, Portugal, a paixão, a compaixão, a violência, o prazer, a dor, o prazer da dor, «Relação Fiel e Verdadeira», «estou em tua casa, fico nas tuas mãos, faz de mim o que quiseres» .

– Qual pensas que vai ser o acolhimento do público?

– O acolhimento do público dos festivais foi espantoso, superinteressado e de um modo geral fizeram do anacronismo histórico uma leitura correcta. Em Veneza o debate foi exaustivo e em Paris e em Bruxelas também correu muito bem.

– Bom, mas esse é o público dos festivais. E o outro, como será a sua reacção?

– O público que vai ao cinema para rir de tudo o que estranha, que reage mal, por princípio, a tudo o que é falado em português... esse público só queria que não tivesse opinião o tipo é chato, é à Oliveira, antes de ver o filme. Até porque eu troco um bocado as voltas à primeira proposição. Nem ele é tão mau como isso, nem ela é tão boazinha como parece.

– Como é que apresentarias o teu filme a esse público?

– Diria que é muito português: há ali uma estranha altivez, uma sensualidade barroca, um autocomprazimento na dor que são coisas ligadas à terra, porque aquele não é um universo muito urbano e o filme, acima de tudo, não procura imitar nada. Diria ainda a esse público que para o meu filme é preciso disponibilidade.

* * *

– E quanto a «Flores Amargas», que dizes ao público que já viu?

– As pessoas podem pensar que era um documentário filmado no Jamor, mas eu devo dizer que é uma visão reconstituída. O objectivo era contar o que se passa em Timor e dizer daquela gente que vive a nosso lado e ainda da minha grande admiração por ela. Com «Flores Amargas» eu quis revelar a grande elegância interior dos timorenses, qualquer coisa que eu até agora só tinha encontrado nos transmontanos, na gente da montanha.

– Como classificas o teu olhar sobre estes timorenses?

– O facto de me ter baseado em acontecimentos reais levou a que não houvesse nada de supérfluo. As listas dos mortos são reais, correspondem a uma realidade, e o pacto de saangue corresponde a outra realidade: à do pacto de sangue selado entre Rui Cinaty e um chefe guerreiro. É um olhar sobre uma cultura com a distância que isso implica. Houve um trabalho prévio de pesquisa, depois elaborado de molde a criar um espaço dramático para que aquela veracidade tivesse vida. Eu não queria fazer um documentário sobre os timorenses, queria chamar a atenção para eles e para o genocídio que em Timor Leste ocorre todos os dias.

– De que modo é que «Flores Amargas» se insere no tema «Fados»?

– Foi uma encoemnda e o que me disseram é que havia um tema genérico e depois que se deveriam procurar resquícios de Portugal no seu antigo Império. E eu, a partir daí, achei que a realidade mais em carne viva era Timor.

– Quais foram as reacções ao filme depois de exibido na RTP?

– Permitiram-me perceber que o desleixo em Portugal é ainda maior do que eu pensava. Ainda supus que o filme levasse as pessoas a falarem de Timor, mas nem isso.

– Que ligação estabeleces entre «Relação Fiel e Verdadeira» e «Flores Amargas»?

– Um certo olhar. No resto é difícil encontrar uma relação. O primeiro filme é uma coisa mais pessoal, é um trabalho bastante racional sobre a paixão. No segundo filme o olhar é mais caloroso, mais terno, o que talvez tenha afastado muitas pessoas... e entusiasmado outras. Porque a verdade é que houve pessoas que choraram depois de verem o filme. Talvez que a relação dos portugueses com Timor se tenha intrometido entre o espectador e o filme. De resto, é um filme que não se deve ver desatento. Entre «Relação Fiel e Verdadeira» e «Flores Amargas» há ainda algumas afinidades: na cor, em algumas coisas que fazem as mulheres.

– «Flores Amargas» não é um documentário, mas há coisas documentais...

– Eu procurei que a matéria-prima fosse toda verdadeira e tratei-a com o máximo rigor. Isso pode dar a sensação de que tudo estava ali, foi só chegar e pôr a câmara. Mas não foi isso que sucedeu. Nem a árvore lá estava. Tratava-se de uma realidade totalmente reconstituída. Mas a ficção é isto mesmo. Os timorenses que entraram no filme, quando o viram disseram: «isto somos nós». E eu acho que é verdade. Eles são uma gente muito gregária que vive humildemente, mas com uma grande elegância, gente prazenteira mas discreta. São princípes.

***

– Qual vai ser o próximo filme?

– «Daisy», segundo a peça de José Sasportes. É ainda uma coisa para a Televisão.

– Qual a duração?

– Uma hora. É uma média metragem, feita em vídeo, tudo em estúdio com muitos efeitos especiais. «Daisy» para mim é uma «Alice» que está sempre à procura do Fernando Pessoa e só lhe aparecem heterónimos. É uma inglesa, uma pragmática e a história é a história de uma exasperação.

– «Daisy» é um filme (ou um vídeo) para a Televisão. E filme mesmo, há algum em projecto?

– Há. A história de uma miúda de 17 anos que sai de uma cidade de província ao mesmo tempo que chega lá uma professora. Uma chega, a outra parte. Isto passa-se na Páscoa, no tempo das cerejeiras, da Paixão e das festas dos finalistas do liceu. A miúda é finalista e vai partir, a professora chega desterrada à província.

– E isso passa-se onde?

– Numa aldeia ao pé da Covilhã, em Rosa Negra. Aliás, o filme vai mesmo chamar-se «Rosa Negra» ou «O Príncipe Encantado».

– Porquê na Covilhã?

– Porque é a minha terra... mas a história da «Rosa Negra» não é autobiográfica, muito embora eu também tenha saído da Covilhã com 17 anos.

– Directamente para Lisboa?

– Sim. Vim para a Faculdade e fiz Germânicas e quando vim – eu e os meus irmãos – veio a família toda atrás. Somos cinco irmãos: eu, uma irmã que é médica, outra que está no IPLL, o José Alberto Gil...

– O José Alberto Gil do Museu das Marionetas?

– Sim. E falta o João Gil, dos Trovante, que também é meu irmão.

– É uma família de artistas.

– Talvez haja mesmo uma tradição. Acho que eu e os meus irmãos herdámos alguma coisa dos nossos antepassados que eram entalhadores, artistas que travalhavam a talha dourada.

– E em Lisboa, que fizeste do teu curso de Germânicas?

– Dei aulas meio ano, depois fiz rádio outro meio ano e às tantas conheci o João. (João César Monteiro).

– Onde?

– Na Cinemateca, no ciclo do Murnau. Achei-lhe imensa graça, disse para comigo que ele devia ter o maior nariz de Lisboa, a seguir ele fez-me rir... e fiquei ligada a ele. Foi através de uma paixão pelo cinema que conheci o João, não fui catrapiscada no café.

– E como é que entraste na Televisão?

– Através da Fátima Bonifácio. E foi através da Televisão que fiz o primeiro filme, que ganhou logo um prémio. Foi uma coisa assinada pelo departamento de que eu fazia parte, com a Fátima, o Fernando Belo e o Vicente Jorge Silva. Era o que hoje se poderia chamar de grande reportagem. Foi aí que comecei a mexer na câmara. Depois, fiz parte do Grupo Zero com o Seixas Santos e o Silva Melo. Mais tarde, fiz uma coisa muito gira, «Olho de Vidro» com o António Sena, sobre fotografia. Fiz os «Moinhos da Maré» e ainda a «Arca de Noé. Manual de Zoologia Fantástica», uma abstracção divertidíssima.

– E a iniciação no cinema como é que foi?

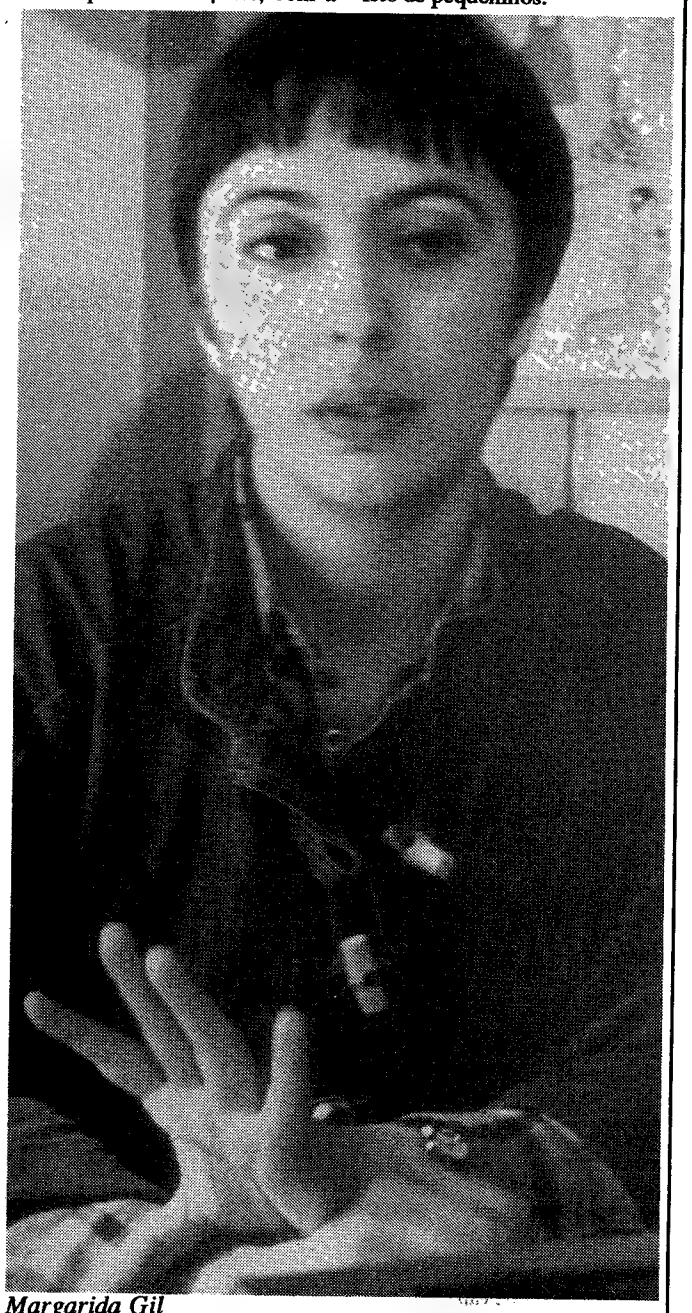
– O cinema foi com o João. Fui assistente de «Veredas» e do «Que Farei Com Esta Espada?» Neste último fiz tudo, até fiz de Madame Buterfly.

– Ouvi dizer que estavas a dar aulas outra vez.

– Estou a dar Televisão (produção e realização) na Universidade Nova. É uma cadeira de opção do último ano de Comunicação Social.

– Ouve lá, só para terminar e já que falaste da família, donde é que te vem esse ar altivo?

– Sou judia. Há muitos judeus na Covilhã, em Belmonte, por ali. É tudo gente que impõe uma certa diferença em relação aos outros, gente que aceita tudo menos a tacanhez. Recebemos isto de pequeninos.



Margarida Gil

DL CINEMAS

Alfas Triplex
– T. 806496

Alfa 1
ELES VIVEM!...
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2
GENTE GIRA 4
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Alfa 3
AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4
LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club
ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1
ELES VIVEM!...
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2
GENTE GIRA 4
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3
MADRUGADA EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4
AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45, 24.00h

Amoreiras 5
GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6
ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7
GÉMEOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8
OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9
INTRIGA AO AMANHECER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

Amoreiras 10
LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

A FESTA DE BABETTE em exibição no Quarteto Sala 3
maiores de 12 anos, qualidade Pub.

Apolo 70
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Avila
– T. 539930
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Berna
– T. 776060
ELES VIVEM!
(maiores de 12 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

Capitólio
– T. 372358
AS SETE SEDUÇÕES Estreia
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso
SONHOS ERÓTICOS DE UMA VIRGEM
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00,

Cine Camoes
– T. 324194
O LEOPARDO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Cine 222
– T. 533253
FORÇA DE VIVER Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
24.00h

Cinemateca Portuguesa
CHARLES CHAPLIN — ESSANAT
21.30h

Cine Portela
– T. 9434773

Estúdio Anusha
A ÚLTIMA SAÍDA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30h

Estúdio Sheza
O EXTERMINADOR DA NOITE IV
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15h

City Cine
– T. 549999
ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes
– T. 322523
A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30h

Eden
– T. 320768
O TRIÂNGULO DE FERRO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estudio
– T. 555134
OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.00h

Estudio ACS
– T. 887255
COCKTAIL
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Fonte Nova
– T. 7145109

Sala 1
A MOSCA 2
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2
ATRAIÇOADOS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Sala 3
AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Forum Picoas
– T. 541037
POLÍCIA
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00h

Gemini
– T. 734009
GORILAS NA BRUMA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30h

Hollywood
– T. 802859

Sala 1
O FUGITIVO DA SELVA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

Sala 2
A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Imperio
– T. 555134
O TRIÂNGULO DE FERRO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

Sala 1
UM GRITO DE CORAGEM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2
FORÇA DE VIVER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3
OS 3 FUGITIVOS
(maiores 12 anos)
14.30, 17.45 e 21.45h

Las Vegas
– T. 631162

Sala 1
A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Sala 2
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Londes
– T. 801313
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial
– T. 538743

Sala 1
AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2
MEU DEMÓNIO, MEU AMOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3
OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas
– T. 574362
A MINHA MADRASTA É UMA EXTRATERRESTRE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon
– T. 326283
A NOITE DOS TUBARÕES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia
– T. 325309
GARGANTA FUNDA 12 ANOS DEPOIS
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Politeama
– T. 326305
O SINAL DE DJANGO
(maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Quarteto
– T. 771378

Sala 1
O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
TERRA PROMETIDA
(maiores 12 anos)
23.45h

Sala 2
A COMISSÁRIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
BOM DIA BABILÓNIA
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 3
A FESTA DE BABETTE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
MANON DAS NASCENTES
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 4
HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
(maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
O NOME DA ROSA
(maiores 12 anos)
23.30h

S. Jorge
– T. 579144

Sala 1
Encerrado

Sala 2
Encerrado

Sala 3
Encerrado

7.ª Arte
– T. 730715
OS 3 FUGITIVOS — ESTREIA
(maiores 12 anos)
— Estreia
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Star
– T. 804210
MEU DEMÓNIO, MEU AMOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal
— T. 371573
DUPLA DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.0, 19.00, 21.30 e 23.45h

Tivoli
— T. 570595
OS 3 FUGITIVOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Turim
– T. 706666
UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon
– T. 368480
A RAPOSA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — «Os Três Fugitivos», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45h (maiores 12 anos)

Lido – «A História de Verne Miller», às 21.00h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro Chaby — Aonde é que pára a polícia às 21.30h

CACÉM – Cinestúdio Flores – «Força Destruidora», às 15.00 e 21.30h (maiores 16 anos)

MEM MARTINS – Estúdio Dois Eme – Encerrado para descanso do pessoal

Linha de Cascais

ALGÉS — Cinema 2000 — «Gente Gira 4», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

OEIRAS – Alto da Barra – Sala 1 – «Encontro de Irmãos», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 – «A Estudante» (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS – Cine Palmeiras – Sala 1 – «Aonde e Que Pára a Polícia?!...», às 15.15 e 21.15h (maiores 12 anos)

Sala 2 – «Intriga ao Amanhecer», às 15.30 e 21.45h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine – «Um Grito de Coragem», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ESTORIL – Casino Estoril – Não há espectáculo

CASCAIS – Miramar – Sala 1 – «A Minha Madrasta É Uma Extraterrestre», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 – «Café Bagdad», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

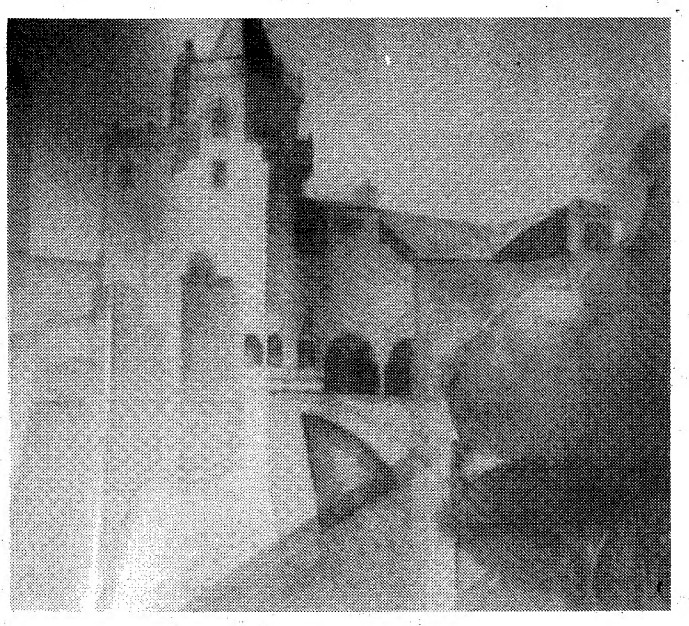
Outra Banda

ALMADA — Academia — «Minha madrasta é uma extraterrestre», às 15.30, 21.30 (maiores 12 anos)

ALMADA – Incrível Almadense – «O Caçador», às 15.30 e 21.30h (maiores 18 anos)

ALMADA – Academia – «O Grande Combate», às 15.30, 21.30 (maiores 16 anos)

PAULO VILAS BOAS: 20 ANOS DE PINTURA



Inaugurada na passada sexta-feira, encontra-se patente até ao final do mês, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma exposição de Pintura comemorativa dos 20 anos de actividade artística de Paulo Vilas Boas.

Natural de Alvelos, Barcelos, este autor fixou residência no Porto, em 1957, tendo desenvolvido no Norte a parte mais significativa da sua carreira.

Numerosas visitas de estudo aos grandes centros de Arte da Europa, dezenas de exposições individuais e colectivas e o Prémio Jubileu do Turismo obtido no VII Salão de Outono, imprimem a Paulo Vilas Boas dinamismo e um interessante percurso, razões que justificam que a Fundação Eng. António de Almeida se tenha empenhado na edição da monografia que foi lançada no dia da inauguração.

Escreveram sobre a obra deste pintor, entre outros, Alfredo Margarido, Joaquim Matos Chaves, Fernando Lanhas, Óscar Lopes e Nuno Lima de Carvalho. Este último refere que «a linguagem pictórica de Paulo Vilas Boas foi evoluindo no decurso das duas dezenas de anos em que se delimitam os trabalhos reproduzidos neste album, desde um impressionismo ainda tosco nas figuras, mas de um colorido já muito certo, dos seus primeiros trabalhos, até aos seus quadros mais recentes, de formas simplificadas, cromatismo de tonalidades complementares muito próximas e correctas, com uma certa paixão pelos azuis e cinzas, com algumas tonalidades quentes à mistura (...)».

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até 30 de Junho, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII. Até 31 de Maio, Desenhos e Aguarelas de Toulouse-Lautrec.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: a exposição "Inigualáveis", Joias de Filomeno. Como "Joia do Mês", Coen Mulder e Nel Linssen (da Holanda). Patentes, ainda, neste Museu: "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", "Leques-Pintura de Manuel Baptista, "Aspectos do Traje Popular nos Arredores de Braga" e "Técnicas de Tecelagem e Estampagem Manual".
MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente "Núcleos dos Séculos XVI e XVII; Cerâmica no AR. CO.
MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios-reflexões pós-modernistas". Trata-se de um acontecimento científico de significativa importância, na medida em que os objectos expostos constituem a única colecção etnográfica da Melanésia existente no nosso país. O acervo foi recolhido naquela área do Pacífico Ocidental nos princípios do século e é agora apresentada pela primeira vez ao público.
PALÁCIO GALVEIAS(Campo Pequeno): a exposição "Crianças de todo o Mundo pintam Jerusalém"
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS (Av. Infante D. Henrique): exposição de Pintura e Escultura do património da Caixa Geral de Depósitos, no âmbito das comemorações do Bicentenário do Ministério das Finanças.
GULBENKIAN (Exposições Temporárias): a exposição "50 Anos de Pintura Espanhola (1880-1930)".
GULBENKIAN (Galerias de Exposições Temporárias): a exposição de fotografia "Encontos com o Narciso", de Jorge Narciso. No Piso 0, pintura de Júlio Resende.
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): serigrafias de Patrck Caulfield e pintura de Bernardo Marques.
FORUM PICOAS: a "Mapfre Vida " apresenta uma exposição de Pintura de Luis Fancisco Esplá, com o patrocínio da Embaixada de Espanha em Portugal e do Real Clube Tauromáquico Português.
GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 29 de Maio, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de Helena San Payo.
GALERIA D' ESAGUY (R. Garcia da Horta, 71-C - Forum Lapa): até 5 de Junho, uma exposição de aguarelas e tinta indelével do artista norte-americano H. Michael Wieben. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 6 de Junho, "L'imagination" - pinturas recentes de José Paulo Ferro.
GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 2 de Junho, de segunda a sexta das 16 às 20, o "realismo fantástico" de José Luís Sardinha.
GALERIA DE S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até final de Junho, óleos recentes de Lima Carvalho.
LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 17 de Junho, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "A Marat" de Rui Sanches
GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): até 2 de Junho, de segunda a sábado das 14 às 19, pintura de Isabel Sabino.
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 10 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, óleos sobre tela de Tomás Santos Maia.
GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 13 de Junho, uma exposição com desenhos da autoria de treze ilustradores do semanário "O Independente". A exposição chama-se "Blind Date"
BAR-RESTAURANTE BOHEMIA (Cª Marquês de Abrantes, 38-A): até 3 de Junho, pintura de Heitor Pais.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. Cruz dos Poais, 111): Pintura recente de Jorge Martins.
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): na Galeria de Arte Moderna (1º andar), até 28 de Maio, pintura de Martinez, trabalhos realizados em 1988-89.
GALERIA ANTÓNIO CLARA (Av. da República, 38): até 5 de Junho, das 15 às 23 horas, Pintura de Manuela Pinheiro e Oskar Pinto Lobo.
GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE (R. Nova da Trindade, 20-C): exposição de azulejos de Jorge Nascimento.
GALERIA 2.062 (Amoreiras Shopping Center): até 30 de Maio, todos os dias das 15 às 23, óleos de Ramanefer.
GALERIA "DN" (R. António Maria Cardoso, 41): até ao fim do mês, desenho e pintura de Louro Artur.
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14): até 17 de Junho, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Mourão.
IADE (Palácio Pombal, Rua do Alecrim, 70): "Ideias de Vidro" - a indústria e o mercado vivem de ideias.
GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9 ,às Janelas Verdes): até 1 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, a exposição de aguarelas "Elementos da Natureza" com trabalhos de Brigitte Papi, Claudine, Ghislaine Tournier e Louisette Legouix.
GALERIA MULTIFACE (C:C. Gemini loja 65-R. Sousa Lopes): Pintura de Felippa Lobato.
GALERIA ÍCARO (R. Presidente Arriaga, 70): até 31 de Maio, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, a exposição "O Abraço", de Martins Pereira.
GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 21 de Junho, pintura de Jean Miotte.
CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 31 de Maio, de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20, Fotografias de António Leitão Marques.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 6 de Junho, uma exposição de António Carmo subordinada ao tema "Movimento e Fantasia", com quinze trabalhos a óleo.
GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 4 de Junho, uma exposição de Pintura com obras de A. Barros, Cargaleiro, Cesariny, Justino Alves, Rui Filipe, raul Perez e Paulo Ossião.
RESTAURANTE "O MADEIRENSE" (Centro Comercial Amoreiras): até 30 de Maio, Carlos Luz expõe "Usos e Costumes Madeirenses", pirogravura sobre madeira.
CASA DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): até 26 de Maio, Pintura de sacramento intitulada "Longeperto...".
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Maio, duas exposições individuais organizadas por João Pinharanda (cortesia da Galeria Atlântica do Porto, com apoio da SEC): pinturas de Pedro Tudela e Trabalhos recentes - "Gleich und gleich" de Gerardo Burmester.
GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 5 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 20, Pintura de Maria Bela Garnel.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 ao Quelhas): até 12 de Junho, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20, Pintura de José Escada.
MÓDULO DE LISBOA (Cª dos Mestres, 34-A): até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20 horas, pintura de Ruth Rosengarten e, no espaço B, desenhos de João Salema.
GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 27 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13, Escultura de Ascânio MMM.
GRAVURA (Cooperativa de Gravadores Portugueses-Tv. do Sequeiro, 4 r/c): até 31 de Maio, aguarelas de Chino.
GALERIA TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. da Academia das Ciências, 2-J): tapeçaria e escultura de Jorge Martins.
GALERIA YGREGO (York-Espaço 8-Av. António Augusto de Aguiar, 13-C): uma exposição de Pintura de Eduardo Luís.
GALERIA YELA (R. Rodrigo da Fonseca, 103-B): até 26 de Maio, pintura, tapeçaria e escultura de Stella de Brito.
IADE (Palácio Pombal-R. do Alecrim, 70): exposição de design gráfico.
GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-**Oeiras**): até 6 de Junho, gravura de Carlos Calado.
PALÁCIO ANJOS (Algés): até 11 de Junho, na sala pequena, pinturas de Maria Teresa Cañizares e Ana Paula Pereira; na sala grande, 55 quadros de Martins Gomes (os retratos, os nus, as naturezas mortas, até aos cenários parisienses da "Belle Époque").
PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: na Sala das Galés, para assinalar o Dia Internacional dos Museus, o I Salão de Novos Artistas Portugueses.
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-**Sintra**): até 24 de Maio, a exposição "Partir de Dentro", pintura desenho, modelismo, construçaõ em madeira e escultura de madeira de Jaoquim dos Santos, Fernando ferreira, Mário Albano e Vasco Abreu (reclusos do Estabelecimento Prisional de Sintra).
MUSEU REGIONAL DE SINTRA-PALÁCIO DO TURISMO: até 28 de Maio, de segunda a sexta das 9,30 às 12 e das 14 às 18, aos sábados e domingos das 14 às 18, Pintura de Alice Alves Diogo.

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 76 61 71 / 76 61 78 / 76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia. 64-C (T. 702226); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT: Reis**, R. Pedro Bandeira, 2-A (T. 7597432); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 479220).

REFORÇO — AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Neoterapia**, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-63 (T. 327067); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, R. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **MIRATEJO: Biotifar**, R. Bernardo Santareno, 21 (T. 253635). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, R. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243729). Permanente; **SEIXAL: Alves Velho**, L. de Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo Marques**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, R. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 24325). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Ribeiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 4430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote A-3 (T. 4377205). Permanente; **QUELUZ DE BAIXO: Albergaria**, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 (T. 4356487). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente. **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Até às 22 horas; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matinée ás 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

M. Estoril — T. M. Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo — Tel. 267 03 20
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«LISÍSTRATA», de Aristófanes. Tradução: Manuel João Gomes. Encenação: Carlos Avilez. Música original: Luís Pedro Fonseca. Apoio corporal: Jorge Stobbards. Cenários e figurinos: Ana Silva e Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Experimental
Todos os dias, às 21.45; sábados, às 16.00; domingos, às 16.30

«O BISPO NEGRO», de Alexandre Herculano. Encenação: António Guldyno. Direcção plástica e bonecos: Carlos Varela. Música: Paulo Matias. Luz e som: Miguel Correia d'Almeida. Caracterização: Sérgio Alxeredo.

1.º Acto Clube de Teatro

R. Eduardo Pedroso, 16-A, Algés — Tel. 211 50 33
Sexta e sábado, às 21.30

«A AMOSTRA DE COMÉDIA FRANCESA», de Labiche Feydeau. Encenação: Armando Caldas.

Teatro da Cornucopia

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«O PÚBLICO», de Federico Garcia Llorca. Encenação: Luís Miguel Cintra. Tradução: José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra, com a colaboração de Fernanda Abreu. Cenário e figurinos: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão. Guarda-roupa: Emília Lima.

Sociedade Recreativa

T. de Santo António, 14, Santos
De 2.ª a sábado, às 22.00

«A HIPÓTESE», de Robert Pinget. Por Diogo Dória, nas Escadinhas da Escola Superior de Belas-Artes, ao Chiado.

Teatro Maizum

Casa dos Tabuenses — R. Poiais de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66
De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«UM DEMÓNIO NA VITRINE», de Fialho de Almeida. Dramaturgia: Manuel João Gomes. Encenação: Silvina Pereira. Cenários: Frederido N. Ferreira. Figurinos: Marina Sá Nogueira. Música: Rua Luís Pereira. Apoio coreográfico: Margarida de Abreu. Desenho de luzes: Paulo Graça. Guarda-roupa: Isabel Magro.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

«QUEM TRAMOU O COMENDADOR?», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Delfina Cruz, Graça Brás, Virgílio Castelo, Luísa Barbosa e Carlos Gonçalves.

Instituto Franco-Portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ÀS SEIS O MAIS TARDAR», de Marc Perrier. Encenação: Alexandre de Sousa. Intérpretes: Mário Jacques e Vítor Norte.

Sociedade Portuguesa de Autores

Av. Duque de Loulé, 31 — Tel. 57 83 20
(Quarta, 1o, quinta, 11, sexta, 12, às 18.30/Entrada livre.)

O MARIDO AUSENTE, de Norberto Ávila, pelo **Teatro de Portalegre**. Ec.: Augusto Tello. Cen./Fig.: Mário Alberto.

Os Papa-Leguas

R. Prof. Santos Lucas, lote 1658, Benfica — Tel. 714 18 23
5.ª e 6.ª, às 18.30. Até dia 19 de Maio.

«BOLA DE SABÃO», de Maria João Trindade, Guida Rainha e Mário Jorge. Encenação: Mário Jorge. Figurinos: Fátima Franco. Música: José Calhau.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo e feriados, às 17.00
500$00

«A CASTRO», de António Ferreira. Encenação e cenários: Blanco Xil. Intérpretes: Francisco Soromenho, Alina Vaz, Teresa Corte-Real, Álvaro Faria, Ana Enes, Ana Saragoça e Francisco Brás (Estreado dia 20 de Abril de 1989).

Casa da Comedia

R. de São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99
De 5.ª a domingo, às 21.00; sábado e domingo, às 17.00

«O IRMÃO», de David Mourão Ferreira. Encenação: João d'Ávila. Cenários: Carlos Amado. Figurinos: Manuela Gonçalves. Intérpretes: Isabel Ruth, Maria João Luís, Luís de Castro e João d'Ávila.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A MARMITA DE PAPIN», de Clara Pinto Correia. Encenação: Fernando Gomes.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«OS RECRUTAS», de Neil Simon. Espaço cénico e encenação: João Mota. Figurinos: Carlos Paulo. Tradução: Teresa Lacerda. Intérpretes: Abel Neves, Alfredo Gonçalves, Carlos Paulo, Cucha Cavalheiro, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo Ferreira e Victor Soares.

Sala 2
6.ªs-feiras, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

«ESTILHAÇOS», sobre o texto de Mário de Carvalho «O Sentido da Epopeia». Pelo **Bando**. Versão, encenação e cenários: João Brites. Música: António Sousa Dias. Intérpretes: Márcia Breia, Maria Emília Correia e Pompeu José.

Café-Teatro
De 3.ª a 6.ª, às 22.00

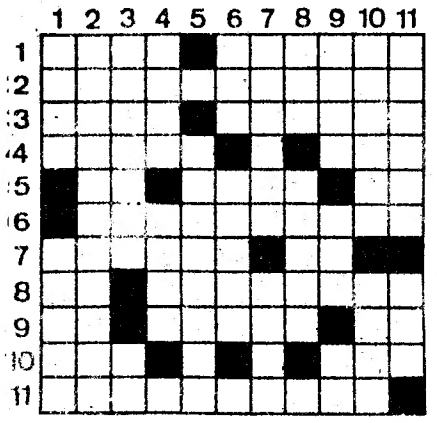
MAIS TARDE... HAVERÁ SEXO. Concepção/Direcção: Durval Lucena. Int.: Lucinda Loureiro, Teresa Roby, Ângela Pinto, Marinel Matos, João Senna, Miguel Abreu e Álvaro Correia. Produção: Metrópolis.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 462

HORIZONTAIS:

1 Pronome indefinido. Parte superior do corpo humano.
2 Afligiras.
3 Senhora. Nivela.
4 História. Ente.
5 Abreviatura de Santíssimo. Pátio. Nesse lugar.
6 Sobreviera.
7 Côdea. Outro nome da preguiça (animal).
8 Rénio (s.q.). Enxugasses.
9 Prefixo de negação. Cabrito de um ano. Germânio (s.q.).
10 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Cidade de França.
11 Coaremos.



VERTICAIS:

1 Pronome indefinido. Pecado.
2 Domesticaremos.
3 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Sentidas condolências.
4 Lavrai. Serra de Portugal.
5 Julgamento.
6 Planta cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos mandingas. Uma das ilhas Jónias.
7 Separe. Recue.
8 Cidade da Ucrânia. Poente.
9 Estavas. Aqui está. Rio de Itália.
10 Abrir casas (para botões). Aio de D. Afonso Henriques.
11 Guarneceria de asas. Pronome possessivo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 461**

HORIZONTAIS:

1 BOM. Cravara.
2 Adoar. Missa.
3 LIVRO. Or.
4 Saio. Trapos.
5 Aramar. Dará.
6 Árido. Al.
7 Abortar. Avô.
8 Mor. Na. Mai.
9 Amearas.
10 Mói. Egas.
11 Ás. Socados.

VERTICAIS:

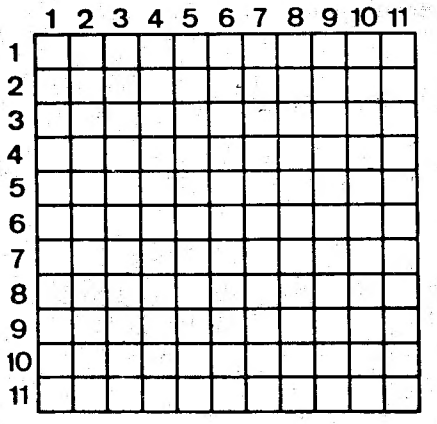
1 Balsa. Amada.
2 Odiar. BOM.
3 Movia. Orem.
4 Aromar. Aos.
5 Cró. Art. Rio.
6 Triana.
7 Amor. Dras.
8 Virado. ED.
9 Ás. Pá. AMIGO.
10 Rs. Orava. As.
11 Aa. Saloias.

PROVÉRBIO: Bom livro, bom amigo.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 649

HORIZONTAIS:

1 Região ao Sul da Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
2 Animal bovino, do sexo masculino, adulto e não castrado. Centiare.
3 Ruim. Feições.
4 Carregaremos.
5 Boneca (pop.). Combinais.
6 Cordeiros.
7 Motim das ruas. Sufixo que designa estado.
8 Cólera. Sistema.
9 Miriare. Alterar.
10 Prefixo de negação. Alternativa. Pães de milho.
11 Pertences. Tempo do verbo ser.



VERTICAIS:

1 Cidade dos Estados Unidos. Um milhar.
2 Laço. Pronome pessoal. Saem frequentemente à rua.
3 Fluir.
4 Pequena árvore da família das mirtáceas, de frutos comestíveis frequente no Brasil e cultivada em Portugal. A voz do lobo e de outras feras (pl.).
5 O lado do vento. Cidade da Suíça.
6 Fechar.
7 Mulher que se intromete em tudo. Concelho do distrito de Cabo Delgado.
8 Bisnaga. Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
9 Filtras. Cupido.
10 Costurei. O sono das crianças.
11 Cabelos brancos. Aspecto amável.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 648**

HORIZONTAIS:

1 Canas. Aparo.
2 Ataca. Irais.
3 Musa. Uses.
4 Pá.
5 Amorteceram.
6 Mo. Sá. Ele.
7 Com. Miomas.
8 Ta! Eco.
9 Erin. Lusas.
10 Oprimam. Ter.
11 Rã. Arredara.

VERTICAIS:

1 Campas. Teor.
2 Atuam. Carpa.
3 Nas. Omo. Ir.
4 Aca. Roménia.
5 Sá. At. Mr.
6 Esmolar.
7 Ais. Cai. Ume.
8 Prevê. Ois.
9 Aas. Rem. Ata.
10 Ri. Sala. Ser.
11 Osa. Mesa. Ra.

Rádio

Antena Um

14.30: Gerações por minuto, especial Europa; **18.30**: Antena 1, Europa, balanço; **19.00**: Informação e música; **20.00** : No estúdio e no estádio; **20.15** : Musical; **20.30**: O som dos negócios; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; **17.30**: Trechos de óperas e operetas; **18.40**: Concerto, n.º 1, para piano e orquestra, de Serguei Prokofiev; **19.00**: Integrais; **19.48**: Música sinfónica; **20.40** : Sonata, n.º 3, para piano, de Scriabin; **21.00** : Obras de autores menos conhecidos; **23.00** : Os anos 80; **00.00**: Reportório de clarinete; **01.08**: Ao serão com a família Bach; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

17.00: Contacto; **19.00** : Peça que a gente passa; **21.00**: Pela estrada fora; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30** : Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Fantástico; **02.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00** : Ao fim e ao cabo; **20.00**: Topo de gama; **22.00**: Pessoal e transmissível; **00.00**: Morisson Hotel; **01.00**: Som da frente; **03.00** : Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30** : Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00** : Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55** : Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00**: Atlântida; **20.00** : Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30** : Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00**: Bola branca; **18.30** : Transmissão do terço; **19.00**: Nordeste magazine.

TELEVISÃO

RTP 1

17.25 - Brinca Brincando
«Le Piaf», «As Viagens de Guliver», «As Aventuras de Punqui» e «Os Três Mosqueteiros».

18.25 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricando
45º Episódio

21.00 - Anzacs - Heróis de Guerra
Anzacs é uma série de cinco episódios que nos conta a história de um grupo de soldados e de enfermeiras, durante a I Guerra Mundial. Os Anzacs eram um Corpo de Exército da Austrália e da Nova Zelândia, que lutou bravamente durante os quatro anos que durou a guerra e que se cobriu de glória, escrevendo uma página brilhante nos anos da guerra.

Esta série relata-nos as suas esperanças e as suas aspirações, os seus conflitos e as suas relações de amizade. Há momentos de comédia, drama, acção e romance.

Realização: Jeorge Miller

22.55 - Portugal Passado e Presente
Lagoa Henriques leva-nos hoje à ilha de S. Miguel.

23.25 - 24 Horas
23.55 - Remate

ANTENAS PARABÓLICAS
Sinal
Telf. 892945-884650

RTP 2

16.55 - Sinhá Moça
65º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...
18.05 - Os Jovens e a Lei
Susan Atherton, uma jovem de dezasseis anos, conhece o verdadeiro valor da amizade quando é presa por ter sido acusada de ter cometido um crime. Porém, é libertada devido à intervenção de duas amigas e de uma advogada.

18.55 - Music Box Especial

No 1º canal às 20.20, o 45º episódio da telenovela «Sassaricando»

19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Acerto de Contas
O Fundo Social Europeu e a Formação Profissional são os temas em debate neste magazine de economia, semanalmente apresentado por António Perez Metello.

22.00 - Teatro Estrangeiro
«O Velho Comandante» é uma comédia que se ocupa do clima e desencanto existente na classe alta em Inglaterra, no princípio da I Guerra Mundial. A jovem Ellie Dunn vai visitar a sua amiga Hensiane Hushabye na esperança de passar uns disas tranquilos. No entanto, os acontecimentos desenrolam-se de forma agitada. A casa do capitão Shotover, um velho bem disposto e inteligente, chegam os mais variados tipos de pessoas que se têem de sujeitar às suas regras. De salinetar os desempenhos de Rex Harrison e Amy Irving, que nos mostram, como duas gerações tão diferentes e distantes na vida, podem ter uma compreensão comum das características do mundo moderno.

Realização: Anthony Page

«Os Intocáveis, no 2º canal às 19.55

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Bom-Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Dallas
14.15 - Os Filhos dos Flintstones
14.40 - Um Certo Sorriso
15.10 - Bruce Springsteen
16.05 - Os Roberts
16.30 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia (Lisboa)
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricando
21.15 - Jogo Duplo
22.10 - Primeira Página
23.10 - Armadilhas
23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate

RTP-2
15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Século XX
16.25 - Primeiro Andamento
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - Music Box
«Via Rápida»
19.00 - Music Box
«Off the Wall»
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cine Magazine
21.55 - CinemaDois
«Fim de Semana no Ascensor»

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

LOEWE. seleccionou para si...

RTP 1 — Anzacs - Heróis de Guerra

RTP 2 — Jornal das Nove

Representante Continente e Ilhas

PORTO Telef. 9515003 — SGO — LISBOA Telef. 777824

PORTE PAGO

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 3474870 (9 linhas de busca automática)
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro: 3474870; Controlo (Produção): 3474871; Redacção: 3474872-3474873;
Produção: 3474874; Montagem: 3474875; Rotativa: 3474876; Expedição: 3474877; Manutenção: 3474878.
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00

DEPOSITO LEGAL 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

ÚLTIMA HORA

O Partido Socialista considerou esta manhã que os professores têm «toda a razão» na greve de três dias que hoje desencadearam e atribui ao Governo toda a responsabilidade pela perturbação que vier a afectar as escolas. O socialistas revelaram-se preocupados com a situação nas escolas e consideraram «escandalosa» a atitude do Governo face aos professores.

Metro circula amanhã

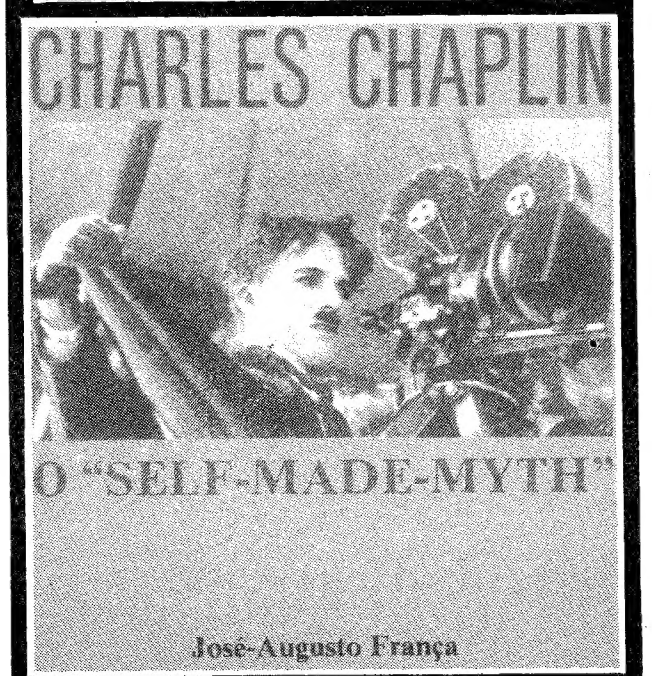
O metro vai circular de novo amanhã entre as estações da Rotunda e do Colégio militar, depois de ter estado encerrado naquele troço quase duas semanas. O anúncio desta decisão foi feito ontem por uma fonte da empresa e será confirmado publicamente esta tarde em conferência de imprensa, se entretanto, resultarem positivos os ensaios de circulação sem passageiros que estão a ser feitos durante o dia de hoje.

Estes ensaios - que são um «procedimento habitual nestas circunstâncias», conforme referiu Castro e Sola, das relações públicas do Metropolitano de Lisboa - vão apurar as condições em que se encontra a galeria, no que diz respeito à infiltração de gasolina que motivou a interrupção na circulação.

O mesmo responsável, contactado esta manhã pelo «DL», não quis adiantar se o Metro vai pedir indemnizações a alguém - nomeadamente à Petrogal - remetendo essa comunicação para o encontro com os jornalistas.

A fuga de combustível para o túnel do metro ficou a dever-se a uma ruptura num depósito de gasolina

CENTENÁRIO DE CHARLOT



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda — Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
Charles Chaplin (1240$00) (b).
Nome _____
Morada _____
Código Postal _____ Telef.: _____

Edição Livros Horizonte Tel.: 36 69 17/36 85 05
Distribuição DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02 MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A. ®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

/D/E/C/A/R/A/S/

ALBERTO JOÃO JARDIM afirmou em entrevista ontem publicada pelo «Comércio do Porto» que Cavaco Silva tem de substituir a sua 'entourage' política, com destaque para Fernando Nogueira que merece as honras de figura central da diatribe em que a acção governamental e política do PSD são o tema geral. «O professor Cavaco Silva está rodeado de gente, ditos conselheiros políticos, que de política não percebem nada. Nem a recruta fizeram. Ou melhor, o que eles sabem é conspirar e induzir o Primeiro-Ministro», comentou o líder madeirense. Sobre a recusa de remodelação governamental por parte de Cavaco, Jardim manifestou o seu entendimento de que «está a cometer um grave erro e a correr riscos desnecessários». Mas o chefe do PSD nacional não será ameaçado pelo madeirense nos próximos seis anos, período que Jardim ainda dedicará à salvação do seu arquipélago de duas ilhas e vários ilhéus. Depois, sim, analisará «a oportunidade de entrar numa luta política a nível nacional, mesmo que o PSD não queira». Mais trágico, ainda, é o balanço do resultado da estratégia política seguida: diz Jardim que estão criadas «as condições para que o PSD seja obrigado a apoiar a recandidatura de Soares», porque desde o princípio «deixou que o discurso de regime de Mário Soares prevalecesse em todas as latitudes e longitudes de Portugal». Ou seja, mesmo na Madeira, a menos que o arquipélago tenha sido subtraído à soberania nacional...

Dois no Totoloto, um no Totobola

Milhares de contos para os totalistas

Dois totalistas no Totoloto, um no Totobola: são estes os resultados dos palpites da semana finda (sábado e ontem) dos jogos a que os portugueses se acostumaram, sem grandes variações. Cerca de 26 mil contos para os primeiros, 15 mil para o segundo.

As surpresas da última ronda do futebol nacional determinaram que apenas um totalista fosse apurado neste concurso: um anónimo de Azeitão que embolsará mais de quinze mil contos.

Quanto ao Totoloto, os números sorteados (24-25-28-33-38, mais 5) permitiram o apuramento de dois totalistas, não estando posta de parte a hipótese desse número subir para três. A serem apenas dois os totalistas, a cada um tocarão pouco mais de 26 mil contos.

Um dos dois totalistas é anónimo e de Esmoriz, concelho de Ovar. O outro chama-se Carlos Correia e entregou o seu boletim na Lousã.

Cada um dos que acertaram em cinco números, mais o «7» terá direito a 3 241 contos se forem 7 e a 2 836 conto caso venham a ser apurados oito. Com cico números há entre 747 e 750 candidatos, cabendo a cada um cerca de 72 mil escudos. Quarto prémio: mais de 42 838 apostadores, mil e duzento e tal escudos a cada. Cento e nove escudos é o montante previsto para os «clientes» do «3»- que são muitos, como sempre: mais de 809 mil.

Voltando ao Totobola: com doze símbolos perfilam-se 110 concorentes, havendo 137 mil escudos para cada.

ATARI
AUTO EDIÇÃO
COMPOSIÇÃO GRÁFICA
ABC — INFORMÁTICA
Rua dos Sapateiros, 160 - 2.º
Telef. 32 50 70 1100 LISBOA